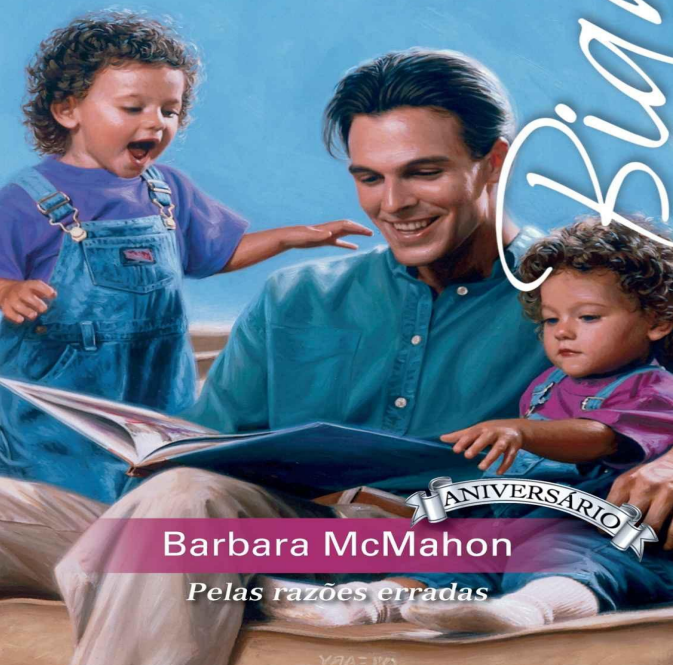


 HARLEQUIN®

Bianca®



ANIVERSÁRIO

Barbara McMahon

Pelas razões erradas



Bianca®

Barbara McMahon
Pelas razões erradas

Editados por HARLEQUIN IBÉRICA,
S.A.

Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 1998 Barbara McMahon

© 2014 Harlequin Ibérica, S.A.

Pelas razões erradas, n.º 1439 - Agosto
2014

Título original: Daddy and Daughters
Publicado originalmente por Mills &
Boon®, Ltd., Londres.

Publicado em português em 2001

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Bianca e logótipo Harlequin são marcas registadas

propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países. Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-687-5364-5

Editor responsável: Luis Pagni

Conversão ebook: MT Color & Diseño
www.mtcolor.es

Sumário

[Página de título](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

Capítulo 10

Volta

Capítulo 1

Jared Hunter respirou fundo, enquanto as portas do elevador se abriam. Entrou na sala de escritórios, repleta de mesas separadas unicamente por biombos e encaminhou-se para o seu gabinete. Por um instante, lamentou não ter adiado aquele momento. Segurando com força a sua pasta, continuou a andar, ignorando as cabeças que se viravam para ele.

– Lamento o que sucedeu à senhora Hunter – disse Jeb, da sua secretária.

Julie Myers levantou-se quando ele

passou e olhou-o com expressão séria e triste.

– Lamento, Jared – declarou, com delicadeza.

Ele anuiu e continuou a andar. Ainda atordoado com o acontecimento recente, ansiava por encontrar a solidão do seu escritório. Era difícil de acreditar que MaryEllen estivesse realmente morta. Não sabia que as pessoas ainda podiam morrer de pneumonia na atualidade. Com os progressos da medicina, como era possível que não tivessem diagnosticado a doença a tempo?

– Estás bem, Jared?

Helen Walter, a sua secretária, levantou-se da secretária que ocupava na antessala do seu escritório e

aproximou-se dele.

Jared anuiu.

– Foi uma viagem horrível, mas, pelo menos, já estou de volta. Como é que vão as coisas por aqui?

– O moral está bastante em baixo. Mas, com a rápida expansão dos últimos três anos, só os empregados mais antigos conheceram MaryEllen pessoalmente. Mas todos sabem que era a outra sócia.

Reparando que a sua secretária evitara mencionar o óbvio, que MaryEllen também fora sua esposa, Jared entrou no seu escritório. Em cima da mesa, tinha um monte de correio acumulado.

Rodeou a secretária e pousou a mala atrás da cadeira. A vista do entardecer na baía de São Francisco não lhe chamou a atenção, enquanto dava uma vista de olhos ao trabalho que o esperava. Estava tão cansado!

– Acabas de chegar? – perguntou Helen da porta.

– O avião aterrou há uma hora e vim diretamente para aqui.

– A sério que te sentes bem? Sei que durante os três últimos anos MaryEllen e tu viviam a três mil quilómetros de distância, mas era a tua esposa.

Jared fitou a sua secretária.

– Sabes que era apenas uma formalidade legal, Helen – após uma

pausa, acrescentou: – Os mexericos estão a circular?

– Não mais do que o habitual. Os que estão cá na empresa desde o princípio asseguraram-se de que os que vieram depois soubessem que só se casaram para facilitar o funcionamento da Hunter Associates. Alguns dos mais novos podem não o saber. Como vivia em Nova Iorque, não chegaram a conhecê-la.

Jared aquiesceu enquanto pegava num envelope com um post-it colado na parte da frente.

– O que é isto? – o resto da correspondência já estava aberta.

– Telefonaram todos os dias durante as duas últimas semanas. Ontem

recebemos uma carta registada. Tentei explicar-lhes porque é que não conseguíamos localizar-te em Bangucoque. Não pareciam estar a par do tufão.

Jared encolheu os ombros. Depois despiu o casaco, pendurou-o nas costas da cadeira e sentou-se.

– Alguém daqui foi ao funeral?

– Não. Mas quase todos os de Nova Iorque foram. Bob Mason enviou um relatório. Está junto do resto do correio. Não te culpes por não teres ido, Jared. Se tivesses podido, terias ido. MaryEllen teria compreendido.

– Porque é que estes advogados andam à minha procura? – Jared não

queria falar sobre os motivos por que não pudera ir ao enterro. Fizera o possível, mas o destino decidira que não podia ser. Tinha acabado tudo e devia seguir em frente. A sua raiva contra o destino tinha passado e uma filosófica calma substituíra-a. Se havia alguém que compreendesse os problemas que podiam surgir num negócio, essa pessoa seria MaryEllen.

– Não me disseram. Limitaram-se a insistir que tinham de entrar em contacto contigo. Dei-lhes o teu número de telefone de Banguécoque para que comprovassem por si mesmos porque é que não te conseguíamos localizar. Já sabes como são os advogados, não acreditam em ninguém. Mas não sei

porque é que se mostraram tão desconfiados.

– Obrigado, Helen.

– Avisa-me se precisares de alguma coisa.

– Está bem.

Jared voltou a pegar no envelope quando Helen saiu do escritório. Estava estafado. Se fosse um homem supersticioso, ter-se-ia convencido de que o negócio comercial que tinha em mãos estava amaldiçoado. A viagem começara logo mal, devido a uma avaria no avião que acabou com uma aterragem de emergência em Wake Island. Depois, seguiu-se o saltitante voo para Bangucoque e o consequente caos na

alfândega. O mau tempo perseguira-o desde que saíra do aeroporto. O hotel em que fizera uma reserva ardera na véspera da sua chegada e teve de procurar outro alojamento, antes que o tufão chegasse. Acabara de informar o seu escritório da mudança de local quando um vento terrível e as chuvas torrenciais do tufão Initi desabaram. Recebeu a notícia da morte de MaryEllen poucas horas antes de o tufão atingir a sua força máxima. Os aeroportos ficaram paralisados e as comunicações foram cortadas. As ruas ficaram inundadas. Produziram-se inumeráveis acidentes de todos os tipos. Passaram-se dias antes de se voltar à normalidade, antes de conseguir entrar

em contacto com o escritório para comunicar que chegaria no primeiro voo disponível.

Tamborilou com os dedos na secretária, desejando quantificar os seus sentimentos quanto à morte de MaryEllen. Abanou a cabeça, impaciente. Tinham estado casados durante mais de seis anos. Apesar de o seu casamento ter sido fundamentalmente um acordo comercial, MaryEllen fora uma amiga e, noutros tempos, também sua amante. Provavelmente, o cansaço estava a turvar-lhe as emoções. A comoção inicial ao saber do sucedido fora substituída pela incredulidade.

MaryEllen tinha vinte e nove anos. Era demasiado nova para morrer. Sobretudo tendo em conta que estava prestes a alcançar as metas que se propusera. Há mais de um ano que não a via, mas falavam frequentemente por telefone e mantinham-se em contacto através do correio eletrónico. Casados durante seis anos, separados por um continente nos últimos três, a relação não dera muito de si, exceto nos negócios. MaryEllen brilhava nesse terreno. A ideia de expandir o negócio fora dela e insistira em mudar-se para Nova Iorque para instalar uma nova sucursal. As coisas correram a voar desde então. Depois de deixar São Francisco, nunca mais olhou para trás, nunca regressou, nem sequer

para uma visita rápida. E ele não sentira a falta dela. Agora sentiria, embora fosse apenas a nível profissional. Suspirou e abriu a carta registada e leu lentamente o conteúdo.

Atordoadado, voltou a lê-lo. Incrível!

– Helen! – exclamou.

Leu a carta pela terceira vez. Tratar-se-ia de alguma brincadeira? Como...?

– Helen!

A porta do escritório entreabriu-se. Jared encontrou o tímido olhar de Cassandra Bowles.

– Desculpa, Jared, mas Helen saiu por um momento. Posso ajudar-te em alguma coisa?

Jared levantou-se e estendeu-lhe a

carta.

– Lê isto e conta-me o que diz.

Cassandra entrou no escritório com uma pasta na mão. Tinha ido ao escritório de Jared na esperança de que ele tivesse uns minutos para falar sobre a fusão da GlobalNet. Ao ouvi-lo a chamar por Helen, procurara a secretária com o olhar. Quando o ouviu a voltar a chamá-la, pensou que alguém deveria responder. Avançou para a secretária e pegou na carta. Impaciente, Jared passou uma mão pelo cabelo. Cassandra olhou para a carta. Tinha começado a trabalhar para a Hunter Associates há dois anos, assim que se licenciara em Berkley. Contudo, o seu contacto com o sócio maioritário da

empresa fora mínimo. Afinal de contas, ela era uma simples analista. Contemplou Jared, atordoada, sem perceber por que razão queria que lesse aquela carta.

– Parece que uns advogados de Nova Iorque não compreendem porque é que não vais buscar as tuas filhas gémeas – deveria deduzir algo mais sobre a carta?

– Maldição! – Jared voltou a sentar-se, sem parar de a fitar. – Gémeas.

Cassandra sentou-se na cadeira diante dele e olhou-o com expressão séria.

– Parece... Tenho a impressão de que não sabias que tinhas duas filhas gémeas.

– Não fazia a mínima ideia – era

possível que MaryEllen tivesse tido duas gêmeas dele e não lhe tivesse dito?

Cassandra não disse nada. Jared pegou novamente na carta e marcou o número de telefone que aparecia na carta. Tocou interminavelmente.

— São cinco da manhã em Nova Iorque — salientou Cassandra, com delicadeza.

Jared desligou, aquiescendo. A última coisa que esperava naquele dia era descobrir que era pai. Porque é que MaryEllen não lhe tinha dito nada?

— Precisas de mim? — perguntou Helen da porta.

— Tens a certeza de que nenhum destes advogados te disse a razão por que queriam falar comigo? — inquiriu Jared,

assinalando o envelope com um gesto impaciente.

A secretária confirmou-o.

– Lê isto – Jared atirou a carta para cima da mesa.

Helen olhou para Cassandra, enquanto se aproximava para pegar na carta. Quando a leu, os seus olhos abriram-se desmesuradamente.

– Parabéns, Jared. És pai.

– Achas?

Helen olhou-o, confusa.

– É o que diz aqui, não é?

– Sabes que MaryEllen se mudou para Nova Iorque há quase três anos. A menos que já estivesse grávida quando partiu, as gémeas não podem ser minhas.

Helen voltou a encarar Cassandra.

– Talvez seja melhor falarmos disto mais tarde, depois de entrares em contacto com os advogados.

– São pouco mais de cinco da manhã em Nova Iorque. Terei de telefonar amanhã.

– Podes tentar localizar algum deles em casa – sugeriu Cassandra.

Jared contemplou-a.

– Boa ideia – virando-se para Helen, acrescentou: – Tenta arranjar o número de telefone de casa de um dos advogados.

Quando Helen se retirou, Cassandra levantou-se da cadeira e estendeu a pasta que levava consigo a Jared.

– Suponho que não poderás dar atenção a isto agora, mas são as avaliações que fizemos sobre a conta da GlobalNet. Acho que são sólidas, um pouco ambiciosas, mas possíveis. Temos sido cautelosos para não apanharmos surpresas.

Jared pegou na pasta e recostou-se na cadeira. Pequena, com o cabelo preto e brilhante, Cassandra era a personificação da jovem executiva em ascensão. Usava sempre o cabelo apanhado. Uns óculos grandes, de armação escura, pendiam-lhe no nariz. Irrespeitosamente, Jared pensou que lhe davam um ar de mocho, tentando ocultar sem êxito os seus olhos. Grandes e

escuros, emoldurados por longas pestanas, eram o seu melhor traço. Deslizou o olhar pelo seu pulcro fato azul-escuro e pela blusa branca. A perfeita mulher de negócios, com toda a sua energia orientada para o trabalho e a sua feminilidade reprimida. Como MaryEllen. Seria tão ambiciosa como ela? Estaria tão exclusivamente centrada no trabalho?

Abriu a pasta e folheou-a, mas a sua mente não estava concentrada nos números. Gêmeas. Sentia-se completamente atordoado. Seria possível? Se MaryEllen estava grávida quando partira de São Francisco, porque é que não lhe dissera nada? Não podia acreditar. Contudo, a carta era muito

clara.

– Todos nós lamentamos a morte da senhora Hunter – declarou Cassandra.

Jared olhou-a longamente. Como deveria responder àquilo? Provavelmente, os empregados esperavam encontrar um marido pesaroso. Mas Helen dissera que compreendiam o seu casamento. Lamentava a perda de uma amiga próxima, de uma sócia importante no negócio. Contudo, agora tinha a sensação de não ter conhecido realmente MaryEllen. Qual seria a história das gémeas?

– Obrigado – disse. O que queria era ir para casa, servir-se de um bom copo

de uísque e dormir doze horas seguidas. Mas esperaria para ver se Helen conseguia localizar algum dos advogados de Nova Iorque para averiguar o que se passava.

– Linha um – a voz de Helen surgiu no intercomunicador. – Senhor Randall.

– Daqui fala Jared Hunter – disse imediatamente Jared, indicando a Cassandra que voltasse a sentar-se.

– Estamos há mais de uma semana a tentar localizá-lo, senhor Hunter – o advogado tinha um claro sotaque nova-iorquino.

– Pelo que sei, a minha secretária explicou-lhes onde estava. O aeroporto de Banguécoque esteve fechado até há pouco.

– Está de volta aos Estados Unidos?

– Cheguei há uns minutos ao meu escritório e encontrei a sua carta. Que tipo de brincadeira é esta?

– Não é nenhuma brincadeira, senhor Hunter. Ashley e Brittany Hunter são suas filhas.

– Não tinha ouvido falar delas – Jared contemplou Cassandra, que tinha o olhar baixo, como se tentasse passar despercebida. Discreta.

Houve um momento de hesitação do outro lado da linha.

– Eu sei. Segundo parece, a senhora Hunter receava que o senhor insistisse para que outra pessoa se encarregasse dos escritórios em Nova Iorque, se

descobrisse a verdade. Gostava muito do seu trabalho e não estava disposta a renunciar a ele em troca de uma maternidade a tempo inteiro. E não foi uma má mãe.

Soava à conversa típica de um advogado. Jared fechou os olhos. MaryEllen tinha razão. Ele teria movido mundos e fundos para a fazer permanecer em São Francisco, se soubesse que estava grávida. E, provavelmente, ter-lhe-ia exigido que renunciasse a parte das suas atividades na empresa. O lugar de uma mãe era com os seus filhos.

— Que idade é que têm? — perguntou, sentindo uma ansiedade repentina. Seriam realmente suas? MaryEllen ter-

lho-ia ocultado apenas para continuar a progredir no mundo dos negócios?

— Dois anos e um mês, mais ou menos. Tenho o relatório no escritório. Amanhã de manhã poderei verificar a sua data de nascimento. A senhora Hunter deixou claro que as meninas eram suas e que não o tinha informado do seu nascimento. Esperávamos que o senhor viesse ao funeral e à leitura do testamento. A verdade é que ainda não o lemos. As crianças de dois anos ainda não entendem e ela deixou tudo o que tinha às suas filhas, sendo o senhor o fiduciário. Podemos esclarecer os pormenores quando vier.

— Onde é que estão as gémeas agora?

– perguntou Jared, tomando consciência da gravidade da situação. Era pai. Tinha duas filhas que desconhecia e que agora dependiam por completo dele. Mas não sabia nada sobre ser pai. Fixou o olhar em Cassandra, sentindo que ela era a única coisa real num mundo que repentinamente tinha começado a girar descontroladamente. A sua atitude calma tinha um efeito relaxante.

– Não as quisemos deixar a cargo de nenhum desconhecido e uma das rececionistas do escritório aceitou encarregar-se delas. Tem filhos e sabe cuidar de crianças, mas a situação prolongou-se muito para além do que esperávamos.

– Tentarei apanhar um voo esta noite

e estar no seu escritório logo de manhã – anunciou Jared, desligando em seguida.

– Vou telefonar agora mesmo para o aeroporto – anunciou Helen do umbral da porta.

– Ouviste?

– O suficiente para saber que tens de ir para Nova Iorque. As gémeas são tuas?

– É o que parece. A idade encaixa. MaryEllen disse-lhes que eram minhas. Deixou tudo às meninas, comigo como tutor e fiduciário. Maldição! Que confusão! Não posso acreditar que não mo tenha dito.

– Eu posso. Terias aceitado que fosse para Nova Iorque abrir uma nova

sucursal, se tivesses sabido? – perguntou Helen e Jared fitou-a, negando com a cabeça.

– O que sei eu sobre gémeos, sobre crianças pequenas? – Jared esfregou os olhos.

– Vais precisar de alguém que te acompanhe – disse Cassandra. Ela sabia muito sobre crianças, mais do que quisera saber. – As crianças dessa idade são muito traquinas. Uma pessoa sem experiência teria dificuldade em lidar com uma num avião... quanto mais duas gémeas. As meninas devem estar alteradas com tantas mudanças e, provavelmente, sentirão a falta da mãe, o que as pode deixar mais inquietas – Jared e Helen olharam-na com evidente

interesse. Ela retribuiu-lhes o olhar. — Suponho que tencionas trazê-las para casa contigo.

— Se forem minhas filhas, não terei outro remédio.

Cassandra anuiu. Gémeas. Sorriu. Lembrou-se de uns gémeos de quem tomava conta quando tinha dezasseis anos. Eram tão traquinas! Costumavam mantê-la realmente ocupada.

— Mais algum sábio conselho? — inquiriu Jared.

Cassandra encolheu levemente os ombros.

— Tomei conta de muitas crianças. Se nunca o fizeste, podes não saber o que esperar.

Jared não podia acreditar, aquela personificação da mulher brilhante de negócios com filhos? Que ele soubesse, não era casada. Tentou lembrar-se da entrevista que lhe fizera há dois anos. Interessara-se muito mais pelas suas qualificações do que pelo seu estado civil. Mas tinha a certeza de que não era casada.

– Quando é que te dedicaste a tomar conta de crianças? – perguntou, num tom levemente irónico. – Noutra vida?

Cassandra anuiu. Numa vida que decidira deixar para trás para sempre, assim que se licenciara. Os dois anos anteriores tinham sido magníficos, sem crianças a exigirem a sua atenção,

crianças por quem se afeiçoava para depois ter de renunciar a elas. Agora estava a desfrutar do seu trabalho na Hunter Associates e as crianças não faziam parte dos seus planos.

– Ela tem razão, Jared. Vais precisar de ajuda. Precisarias mesmo que fosse só uma menina – declarou Helen. – Tentarei arranjar alguém que te acompanhe. Teremos de arranjar uma ama, apesar de a esta hora ser difícil conseguir uma.

– Faz o que puderes. E trata também dos bilhetes.

Cassandra levantou-se.

– Queres ouvir os meus planos sobre a GlobalNet enquanto esperas? Se gostares deles, poderia pô-los em

prática, durante a tua ausência.

– Vejamos o que tens – abriu novamente a pasta e começou a ler.

Quarenta minutos depois, recostou-se na cadeira. Esfregou os olhos com o indicador e o anelar, depois espreguiçou-se para libertar a tensão das costas. A perspetiva do uísque parecia-lhe cada vez mais atraente, com o decorrer do tempo.

O trabalho de Cassandra era realmente sólido. Curiosamente, ela tentava conceder o mérito ao grupo que dirigia, mas Jared sabia que todos eles seguiam as suas instruções. Era boa no seu trabalho. Calculara-o quando a contratara, há dois anos, quase um ano

depois de MaryEllen se ter mudado para Nova Iorque.

– Então, podemos pô-lo em prática? – perguntou Cassandra, com um brilho de ansiedade no olhar.

– Segue em frente. Bom trabalho – Jared era da opinião de que se devia elogiar quem merecia.

Cassandra sorriu. Jared sentiu que aquele sorriso lhe chegava até à ponta dos dedos dos pés. Os seus olhos faiscaram e, pela primeira vez, perguntou-se que aspeto teria sem os óculos, com o cabelo solto a emoldurar-lhe o rosto. Antes que a sua imaginação pudesse prosseguir, Helen assomou a cabeça pela porta do escritório.

– Consegui arranjar duas reservas

para o voo das onze e meia desta noite. Mas por enquanto não encontrei ninguém que te possa acompanhar. Todas as agências que contactei prometeram tratar do assunto. Telefonaram de uma com uma possível candidata para a próxima semana. Nada para hoje. E estão na hora de fecho, por isso, duvido que telefonem hoje.

– O que podemos fazer? – murmurou Jared, fechando os olhos. Ansiava por um uísque. Talvez até tivesse tempo de ir a casa, de tomar um banho e de beber um copo antes de ir para o aeroporto.

– Talvez Cassandra pudesse ir contigo – sugeriu Helen. – Disse que percebia de crianças.

– O quê? – perguntou Cassandra, com uma expressão de evidente horror no rosto. – Nem pensar. Prometi que quando atingisse a maioridade, não voltaria a fazer de babysitter. Não tenciono passar nem mais uma hora a tomar conta dos filhos dos outros!

A sua veemência surpreendeu Jared e Helen. Cassandra respirou fundo, sabendo que tinha reagido com demasiado ímpeto. Mas o que dissera era verdade. Não voltaria a tomar conta de crianças. Era uma mulher de negócios. Jared não acabava de elogiar o seu trabalho? Não lhe tinha dado o seu aval no projeto GlobalNet? Tinha coisas mais importantes para fazer do que

tomar conta das filhas do seu chefe.

– Não estarias a fazer de babysitter – declarou Helen, com delicadeza. – Só estarias a ajudar Jared a trazer as suas filhas para São Francisco. Ele precisa de contar com a tua experiência.

Cassandra negou com a cabeça. O velho sentimento de impotência começava a ressurgir. Porque é que toda a gente esperava que fosse ela a tomar conta dos seus filhos? E as suas necessidades? Quando é que alguém se ia preocupar com o que ela queria, com o que precisava para se sentir satisfeita? Era mais do que uma babysitter competente... e tinha um diploma para o provar. Jared semicerrou os olhos.

– É a melhor sugestão que ouvi até

agora. Seria apenas uma breve viagem até Nova Iorque. No voo de ida podemos falar sobre o projeto GlobalNet. E podias dar-me algumas indicações de como cuidar das gémeas na viagem de regresso. Considera-o como parte do teu trabalho.

– Não faz parte do meu trabalho – respondeu Cassandra, apertando os punhos sobre o regaço. Não estava disposta a ser considerada uma ama só por ser mulher.

Por um momento, Jared ficou atordoado ao ver o brilho sombrio do seu olhar, o desafiante ângulo do seu queixo.

– Há uma cláusula no teu contrato que

inclui que te possam ser atribuídas outras tarefas – disse ele, com lentidão. – Preciso da tua ajuda e não há mais ninguém disponível, de modo que considera isto como uma tarefa atribuída.

Cassandra virou-se para Helen, com expressão de súplica.

– Tu és a sua secretária, não o podes acompanhar?

– Receio que não. Tenho de cuidar de uma mãe inválida. Não a posso deixar sozinha à noite. Além do mais, não sei muito mais do que Jared sobre crianças.

– Fui contratada como analista de mercado, não como babysitter – protestou Cassandra, virando-se para Jared.

Ele sorriu com um misto de irritação e ironia.

– Acredito que devo usar todas as habilidades dos meus empregados. Considera-te indispensável para esta tarefa.

– Protesto – disse ela, com firmeza, mesmo sabendo que não lhe ia servir de nada. Jared não a estava a escutar.

– Então, já está combinado. Encontramo-nos no aeroporto a tempo de apanharmos o voo. Helen, dá-lhe os pormenores. Eu vou para casa – Jared contemplou Cassandra e semicerrou os olhos, antes de acrescentar: – Não chegues atrasada!

Cassandra viu-o partir, sentindo-se

impotente. Helen olhou-a, com expressão de compaixão.

– Precisa da tua ajuda. Disseste que percebias de crianças e ele não faz a mínima ideia de como lidar com elas. Vai ser só por uma noite.

– Tocou-me sempre a mim tomar conta de crianças. Durante anos, não parei de ouvir a frase «deixa-os com Cassandra». Trabalhar aqui foi a minha oportunidade de deixar isso para trás – declarou Cassandra, num tom cansado, e levantou-se. – Suponho que eram meras ilusões.

Tentando ver o lado positivo da situação, voltou para o seu escritório. Com a sua experiência, tomar conta de duas crianças não seria difícil. E teria a

atenção de Jared durante o voo até Nova Iorque. Talvez pudesse discutir alguma das suas ideias com ele. Mais animada, guardou as pastas e foi para casa fazer as malas.

Quatro horas mais tarde, Jared recostou-se no sofá e consultou o relógio de parede. Dentro de dez minutos, teria de ir para o aeroporto. Bebera um uísque, mas não lhe servira para acalmar o turbilhão mental. Dormir tinha-lhe sido impossível e decidiu fazê-lo no avião. Teria de bastar. Meditou novamente sobre a situação, tentando encontrar algum sentido. Estranhamente,

os seus pensamentos não paravam de voltar para Cassandra Bowles. Durante os dois anos em que trabalhara para ele, mal reparara nela. Tinha feito bem o seu trabalho e já fora promovida. Recentemente atribuíra-lhe o cargo de diretora no projeto GlobalNet. Era uma mulher eficiente, profissional e a sua reação naquela tarde surpreendera-o. Jared gostava que as coisas fizessem sentido, que seguissem um esquema lógico... e isso não tinha acontecido. Normalmente, Cassandra era entusiasta e complacente e a sua rejeição fora inesperada. A mera sugestão de o acompanhar na viagem para o ajudar a trazer as suas filhas para São Francisco deixara-a prestes a explodir. Perguntou-

se porquê. Talvez o descobrisse durante a viagem. O voo chegaria a Nova Iorque pouco depois das oito e iriam diretamente para o escritório do advogado. Jared tomara banho e fizera a barba. O seu saco de viagem continha roupa informal para a viagem de regresso. Era possível que não soubesse muito acerca de crianças, mas sabia o suficiente para suspeitar que não convinha viajar com elas vestido com um fato Armani. Perguntou-se o que deveria levar para distrair as meninas.

Como era possível que MaryEllen lhe tivesse ocultado a existência delas? Se acreditasse nas palavras do seu advogado, temia que a obrigasse a

regressar a São Francisco. Teria sido assim tão mau? Tinham trabalhado juntos na McGeorge e Fergason e passaram meses a discutir os seus projetos, antes de os porem em prática. Investiram todo o seu dinheiro na empresa e decidiram casar-se para reduzir as despesas. Jared gostava do desafio de criar uma empresa, mas, às vezes, pensava que MaryEllen se definia a si mesma exclusivamente através da empresa e do seu êxito. Teriam sido mais importantes os negócios do que as filhas? Levantou-se. Não lhe agradava o rumo que os seus pensamentos estavam a tomar. Pegou no seu saco e saiu para o aeroporto.

Cassandra estava sentada junto à sala de embarque, a ler despreocupadamente uma revista, com uma mala pequena ao seu lado. Apesar de a tarefa não lhe agradar, era suficientemente profissional para tentar realizá-la da melhor forma possível. Sabendo que iriam diretamente para o escritório do advogado, vestira um fato cinzento e uma blusa branca, esperando que não estivessem demasiado amarrotados depois da viagem. Uma estranha sensação invadiu-a e ergueu a vista. Imediatamente divisou o seu chefe a aproximar-se. Suspirou e endireitou-se. Jared era tão atraente que não deveria sair à rua sem

guarda-costas. O seu cabelo escuro era espesso e brilhante. O bronzeado do verão não era tão evidente depois da sua recente viagem, mas a masculinidade do seu rosto despertou nela pela primeira vez um brilho de interesse. Franziu o sobrolho. A causa daquele repentino interesse dever-se-ia ao facto de ele ter voltado a ser solteiro? Já o considerara atraente quando a entrevistara para o trabalho, mas estava tão longe do seu alcance, que ignorou de imediato as suas sensações e concentrou-se em cumprir com o seu trabalho da melhor forma possível. Na verdade, nada tinha mudado, por isso, a que propósito vinha aquela sensação repentina? Sorriu educadamente, enquanto Jared se

aproximava.

– Aqui estou, como ordenou, chefe.

Jared sentou-se junto dela e encarou-a com ironia.

– Pareces um gato a bufar para um buldogue. Limita-te a recordar quem é o chefe.

Cassandra fitou-o com um brilho de irritação nos olhos.

– Não há perigo de o esquecer, pois não?

– Dormes de fato? – inquiriu ele.

– Como? – Cassandra virou-se e olhou-o, com incredulidade.

– Estava só a perguntar-me. MaryEllen só despia o fato para dormir. Esperava que usasses algo mais

confortável na viagem.

– Esta é uma roupa apropriada para uma reunião de negócios. Vamos encontrar-nos com os advogados antes de irmos buscar as miúdas, não é?

– Talvez elas também estejam vestidas como mulheres de negócios em miniatura – murmurou Jared, perguntando-se se teria realmente conhecido a sua mulher.

– Duvido – Cassandra observou o fato de Jared. – Espero que tenhas trazido algo mais. As crianças podem ser muito irrequietas, sobretudo quando estão confinadas a um avião.

Jared olhou-a languidamente.

– Tenho duas mudas de roupa na mala. Parti do princípio que ficaríamos

pelo menos uma noite em Nova Iorque. Se não dormir um pouco em breve, acho que morrerei – e esfregou os olhos.

– Podes dormir no avião – respondeu Cassandra, sentindo uma compaixão repentina por ele. Era verdade que Jared parecia exausto. Acabava de chegar da Ásia e um voo até Nova Iorque devia ser uma perspetiva terrível para ele.

– Terei de o fazer. Depois do voo de Bangucoque e do desta noite, o meu corpo não vai saber se vai ou vem. Sabes quantos fusos horários percorri nas últimas vinte e quatro horas?

Cassandra negou com a cabeça, vendo o seu plano de falar sobre negócios durante a viagem a esfumar-se. Por um

momento, perguntou-se como seria viajar com Jared quando estivesse repousado. Seria um conversador fascinante? Apesar de ter pouco mais de trinta anos, estivera em tantas partes do mundo e fizera tantas coisas... Teria adorado ouvi-lo a falar de como ele e a sua esposa tinham iniciado a Hunter Associates e até onde planeava levar a empresa. Mas sabia que isso não ia acontecer naquela noite.

Jared reparou no olhar atento de Cassandra. Ou seria imaginação sua? Provavelmente queria falar-lhe de algum projeto futuro e estava a pensar na melhor maneira de o abordar. Não estava mais interessada nele do que ele nela. E ele não estava interessado em

nenhuma mulher. Embora não pudesse explicar o desejo de soltar o cabelo de Cassandra, de lhe desapertar o botão superior da blusa e de lhe tirar os óculos. Não se lembrava de a ter visto alguma vez sem eles. E não se teria importado de a ver com um vestido, ou uns calções... ou sem nada. Sem nada? Devia estar mesmo cansado, porque agora estava a ter alucinações. Fechou os olhos e tentou concentrar-se na reunião que o esperava. A incredulidade mesclava-se com um sentimento de intriga e fascínio. Não tinha tempo para se dedicar a fantasias com uma das suas empregadas... Ainda por cima com uma que lhe recordava a sua esposa. Já

tivera a sua dose de mulheres profissionais que se preocupavam mais em triunfar no mundo dos negócios do que em criar um lar e planejar um futuro com a sua família. Da próxima vez que se aventurasse numa relação pessoal, procuraria uma mulher suave e feminina, mais interessada no jardim do seu lar do que em projetos e relatórios bancários. Seria precisamente isso que procuraria... se é que alguma vez ia querer voltar a casar-se. Já no avião, Jared ofereceu o lugar junto à janela a Cassandra.

– Tenciono dormir durante toda a viagem, por isso, não vou olhar pela janela.

– Obrigada, mas na verdade também

tenciono dormir, senão amanhã parecerei uma zombie – Cassandra acomodou-se no banco junto à janela, aferrando-se à revista de turismo que comprara, como se fosse um salva-vidas. Ao recostar-se no banco, reparou que podia sentir o picante e masculino aroma do aftershave de Jared. Suficientemente próxima dele para sentir o calor do seu corpo forte, quis afastar-se, mas do outro lado tinha apenas a fuselagem do avião. Sentindo-se estranhamente inquieta, olhou para a revista, perguntando-se porque é que todo o seu bom senso parecia ter-se esfumado num ápice? Já estivera perto do seu chefe noutras ocasiões, por isso,

o que se passava com ela naquela noite? Obviamente, nas reuniões de trabalho nunca se sentara ao seu lado. Nunca fora tão consciente das suas mãos fortes, dos seus ombros largos e da suave pele do seu queixo barbeado. Apertou a revista para reprimir o impulso de o acariciar. Engoliu com dificuldade e obrigou-se a olhar pela janela. Havia pouco para ver na escuridão, mas era mais segura do que o que podia ver do outro lado.

– Assim que descolarmos, reclinarei o banco e adormecerei. Quando as assistentes de bordo vierem, diz-lhes que não quero nada – murmurou-lhe Jared ao ouvido.

Cassandra virou a cabeça e susteve a respiração. O rosto do seu chefe estava

a escassos centímetros do dela. Podia ver as linhas de fadiga que irradiavam dos seus olhos e a sua própria imagem refletida neles. A sua respiração acariciava-lhe a face. Engolindo com dificuldade, anuiu, fascinada por estar tão perto dele.

– Já alguma vez estiveste em Nova Iorque? – perguntou, olhando-a nos olhos.

Cassandra negou com a cabeça, consciente dos fortes batimentos do seu coração. Hipnotizada pelas sensações que lhe percorriam o corpo, foi incapaz de desviar o olhar.

– Lamento que não tenhamos tempo para visitar a cidade – acrescentou

Jared.

– Tenciono voltar um dia de férias. Gostaria de visitar os sítios mais conhecidos e ir a uma peça na Broadway.

– É agradável passar uns dias em Nova Iorque, mas prefiro São Francisco.

Cassandra anuiu.

– És da zona da baía? – perguntou Jared.

Cassandra negou com a cabeça. Sentindo-se como uma idiota e não como a competente mulher que pretendia ser, aclarou a garganta.

– Cresci perto de Los Angeles. Agora prefiro São Francisco.

– Vives na cidade?

– Sim, em Telegraph Hill.

– Tem muitos turistas.

– Sobretudo no verão. Coit Tower é um sítio muito popular. Costumo ir lá frequentemente para ver a cidade de cima. Tem uma vista magnífica.

– Há quanto tempo é que lá vives? – quis saber Jared, perguntando-se porque é que não sabia mais sobre uma empregada que estava há dois anos a trabalhar para ele.

– Cheguei duas semanas antes de começar a trabalhar para ti – replicou Cassandra. Porque é que Jared não se encostava de uma vez por todas no banco? Porque é que continuava tão perto... ao ponto de a fazer sentir que eram os únicos passageiros do avião?

Os seus olhos eram escuros, sedutores, hipnóticos. Gostava das luzes que bailavam nas suas profundezas. O que pensaria ao olhá-la?

Uma assistente de bordo começou a dar as instruções prévias à descolagem. Cassandra respirou fundo e olhou para a mulher. Sabia que Jared continuava a encará-la, mas concentrou-se nas demonstrações práticas da assistente de bordo como se fosse a primeira vez que as via. Quando Jared reclinasse de uma vez por todas o banco e adormecesse, a viagem seria mais fácil.

Jared acordou quando o avião iniciava a aterragem. Sentiu a pressão

nos ouvidos e bocejou para a equilibrar. Algo pesado e quente descansava sobre o seu ombro. Virou a cabeça e comprovou que Cassandra tinha decidido usá-lo como almofada. Ambos estavam cobertos por mantas do avião. Os seus bancos estavam reclinados. Tinha sido ele ou ela? Mexeu-se um pouco, sentindo que tinha o braço dormente. Um suave aroma a rosas invadiu o ambiente. O aroma de Cassandra? Inclinou o rosto para ela e inspirou. Definitivamente, rosas doces. Fechou os olhos e tentou imaginá-la a colocar a colónia todas as manhãs. Aquilo evocou imagens de uma mulher diferente, delicada e feminina... não de

uma rígida e ambiciosa executiva. Teve de se conter. Cassandra não estava ali para ser a sua fantasia pessoal, mas para fazer de babysitter das suas filhas na viagem de regresso. Apenas isso. Quando chegassem a São Francisco, ela voltaria às suas tarefas de analista de mercado e Helen já teria arranjado uma ama para as gémeas. Tinha outras coisas em que pensar para além de Cassandra Bowles. Pensar nas gémeas fê-lo acordar por completo. Abanou suavemente a sua companheira de voo e esperou que acordasse.

– Oh, desculpa! – Cassandra afastou-se de um salto. A sua face estava rosada, com uma ligeira marca do casaco de Jared a atravessar-lhe o rosto

diagonalmente. Contemplou-o e pestanejou. Não levava os óculos postos. Os seus olhos eram escuros e misteriosos, Jared sentiu a sua atração por ela crescer. Sem os óculos parecia mais jovem, quase tímida, e definitivamente feminina. O seu carrapito soltara-se durante a noite. Umas madeixas de cabelo emolduravam-lhe o rosto. Quando humedeceu os lábios, Jared apercebeu-se de que era uma mulher atraente. Todo e qualquer pensamento lógico esfumou-se da sua mente. De repente, sentiu algo mais do que curiosidade por aquela mulher.

— Não pretendia adormecer no teu

ombro – disse Cassandra, afastando-se um pouco mais, ao mesmo tempo que punha os óculos.

Jared sentiu novamente o impulso de lhe desabotoar o botão superior da blusa para inspirar o seu aroma quente. Observou os lábios húmidos e desejou saboreá-los. Fechou os olhos e virou-se. Há muito tempo que não estava com uma mulher. Apesar de o seu casamento ser de conveniência, nunca quisera quebrar os votos. Desde que MaryEllen fora para Nova Iorque, passara todas as noites sozinho. Privação sexual. Era apenas isso. E agora que a sua esposa tinha falecido, era livre para pensar noutras mulheres. Não se sentia atraído por Cassandra em concreto. Qualquer

mulher teria produzido o mesmo efeito nele. Abriu os olhos e tentou concentrar-se no assunto delicado que o aguardava. Quando aterraram, pegou no saco de viagem de Cassandra.

– Eu posso levá-lo – protestou ela, seguindo-o pelo túnel.

– Já vais ter as mãos suficientemente ocupadas. Não faz sentido não aproveitares agora a minha natureza generosa.

– Generosa – murmurou Cassandra, num tom irónico. – Ditatorial seria o termo mais adequado.

Jared não pôde deixar de sorrir. Acordaria sempre de tão mau humor? Pela primeira vez, a imagem perfeita de

Cassandra pareceu esfumar-se. Gostava mais dela quando não parecia a empregada perfeita.

– Porquê ditatorial?

– É óbvio. Porque me obrigaste a vir quando não queria.

– Não gostas de crianças?

– Não gosto de tomar conta delas.

– Quando foi a última vez que o fizeste?

O aeroporto Kennedy estava em plena atividade. Entre a multidão que aguardava os passageiros havia um homem fardado que sustinha um cartaz com o nome de Jared. Ele entregou os sacos de viagem ao condutor da limusina. Enquanto o seguiam, apoiou com delicadeza uma mão nas costas de

Cassandra. Não era tão alta como MaryEllen, mas mantinha a cabeça erguida e caminhava com determinação.

– Não respondeste à minha última pergunta – murmurou ele.

Cassandra suspirou.

– Tive de tomar conta de crianças quase toda a minha vida. Jurei que não voltaria a fazê-lo quando arranjasse um trabalho. Não me sinto especialmente satisfeita com esta tarefa. Se não me tivesses ordenado, não estaria aqui.

– Mas pensa nos pontos que podes ganhar, ajudando o teu chefe desta maneira.

– Preferia ganhar pontos pelos meus méritos profissionais, não pela minha

habilidade como ama.

– Talvez isso tenha mais mérito que qualquer outra coisa – replicou Jared, com calma. – Fala-me da época em que tinhas de tomar conta de crianças.

– Preferia não o fazer. Lamento ter aberto a boca ontem. Escapou-me.

Mais curioso do que nunca, Jared perguntou-se se conseguiria fazê-la contar a sua história antes da reunião com os advogados de MaryEllen.

Capítulo 2

– Tenho de te felicitar pela tua discrição e tato – disse Jared, enquanto a limusina se dirigia para Manhattan.

– Em relação a quê? – perguntou Cassandra, com cautela.

Na limusina, Cassandra tinha-se afastado o máximo possível de Jared e este sorria para si. Sentia-se incomodada com ele? Interessante.

– Qualquer outra mulher ter-me-ia bombardeado com perguntas sobre o meu casamento, a minha esposa e sobre

o facto de ter duas gémeas sem que eu o soubesse.

– Obviamente que sinto curiosidade, mas respeito o teu direito à privacidade – Cassandra inclinou a cabeça e sorriu travessamente. – E já ouvi bastantes rumores no escritório. Diz-se que MaryEllen e tu se casaram para reduzir as despesas, enquanto iniciavam a empresa. Depois, ela mudou-se para Nova Iorque para abrir uma sucursal e tentar entrar no mercado europeu. Teve duas filhas das quais nada se sabe. Se me quiseses contar algo mais, não te interromperei.

Surpreendido, Jared esteve prestes a rir perante o repentino brilho de malícia da sua funcionária.

– O nosso casamento não foi propriamente normal – declarou, abanando a cabeça. – Pôr uma empresa a funcionar requer muito trabalho e dinheiro. Foi mais fácil minimizar os gastos e trabalhar muitas horas partilhando uma casa – acrescentou, pensando que não estava a tentar justificar a relação, mas sim a explicá-la, embora não soubesse exatamente porquê.

– Parece um acordo de negócios.

– E foi essencialmente isso – Jared quase se esquecera de como tudo começara. Durante os três anos passados, MaryEllen e ele só tinham partilhado uma refeição em Washington.

– MaryEllen estava ainda mais empenhada do que eu em que a Hunter Associates triunfasse. Ela considerava o mundo dos negócios excitante e desafiante.

– Pode ser muito estimulante – murmurou Cassandra.

– Eu sei. Agora compreendo o seu repentino empenho em mudar-se para Nova Iorque para abrir uma nova sucursal. Acho que nunca mais voltou a São Francisco, porque temia ver-se presa às meninas e perder os seus contactos com o mundo dos negócios.

– Nem todas as mulheres querem ficar em casa a tomar conta dos filhos.

– Tu não, pelos vistos – declarou Jared, com certeza.

– O que quero agora é uma oportunidade para construir a minha vida. Talvez no percurso me case e tenha filhos. Nessa altura, verei o que quero fazer. As crianças são bem-vindas desde que sejam desejadas e amadas.

– Percebo aí um «mas».

– Mas não quero que me tirem a possibilidade de escolha.

– Como eu fiz com esta tarefa?

Cassandra concordou, olhando pela janela da limusina, enquanto os arranha-céus de Manhattan apareciam diante dos seus olhos. O trânsito era denso, embora fluísse com alguma normalidade. Jared perguntou-se se Cassandra se teria distraído realmente com a vista da

cidade ou se tentava distanciar-se para reconstruir a sua irritação, já que esta parecia ter desaparecido rapidamente. Ficou satisfeito por não ser uma pessoa de ressentimentos.

— Sê sincera, Cassandra. Não te pedi muito. Só um dia para me ajudares a levar as gémeas para casa. Tens a experiência de que careço. Se precisasses, não tentarias aproveitar a experiência de quem a tivesse?

— Provavelmente — admitiu Cassandra, contrariada.

— De onde vem a tua experiência? Tens muitos irmãos e irmãs? — Jared sabia que se estava a meter onde Cassandra não queria, mas sentia cada vez mais curiosidade. Solene e séria,

Cassandra Bowles nunca dava a impressão de ser algo mais do que uma boa empregada. Contudo, devia ter uma vida privada. Ele não exigia aos seus empregados que dedicassem todas as horas da sua vida ao trabalho.

– Não tenho irmãos nem irmãs.

– Falta meia hora para chegarmos ao escritório. Porque é que não me falas da tua experiência com crianças? – Jared decidiu que, se Cassandra não se abria com ele voluntariamente, far-lhe-ia perguntas específicas. Por um momento, perguntou-se porque é que estava a pressioná-la. Era mera curiosidade, ou tentava evitar pensar nas duas meninas que o aguardavam? Tinha fechado

inúmeros contratos multimilionários ao longo da sua vida, porque é que se sentia cada vez mais nervoso perante a perspectiva de enfrentar duas criaturas?

O silêncio prolongou-se. Cassandra virou-se lentamente e contemplou Jared fixamente. Não gostava de falar do passado. Durante toda a vida ansiara ter uma família de conto de fadas, algo muito afastado da realidade. Supôs que não lhe faria mal nenhum explicar porque é que se mostrara tão renitente em fazer aquela viagem.

— A minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Não tinha mais família, por isso, acabei num centro de acolhimento. A família que me acolheu quando fiz onze anos, tinha já uma série

de crianças, a maioria adotadas e durante os oito anos que se seguiram não parei de tomar conta delas. Assim que atingi a maioridade, fui-me embora. Jurei nunca mais voltar a tomar conta de crianças.

– Até hoje.

– Oxalá tivesse sido assim! Quando entrei na faculdade, precisava de dinheiro. A única coisa que sabia fazer era tomar conta de crianças, por conseguinte, dediquei-me a trabalhar para as famílias dos professores que precisavam de uma babysitter. E passei mais quatro anos a tomar conta dos filhos dos outros.

– E agora, as minhas gémeas.

– Exatamente – Cassandra franziu o sobrolho. – Não era precisamente o que esperava quando comecei a trabalhar na Hunter Associates. Tenho um diploma em Gestão de Empresas, não como ama. Queria usar a minha mente, não tomar conta de crianças.

– A mim nunca me teria passado pela cabeça que fosse precisar de uma ama. Não sabia que MaryEllen tinha tido gémeas.

Jared permaneceu em silêncio, perguntando-se novamente como era possível que MaryEllen lho tivesse ocultado. Deveria ter-lho dito.

O escritório de Sattler, Randall e Peabody estava situado no trigésimo andar de um arranha-céus em East Fortieth Street.

Jared abriu a porta e deixou que Cassandra entrasse primeiro. Uma vez no interior, deteve-se de imediato, fixando o olhar em duas meninas que brincavam junto de um sofá castanho. Eram idênticas, exceto pela roupa. Ambas pararam de brincar e viraram-se para a porta quando esta se abriu.

Jared ficou a olhá-las, fascinado, perguntando-se no que estariam a pensar. As meninas limitaram-se a contemplá-los com os seus grandes olhos azuis, sem dizer nada.

– Olá! – cumprimentou-as Cassandra, aproximando-se.

Eram duas meninas lindas e o seu coração voou de imediato para elas. Recordou como se sentira assustada quando a sua mãe morrera e a enviaram para casa de uns desconhecidos. Nada lhe era familiar, nada a reconfortava. E sentia tanto a falta da sua mãe... Sorrindo, ajoelhou-se e estendeu as mãos para elas.

– Chamo-me Cassie e vocês?

Jared captou a ternura na voz de Cassandra. O feitiço foi quebrado. As meninas sorriram, olharam para Cassandra e começaram a tagarelar imediatamente. Jared perguntou-se se

ela perceberia algo do que diziam.

– Senhor Hunter? – a mulher que se encontrava atrás da receção sorriu amigavelmente.

– Sim.

– Tem umas filhas encantadoras – disse a mulher, olhando para as gémeas.

– Estive a tomar conta delas durante estas duas semanas. São muito doces. As minhas condolências pela sua esposa.

Jared anuiu, sentindo-se completamente deslocado. Não percebia nada de crianças... não sabia nada sobre as suas próprias filhas! Felizmente, Cassandra parecia saber o necessário. Rindo e conversando, as três pareciam entender-se na perfeição. Sentiu uma pontada repentina de inveja, enquanto a

rececionista anunciava a sua chegada ao advogado.

— O senhor Randall recebê-lo-á dentro de um momento.

Jared acenou e aproximou-se das meninas. Bastou-lhe um olhar para afastar qualquer dúvida. Eram iguais a ele quando era pequeno, embora numa versão feminina. A única semelhança que via nelas com MaryEllen eram os seus olhos azuis. Teriam herdado também o seu temperamento e ambição?

— Olá! — cumprimentou-as.

Dois pares de olhos idênticos elevaram-se para ele. A menina de t-shirt amarela enfiou o polegar na boca e fitou-o com cautela.

– Acho que és demasiado alto para elas. Pega-lhes ao colo ou põe-te ao nível delas – sugeriu Cassandra.

Lentamente, sentindo-se completamente perdido, Jared sentou-se no sofá. Não lhe agradava aquela sensação. Ao longo dos anos tinha aperfeiçoado a sua capacidade de encaixar em diferentes culturas e sociedades, enquanto a Hunter Associates se expandia pelos países do Pacífico. De repente, duas crianças faziam-no sentir-se completamente perdido.

– Sorri – sugeriu Cassandra, com evidente diversão na voz. Virando-se para as meninas, acrescentou: – Este é o

vosso papá. Digam-lhe como se chamam.

– *Assley* – disse a pequena de cor-de-rosa, orgulhosamente.

A outra tirou o polegar da boca.

– E eu *Bitnee*.

– Ashley e Brittany – repetiu Cassandra, sorrindo. – Este é o vosso papá. Conseguem dizer «papá»?

Por um momento, Jared ficou atordado ao ver a mudança de expressão de Cassandra. Desejou que lhe sorrisse daquela forma. Pela primeira vez, compreendeu a sorte que tivera ao poder contar com ela para tomar conta das crianças. De repente, Ashley começou a palrar a toda a velocidade. Cassandra escutou-a

atentamente, anuindo como se entendesse cada palavra. Jared não percebeu nada. O que ia fazer? A ideia de ter de lidar com as suas filhas gémeas assustava-o mais do que tudo no mundo. Quando Jared entrou no escritório do advogado de MaryEllen, Thomas Randall, Cassandra ficou com as meninas. Sentou-se no sofá e convidou-as a sentarem-se ao seu lado.

— Vou contar-vos uma história. É sobre duas meninas que acabam de conhecer o pai... — tentando explicar as mudanças que se avizinhavam, Cassandra contou-lhes a história com termos muito simples. Fez com que a perspetiva de andarem de avião

parecesse uma grande aventura e que irem para São Francisco fosse algo tão normal como escovar os dentes.

Entretanto, no escritório, quando Thomas Randall se ofereceu para ler o testamento em voz alta, Jared pediu-lhe que o deixasse ler em voz baixa. Levou apenas uns minutos. O testamento era breve e simples. As ações que MaryEllen possuía da empresa ficavam em fideicomisso para as suas duas filhas e deviam ser administradas por ele. Jared contemplou o advogado quando acabou de ler o documento.

— Era uma mulher jovem. A sua morte foi algo inesperado — disse, perguntando-se o que saberia o advogado sobre o seu casamento.

Randall anuiu.

– A empregada dela telefonou-nos quando MaryEllen teve de ser internada no hospital. Fui visitar a sua esposa, mesmo antes de morrer. Estava muito doente. Acho que tinha exigido demais de si mesma e mal tinha reservas quando o final se aproximou.

– As meninas vão sentir a sua falta – murmurou Jared.

– Não tanto como possa pensar – disse Randall. – Segundo parece, ao longo dos dois últimos anos conheceram várias amas. Não me parece que se sintam especialmente apegadas a alguém, nem sequer à mãe. A minha rececionista disse-me que se adaptaram

perfeitamente a ela.

– A partir de agora terão um ambiente mais estável – declarou Jared, com firmeza. – Mas não me resta outro remédio senão levá-las para São Francisco.

– Já o calculávamos. Tenho todos os papéis preparados, de modo que não será necessário que adie a sua ida.

– Agradecia-lhe que me indicasse o cemitério onde MaryEllen foi enterrada – pediu Jared, antes de começar a ler os documentos legais que devia assinar.

Quando acabaram, Jared voltou para a recepção, onde Cassandra lia em voz alta para as meninas, cujos olhos estavam fixos nas páginas do livro. Uma das gémeas, a que chuchava no dedo,

olhou-o. Brittany?

– Homem – disse a menina.

Cassandra ergueu o olhar do livro.

– Como correu a reunião?

– Bem. Já acabei. Agora podemos ir para o apartamento de MaryEllen. Temos de ir buscar as roupas e os brinquedos das gémeas. Também tenho de ver o que vou fazer para deixar a casa fechada. Depois, quero ir ao escritório e certificar-me de que fica tudo organizado. Paul ficará a cargo da sucursal. Terei de rever os projetos atuais com ele.

Por um instante, Jared pensou ter visto os lábios de Cassandra a retesarem-se. Lembrou-se do comentário

que fizera sobre ser sempre ela a ficar encarregue de tomar conta das crianças. Mas não tinha outro remédio. Só teria de se ocupar delas durante um dia. Depois voltaria para o seu trabalho e, se esse fosse o seu desejo, poderia permanecer afastada de crianças durante o resto da sua vida.

– Está bem, desde que compreendas que tens de te encarregar do que é teu – disse Cassandra, levantando-se. – Vamos, meninas. Está na altura de voltar para casa. Brittany, tu vens comigo. Ashley, vai com o papá.

Jared quase não reconheceu o apelativo. Ele era o «papá» daquelas meninas. Cassandra pegou em Brittany ao colo e, depois, contemplou Jared com

um gesto solene. Ele agachou-se imediatamente e pegou em Ashley ao colo. Era leve como uma pluma. Segurando-a contra o peito, olhou-a nos olhos. A menina deu-lhe uma palmada amigável na cara e sorriu. Ele sentiu o coração a derreter. Era linda, pequena, só e completamente dependente dele. Sentiu um pânico repentino. Saberá estar à altura das circunstâncias? E se agisse mal? Não sabia nada sobre a paternidade. Não estava preparado para se converter num pai instantaneamente.

– Vamos, papá.

Os olhos de Cassandra sorriram, mas o sorriso não se estendeu aos lábios. Não fazia sentido mostrar a Jared que

achava a sua insegurança evidente comovedora. No escritório, emanava energia, vitalidade. Mas naquele momento parecia tão indefeso e inseguro como um adolescente no seu primeiro encontro... Pestanejou e dirigiu-se para a saída. Porque é que tinha pensado num encontro? Ela não passava de uma babysitter. Jared entregara-lhe as suas filhas, abdicando de qualquer responsabilidade por um dia. Às vezes, não merecia a pena abrir a boca!

O apartamento de MaryEllen foi uma surpresa. Era grande, mobilado com severidade, estilo Queen Anne, e estava situado num bairro prestigioso, apenas a

dois quarteirões do Central Park. Quando entraram, Jared pousou Ashley no chão. A menina não se mexeu. Cassandra colocou Brittany ao lado dela. E ambas olharam para os adultos.

– Onde é que fica o vosso quarto? – perguntou Cassandra.

Ashley apontou para o corredor. Jared entrou na sala de estar e pousou as malas no chão. Olhando à sua volta, perguntou-se quando é que MaryEllen se interessara tanto pela elegância. A sua casa em São Francisco era uma casa cómoda, com um mobiliário sólido e prático. Talvez aquele estilo refinado encaixasse mais com a ideia que MaryEllen tinha do que era viver em

Nova Iorque. A ele não lhe agradava muito, mas também era verdade que estava mais interessado na comodidade do que noutra coisa.

– Não, não – disse Brittany quando Cassandra se encaminhou na direção indicada por Ashley.

– O quê?

– Não, não – Brittany abanou a cabeça, olhando com cautela para a sala.

O telefone começou a tocar. Jared foi atender, desconcertado pela reação de Brittany.

– Jared Hunter.

– Senhor Hunter, daqui fala Annie Simmons. O senhor Randall telefonou-me há pouco e pediu-me que entrasse em contacto consigo. Fui a última ama das

meninas. Soube que as vais levar para São Francisco, mas, se puder ajudar até lá, é só dizer. Só volto a trabalhar para a semana.

– Tencionamos partir amanhã – Jared contemplou Cassandra. – Mas seria bom que passasse por cá hoje. Poderia ajudar-nos a seleccionar o que for necessário para levarmos e sugerir o que poderíamos fazer com o que deixarmos.

– Com certeza. Posso estar aí por volta da uma.

Jared consultou o relógio. Ainda não era meio-dia.

– Perfeito.

– Até logo.

Cassandra e as meninas tinham desaparecido. Jared seguiu o som das suas vozes e deteve-se diante da porta do quarto das gémeas. Era grande, com duas camas pequenas e um móvel grande com mais bonecas e brinquedos do que uma loja.

Brittany estava junto a uma parede, olhando para Cassandra e Ashley, com o polegar na boca. Jared perguntou-se porque é que uma delas chuchava no dedo e a outra não. No breve trajeto até ao apartamento, reparara na diferença de personalidade entre ambas. Ashley era extrovertida e amigável, curiosa e atrevida. Brittany parecia mais receosa, tímida e silenciosa. Era interessante num

caso de gêmeas idênticas. Ou seria normal? Tinha muito que aprender.

– Era a última ama das meninas. Vai passar por cá para nos dar uma mãozinha.

Cassandra aquiesceu, despiu o casaco e pousou-o numa das camas. Jared não pôde deixar de deslizar o olhar pelas suas curvas. Perguntou-se uma vez mais que aspeto teria com roupas mais femininas, de renda... Provavelmente, era algo que jamais iria poder constatar. Cassandra era uma funcionária da empresa que o tinha acompanhado quase à força para o ajudar com as suas filhas. Nada mais.

– Vou começar a arrumar as coisas, enquanto procuras as malas – anunciou

Cassandra, abrindo uma gaveta do armário para começar a tirar roupa.

Quando a ama chegasse, selecionaria os brinquedos e os livros favoritos das meninas. Também tentaria averiguar o máximo possível sobre os seus hábitos e gostos. As meninas iam precisar de toda a ajuda possível durante uns tempos. Fitou Jared e surpreendeu-se ao ver que a observava. Um calor repentino invadiu-lhe o corpo. Engolindo com esforço, virou-lhe as costas. Nunca tinha sentido aquele formigueiro no estômago. Estaria a ficar doente? Não. Tinha a certeza de que a sensação se devia à constante tensão que sentia perto de Jared Hunter. Aclarou a garganta,

pensando com satisfação na sua mala de viagem, onde tinha umas calças de ganga e uma t-shirt. Talvez devesse mudar de roupa antes de fazer o que quer que fosse.

– Talvez demore um pouco a encontrá-las – Jared foi para o corredor e dirigiu-se para o segundo quarto.

A encontrar o quê? Ah, sim, as malas para as meninas!

Cassandra levou as mãos às faces, sentindo-se acalorada. Estava a comportar-se como uma idiota. Só tinha ido para tomar conta das meninas, mais nada. E era bom que não o esquecesse! Foi atrás de Jared e encontrou-o no que devia ser o quarto da sua esposa. As coisas de MaryEllen continuavam ali. A

cama estava desfeita, como se se tivesse levantado naquela manhã para ir ao hospital. Sentiu um aperto no coração. MaryEllen tinha estado sozinha no fim. Se a viagem a Bangucoque tivesse sido adiada, se não tivesse havido um tufão, Jared teria estado com ela.

– Lamento que não tenhas podido regressar a tempo – comentou ela, com delicadeza, fixando-se na expressão desolada de Jared.

– Nem sequer sabia que estava doente. Deveria ter-me dito.

– Se calhar não soube da seriedade da sua doença até ser demasiado tarde.

– Eu teria insistido para que os médicos fizessem o possível para a

manter viva.

– Tenho a certeza de que fizeram o que puderam – Cassandra desejava oferecer-lhe consolo, mas não sabia o que dizer. Queria ele falar sobre isso? Sabendo que o contacto humano ajudava sempre, estendeu uma mão e agarrou na dele, apertando-a carinhosamente para lhe demonstrar que não estava só.

– Não sei nada sobre crianças – comentou ele, olhando à sua volta, mas a maneira como aceitou a mão de Cassandra fê-la saber que não queria estar sozinho.

– Aprenderás rapidamente o que precisares de saber. E podes ter uma ajuda competente para muitas das tarefas rotineiras.

Do quarto das meninas chegaram uns risos sonoros.

— É melhor ir vê-las — disse Cassandra, apertando uma última vez a mão de Jared, antes de a soltar. Ele susteve-a por um momento, depois libertou-a.

— Vou procurar as malas.

Num lado do armário embutido do quarto, Jared encontrou um elegante conjunto de malas de couro. Ao tirá-las, tocou involuntariamente nalguns vestidos que estavam pendurados. Ainda conservavam o suave aroma do perfume de MaryEllen. Não conseguia acreditar que não fosse voltar a vê-la, que nunca mais voltariam a tomar uma decisão em

conjunto sobre a empresa, que não voltaria a ouvi-la falar sobre os seus sonhos... Tentando afastar as recordações, voltou para o quarto das meninas.

– A água é demasiado fria para tomar banho. Também costuma fazer muito vento, mas isso é bom para lançar papagaios – Cassandra falava com as meninas, enquanto ia amontoando a roupa delas numa das camas.

– O que lhes estás a dizer? – perguntou Jared, procurando um sítio para pousar as malas.

– Estou a falar-lhes de São Francisco. Acho que se sentirão melhor, sabendo que vão mudar de residência. Podes deixar as malas no chão. Por agora não

há outro sítio – Cassandra virou-se para as meninas. – Toma, Ashley, guarda isto na mala – a menina pegou nas duas camisas dobradas que Cassandra lhe oferecia, aproximou-se de uma das malas abertas e atirou-as para o interior.

– Que bela técnica! – murmurou Jared.

Cassandra riu.

– Não faz mal. Só querem ajudar. Quando estiverem a fazer a sesta, dobrarei tudo com cuidado.

Jared concordou.

– Vou procurar nas coisas de MaryEllen para ver se encontro os seus documentos. Também terei de arranjar alguém que se encarregue de fechar o

apartamento.

– Procura algo que as meninas possam ter dela quando crescerem – sugeriu Cassandra. – As pobrezinhas não se lembrarão dela, mas agradecer-lhes-á ter algo seu quando forem mais velhas.

Jared captou o tom de nostalgia que se refletia na sua voz.

– Tens algo da tua mãe? – perguntou ele, com suavidade. Sabia que se estava a meter num terreno muito pessoal, mas não conseguiu evitá-lo.

Cassandra negou com a cabeça.

– Tínhamos tão pouco... Por isso sei que o apreciarão. Quando a senhora dos Serviços Sociais me foi buscar, só pude levar a minha roupa e uma boneca.

Apenas isso.

– Que duro! – Jared recordava o seu avô a protestar por todo o mobiliário e caixas dos seus pais que tivera de amontoar na arrecadação. Continuava quase tudo ali... um laço de união com uns pais de quem mal se lembrava.

– Foi há muito tempo – disse Cassandra e sorriu, inclinando a cabeça.

– Tentarei escolher algumas coisas para as meninas. Posso mandá-las pelo correio – disse Jared, notando que, ao ver o sorriso de Cassandra, o seu coração tinha começado a bater acelerado.

– Tu é que mandas. Mas não me referia a nada grande, como a mobília.

Apenas a pequenos objetos de recordação.

Jared despiu o casaco, colocou-o ao ombro e foi para a sala. Deixou o casaco no sofá e olhou à sua volta. Os quadros eram de boa qualidade. As figuras de cerâmica que estavam no aparador seriam boas lembranças. Teriam algum significado especial para MaryEllen ou tê-los-ia escolhido como mera decoração? Era estranho o pouco que sabia sobre uma mulher com quem estivera casado durante tanto tempo. Atravessou a sala e deteve-se junto a uma mesa pequena. As gavetas continham os papéis de MaryEllen: os recibos mais recentes, cartas de bancos, agendas telefônicas e tudo o mais.

Sentou-se e começou a mexer nos papéis.

Quando Annie Simmons chegou, Jared estava desejoso de fugir do apartamento e encontrar algum tipo de ordem no escritório da Hunter Associates de Nova Iorque. As meninas não tinham parado de correr de Cassandra para ele e vice-versa. Rindo, gritando e correndo sobre as suas perninhas, emanavam mais energia do que Jared vira em anos. Annie Simmons, uma mulher robusta de meia-idade, foi recebida pelas meninas com um autêntico alvoroço. Começaram imediatamente a falar com ela e Jared não conseguiu entender uma palavra do que diziam. Contudo, tanto Annie como

Cassandra pareciam entendê-las na perfeição.

– Sei que vou sentir muito a falta delas – assegurou Annie, depois de as ouvir por um momento. – São tão boazinhas... As minhas condolências, senhor Hunter.

Jared anuiu. Queria passar pelo cemitério a caminho do escritório, ver o local onde estava enterrada MaryEllen e averiguar se faltava algo.

– Esperamos que nos possa fornecer alguns pormenores sobre as gémeas, do que gostam, quais os seus horários e todo esse tipo de coisas. Amanhã partimos para São Francisco – disse Cassandra, dedicando a Jared um olhar estranho.

– Dir-vos-ei tudo o que sei. Tomei conta delas durante cinco meses. As crianças crescem depressa nesta idade... Juro que me parecem mais altas desde a última vez que as vi.

– Vou ter de ir ao escritório. Podes encarregar-te de tudo, Cassandra? – perguntou ele, ansioso por sair.

Ela anuiu.

– Obviamente.

– Vai ser a nova ama das meninas? – quis saber Annie, assim que Jared saiu.

– Não. Trabalho em São Francisco, nos escritórios da Hunter Associates. Só acompanhei Jared para o ajudar a levar as meninas para casa – respondeu Cassandra rapidamente.

Não queria que ninguém, nem sequer Annie Simmons, pensasse que o seu novo objetivo na vida era cuidar das meninas. Era uma missão de dois dias, mais nada. Embora, ao olhar para Ashley, que correu para a janela para ver se via o «homem» a partir, não tenha deixado de se perguntar se poderia passar de vez em quando por casa de Jared para as ver. Franzindo o sobrolho, dirigiu-se para o quarto com Annie. Não queria desenvolver nenhum laço de afetividade com aquelas meninas. Já tinha o seu futuro planeado.

Passava das cinco quando Jared

regressou. Cassandra estava sentada num elegante cadeirão junto à lareira, com um livro aberto no colo. Vestira as calças de ganga e a t-shirt de algodão. Levantou a vista quando Jared fechou a porta.

– Correu tudo bem no escritório? – perguntou, marcando com um dedo a página em que estava.

Jared acenou afirmativamente, esfregando a nuca.

– Não foi fácil organizar tudo. Paul Whitstone fará um bom trabalho como diretor da sucursal. Onde estão as gémeas? – inquiriu, enquanto se sentava no sofá.

– Estão a dormir a sesta. Annie disse-me que costumam dormir todas as

tardões. Mas não convém que as deixemos dormir muito, senão ficarão demasiado inquietas esta noite.

Jared encostou a cabeça no sofá e afrouxou a gravata. Cassandra observou-o, pensando no cansaço que devia sentir. O curto trajeto de avião não lhe tinha bastado para recuperar e o dia não tinha sido propriamente calmo.

– Cansado? – perguntou, compassiva.

– Gostava de poder dormir durante uma semana inteira!

– Lamento, mas vamo-nos embora amanhã.

– As informações que Annie Simmons te deu das meninas foram úteis?

– Descobri muitas coisas. Mas devias

ter ficado. E se me esquecer de alguma coisa, ou se tiveres perguntas que me esqueci de fazer? Pedi-lhe o número de telefone, para o caso de queres telefonar-lhe a perguntar algo mais... como, por exemplo, que Ashley lança maldições quando não consegue qualquer coisa e que Brittany foge e se esconde. Brittany não gosta de ovos e Ashley tem mais vocabulário. E a tua esposa não as deixava entrar no seu quarto, nem na sala com receio de que estragassem algo. Isso explica as suas hesitações quando chegámos.

Jared apercebeu-se do tom de indignação que havia na sua voz. Quis sorrir. Apesar dos seus protestos em desempenhar o inesperado papel de

ama, defendia as meninas como uma autêntica leoa. Era evidente que pensava que as crianças deviam ser livres de deambular na sua própria casa. Ele também.

– Agora que me repreendeste adequadamente, gostava que me contasses algo sobre as meninas. O que tenho de fazer com elas quando chegarmos a casa?

– Espero que Helen já tenha arranjado uma ama.

– Achas que seria incapaz de me desenvencilhar sozinho? – perguntou Jared, sentindo uma autêntica curiosidade pela reação de Cassandra. Ele tinha as suas dúvidas. Toda a gente

as teria?

– Como base no que vi hoje, acho que podes ser um grande pai. Foste muito paciente com elas e também um pouco rígido. Vão precisar de muito amor e atenção.

– Seria muito mais fácil se tivesse uma esposa.

Capítulo 3

Cassandra olhou Jared nos olhos. Por um instante, sentiu que as suas faces coravam. Desviou o olhar rapidamente, esperando que não se notasse. Como seria estar casada com Jared Hunter? Vê-lo chegar a casa todos os dias, falar com ele sobre como lhe tinha corrido o dia, planejar saídas familiares para o fim de semana, rir, amar... Devia controlar os seus pensamentos antes de perder o controlo.

– Suponho que seria tudo mais fácil

se encontrasses uma esposa disposta a passar o dia em casa a tomar conta dos teus filhos – disse, com frieza.

– A mulher que se casar comigo converter-se-á na mãe das meninas. Duvido que se sentisse uma ama.

Cassandra encolheu os ombros e dirigiu-se para a porta.

– Vou ver como estão as meninas. Depois prepararei algo para comermos. Segundo me constou, a senhora Hunter não comia cá frequentemente. Não há muito por onde escolher.

– Podemos encomendar qualquer coisa. Não precisas de cozinhar – Jared levantou-se. Cassandra reparou que era um homem muito grande, parecia encher a sala com a sua presença.

– Não me importo, gosto de cozinhar. Será preferível usarmos o que há para não se estragar.

Jared observou Cassandra, enquanto saía da sala de estar. Por um momento, imaginou qual seria a sua reação se a pedisse em casamento. Sabia lidar maravilhosamente com as crianças. Sentir-se-ia muito mais relaxado sabendo que as suas filhas ficavam nas mãos de alguém que sabia o que fazia. Sem dúvida, Helen arranjará uma ama experiente. Mas uma pessoa contratada ir-se-ia embora a qualquer momento. Uma mãe ficaria. Virou-se lentamente e olhou para a cadeira onde Cassandra estivera sentada. Imaginou-se a si

mesmo a regressar a casa e a encontrá-la rodeada de crianças, com o cabelo solto, os óculos na mesa e os olhos sorridentes, enquanto lhe contava as travessuras dos seus filhos. Franzindo o sobrolho, abanou a cabeça. Meros sonhos. Cassandra tinha deixado muito claro que o seu principal interesse era o trabalho. Depois do seu casamento com MaryEllen, Jared não queria uma nova relação baseada nos negócios. Se houvesse uma próxima vez, queria mais. Pegou no seu saco de viagem e foi para o quarto de MaryEllen tomar um duche e vestir umas calças de ganga. Ao entrar, deteve-se em seco. No apartamento havia apenas três camas. As das meninas e a de casal naquele quarto. O que iam

fazer naquela noite? Tinha a certeza de que, apesar de a cama de MaryEllen ocupar metade do quarto, Cassandra não iria querer dividi-la com ele. A sua imaginação voltou a comandar. Imaginou-a com o cabelo solto sobre a almofada branca, o seu rosto iluminado pelo amor... Amor? Por acaso podia esperar-se algo assim de uma mulher dedicada ao mundo do trabalho? O sofá da sala era demasiado duro para servir de cama. Era elegante, mas nada confortável. Podia passar a noite num hotel. E arriscar-se a ser repreendido novamente por Cassandra por se separar das filhas na primeira noite? Nem pensar. Abriu a mala, tirou um par de

calças de ganga e uma t-shirt e entrou na casa de banho. Podia mandá-la para o hotel. Essa ideia agradou-lhe ainda menos. Precisava dela no apartamento. As meninas poderiam acordar a meio da noite. Pensaria nalguma solução durante o jantar. Naquele momento não se sentia capaz de planejar mais nada para além do duche.

Quando acabou de tomar banho, ouviu as meninas a conversarem. Sorrindo, vestiu a roupa lavada. Sem dúvida, as suas filhas iam mudar o ambiente da sua casa em São Francisco. Iam mudar a sua vida. Teria de arranjar um apartamento maior, talvez, inclusive uma casa com jardim.

– Precisas de ajuda? – perguntou uns

minutos depois, ao entrar na cozinha.

As gêmeas viraram-se e correram para ele com os braços abertos. Jared agachou-se e pegou-lhes ao colo.

– Olá, Ashley e Brittany! Dormiram bem?

Ashley sorriu e anuiu vigorosamente.

– Cassie deu-me uma cenoura – disse, estendendo uma rodela alaranjada.

– A mim também – disse Brittany.

– Hum, que boazinha! Talvez também me dê uma a mim – Jared aproximou-se do lava-loiças e colocou-se junto de Cassandra.

Ela sorriu. Os seus óculos estavam em cima da bancada. Por um instante, Jared conteve o fôlego. Estava linda. Os

seus olhos brilhavam, divertidos. Uma cor saudável tingia as suas faces e o seu carrapito estava parcialmente desfeito. Se não tivesse as meninas ao colo, ter-lhe-ia soltado completamente o cabelo.

– Dou-te uma cenoura, se preparares os hambúrgueres. Tinha-me esquecido de como as crianças podem ficar impacientes. Se trabalharmos os dois, a comida estará pronta mais depressa – Cassandra sorriu para o trio, mas o seu sorriso desvaneceu ligeiramente ao reparar na roupa de Jared. Vira-o sempre de fato e gravata. Por algum motivo, as calças de ganga justas e a t-shirt secaram-lhe a boca. Ficava incrivelmente atraente, com o cabelo ligeiramente desganhado e uma menina

em cada braço. O seu cansaço parecia ter-se esfumado.

– Hambúrgueres? – perguntou Jared, arqueando uma sobrancelha.

– Hambúrgueres – anuiu Cassandra. – Pus umas batatas a assar no forno e vou fazer uma salada.

– Está bem. Querem ajudar-me com os hambúrgueres, meninas?

– Não – disse Cassandra imediatamente, franzindo as sobrancelhas. Por acaso aquele homem não sabia o que podiam ou não fazer as crianças de dois anos?

– Não?

– Não podem andar a mexer ao pé do lume. É melhor deixá-las pôr a mesa.

Jared pousou as meninas no chão e procurou a gaveta dos talheres. Pensar nas meninas a correrem com um garfo na mão provocou-lhe arrepios.

– Não me parece que seja boa ideia. O que achas de eu as entreter enquanto tu preparas os hambúrgueres? Não me importo de esperar.

– Se é isso que queres...

– Cassie brinca comigo? – perguntou Brittany, puxando pelas calças de ganga de Cassandra.

– Agora estou muito ocupada, mas o papá brinca contigo.

Jared voltou a pegar nas meninas ao colo e levou-as para o quarto delas. Começava a habituar-se a que

Cassandra o tratasse por «papá». Quando é que as gémeas começariam a tratá-lo da mesma forma? Quando a comida ficou pronta, Jared sentia um respeito renovado por todos os pais do mundo. Estivera a tomar conta das meninas durante menos de uma hora e já estava cansado... para além de intrigado com aquelas pequenas criaturas. O seu entusiasmo por tudo não conhecia limites. Partilhavam tudo nos jogos, incluindo ele, e não paravam de palrar. A sua irritação por MaryEllen não lhe ter contado não parava de crescer. Como era possível que lhe tivesse negado a oportunidade de conhecer as suas filhas? Teria planeado dizer-lho alguma vez? Teria ele ignorado algum

pormenor que lhe tivesse podido revelar a sua existência? Comer demonstrou ser uma verdadeira aventura. As meninas não comeram muito e metade da comida foi parar ao chão, à mesa e à roupa. Jared captou um sinal de Cassandra e decidiu não tentar corrigir o seu comportamento.

— Comerão o suficiente para continuarem a crescer e o resto pode limpar-se. Pelo menos, alimentar-se-ão — comentou Cassandra, a determinado momento, reparando na inquietação de Jared. Passara muitos anos a conviver com crianças e sabia que comeriam o suficiente. Não fazia sentido complicar-lhes a existência na última noite que iam

estar em casa. O dia seguinte estaria repleto de mudanças.

– Tenho medo da hora da comida no voo de amanhã – disse Jared, enquanto Brittany atirava um pedaço de alface para cima da mesa.

– Sendo a descrição uma das melhores qualidades, sugiro que amanhã sejamos nós a dar-lhes de comer em vez de as deixarmos fazê-lo sozinhas. Cruza os dedos para que não nos sirvam nenhum molho.

– De quantas crianças tomaste conta?
– perguntou Jared, interessado.

– De muitas. Sobretudo com os meus pais adotivos. Durante uns tempos, tiveram uns gémeos. Eram umas pestes, apesar de serem mais velhos do que elas

– Cassandra sorriu. De algum modo, olhando para trás no tempo, não parecia assim tão mau. Não é que quisesse voltar a ver-se rodeada de crianças. Gostava do seu trabalho e era eficiente.

– Então, tens experiência com crianças de todas as idades – comentou Jared, olhando-a pensativamente.

– Sim – respondeu ela, com cautela. O comentário que Jared tinha feito anteriormente ecoou na sua cabeça. Se a pedisse em casamento para ficar a tomar conta das suas filhas, atirar-lhe-ia algo à cabeça!

Jared sorriu.

– Fala-me das tuas ideias sobre a GlobalNet. Incluíste na equação os

investimentos iniciais na expansão global?

– Sim, fi-lo, apesar de esses cálculos serem um pouco prematuros. Contudo, acho que podemos assinalar os riscos e evitá-los por enquanto. Assim que a empresa estiver numa situação financeira mais forte, tenho uma ideia de como nos centrarmos no que realmente querem. Mas seria um erro precipitarmo-nos – sem se interromper, Cassandra estendeu uma mão para segurar no copo de Brittany, antes que ela entornasse o conteúdo sobre a mesa.

Durante o resto da refeição, falaram de negócios, intercalando momentos de conversação com as duas meninas. Cassandra começou a descontrair-se. Há

muito tempo que não se sentava a comer tranquilamente à mesa. Quase todos os dias comia uma sandes à pressa para ir a correr trabalhar. Queria progredir rapidamente na sua profissão, o mais depressa possível e, às vezes, permanecia horas no escritório, depois de toda a gente se ter ido embora.

Jared não voltou a mencionar a sua ideia de arranjar esposa. Cassandra repreendeu-se por ter suspeitado que estivesse a pensar nela para isso. As coisas voltariam à normalidade, assim que regressassem a São Francisco. Ela voltaria à sua vida e Jared arranjaría alguém para tomar conta das suas filhas.

— Nós tratamos da loiça — anunciou

ele quando as gémeas quiseram descer das suas cadeiras.

– Não me importo de o fazer – disse Cassandra. Quando não estava no seu papel de ditador, era um homem muito atencioso. Não o esperava. Na verdade, começava a conhecê-lo melhor a cada minuto que passava. Não voltaria a vê-lo com os mesmos olhos no escritório depois daquela viagem.

– Tu fizeste o jantar e nós lavaremos a loiça. E, a propósito, estava delicioso. Obrigado.

– Não tinha nada de especial. Hambúrgueres com batatas e salada.

– De qualquer maneira, estava muito bom e aprecio não ter tido de cozinhar.

Cassandra sorriu e contemplou as

meninas.

– Vou preparar-lhes o banho. Quando acabares, podemos dar-lhes banho e prepará-las para irem para a cama. Annie disse-me que normalmente se deitam às oito.

– Já arrumaste as coisas delas?

– Toda a roupa e alguns brinquedos. O resto terá de ser enviado por uma empresa de mudanças. Estaremos prontos para sair amanhã cedo.

«O que me leva a pensar onde dormiremos esta noite», perguntou-se Cassandra. Teria ele considerado o facto de só haver uma cama de casal? Observou-o enquanto se levantava da cadeira para recolher os pratos. Tinha

uma ideia, mas esperaria que Jared abordasse o assunto. Entretanto, faria as camas de lavado e encheria a banheira para as meninas.

– Vou pôr duas cadeiras junto ao lava-loiças para que elas fiquem de pé e te possam ajudar – anunciou Cassandra, concretizando em atos as suas palavras. Colocou cada uma numa cadeira, avisando-as para terem cuidado e deixou Jared com as suas filhas. A nova família precisava de tempo para se sentir unida.

«A palavra *ajuda* é definitivamente um eufemismo», pensou Jared, uns minutos depois. Ashley gostava de brincar com a água e Brittany voltava a meter os pratos no lava-loiças, depois

de ele os ter colocado no corredor. Àquele ritmo, acabariam ensopadas e levariam toda a noite a concluir a tarefa.

Mas não se importava. Ver a alegria que brilhava nos olhos das suas filhas, enquanto o «ajudavam», compensava o resto. Ninguém lhe tinha dito o quanto as crianças podiam ser encantadoras. Oxalá tivesse conhecido as suas filhas desde o nascimento. Teria visto como davam os seus primeiros passos, como pronunciavam as primeiras palavras... Se tivesse sido assim, provavelmente teria tido mais facilidade em compreendê-las.

– Vão passar aqui a noite toda? – perguntou Cassandra da porta, divertida.

– Eu ajudo, Cassie! – disse Brittany, virando-se.

– Cuidado, pequena. Vais cair.

Jared agarrou na menina pela cintura e colocou-a no chão.

– Hora do banho! – anunciou Cassandra, rindo com suavidade. – Mas parece que se adiantaram.

Jared olhou para a roupa molhada das suas filhas e para as suas calças de ganga ensopadas.

– É uma maneira de encurtar o tempo do banho. Já estão ensaboadas, agora só tens de as passar por água.

– Claro. Vamos, meninas. Podem brincar durante dez minutos, depois vão para a cama.

– Quero um conto – disse Ashley, enquanto descia da cadeira, recusando-se a receber ajuda do seu pai.

– Eu também – disse Brittany, correndo atrás da sua irmã.

Enquanto acabava de passar os pratos tranquilamente, Jared refletiu nos acontecimentos do dia. Tinham sido só surpresas e novidades. Não teria conseguido desembaraçar-se sem Cassandra. Teria de lho dizer.

Quando estivesse de volta a São Francisco, convidá-la-ia para jantar para lhe expressar a sua gratidão. Poderiam falar durante a refeição, como naquela noite. E talvez pudessem dançar. Gostaria de ter Cassandra nos

seus braços, movendo-se a um ritmo lento. Sentir a suavidade feminina do seu corpo, contemplar o brilho dos seus olhos. Certamente, não vestiria um dos seus fatos de trabalho para ir jantar, nem usaria os seus óculos. E faria um penteado diferente? Ou deixá-lo-ia soltar-lhe o carrapito nalgum momento da noite? Abanando a cabeça, Jared apagou a luz da cozinha e encaminhou-se para a casa de banho. O barulho da água e dos risos das meninas aumentaram de volume, conforme se ia aproximando. Deteve-se no umbral da porta e observou as meninas a fazerem o possível por evitarem as tentativas de Cassandra de as lavar. Era boa com elas, paciente e divertida, como com

ele. Os seus olhos depositavam-se mais nela do que nas crianças. Brittany viu-o e sorriu.

– Homem – disse.

Ashley olhou para ele e sorriu também. Jared ainda se espantava com a semelhança dos seus rostos.

– Papá – disse Cassandra, contemplando-o por cima do ombro.

– Papá, papá, papá – entoou Ashley, sendo imediatamente imitada pela sua irmã.

– Oferecer-me-ia para ajudar, mas pareces ter tudo sob controlo.

– Nem penses em deixar-me sozinha – protestou Cassandra. – Pega numa toalha e embrulha uma das meninas. Eu trato da

outra e tê-las-emos prontas para as enfiar na cama num abrir e fechar de olhos.

Demoraram mais tempo do que Jared esperava, mas quando as gémeas estavam vestidas com as suas camisas de noite, penteadas e cheirosas, o seu coração bateu mais depressa.

– Conto – disse Ashley.

– Vai buscar um livro, querida – disse Cassandra, enquanto limpava a casa de banho. Olhou para Jared, enquanto ele se sentava no chão e se encostava à parede. Rindo com suavidade, Cassandra, sentou-se no rebordo da banheira.

– És o mesmo homem que trabalha no meio de tornados, sem permitir que nada

o impeça de seguir em frente? Pareces estafado.

– Sinto-me estafado. Diz-me que ainda se deve à viagem a Banguécoque.

Cassandra abanou a cabeça, fazendo um esforço para não rir.

– Pode ter algo a ver, mas ser pai requer muita energia.

Jared apoiou a cabeça na parede e semicerrou os olhos. Cassandra estava ligeiramente corada pelo esforço, quente e feminina. Os seus óculos tinham ficado na cozinha e tinha o cabelo praticamente solto. Jared não estava certo de poder resistir à tentação de lho soltar por completo.

– Temos um problema de falta de

camas – anunciou ele, lentamente.

– Mas eu tenho uma solução. A cama da tua esposa é muito grande...

Jared conteve o fôlego. Iria sugerir que a partilhassem? Não se importava que mal se conhecessem? Efetivamente, era uma cama suficientemente espaçosa para poderem dormir juntos sem se incomodarem. Se jogasse bem as suas cartas, teria a oportunidade de ver aquele sedoso cabelo preto sobre a almofada, aquele corpo sensual numa camisa de noite...

– ...Por isso, pensei que podíamos empurrá-la contra a parede, de maneira a que as meninas e eu possamos dormir nela. Eu ficarei do lado de fora para que elas não corram o risco de cair.

Jared pestanejou, fitando-a. Cassandra ia partilhar a cama com as suas filhas? E onde ficava ele?

– E eu durmo onde? Numa das suas caminhas?

Cassandra riu e abanou a cabeça.

– Mesmo que lá coubesses, iriam abaixo com o teu peso. Mas pensei que podias colocar os dois colchões no chão e, assim, terias espaço suficiente. Não é a melhor solução, mas também não é a mais desconfortável. A menos que tenhas pensado noutra coisa. Suponho que poderia ir para um hotel.

Jared sabia que Cassandra nunca aceitaria dormir com ele na mesma cama.

– Não, o teu plano é muito bom.

Levantou-se e estendeu uma mão para a ajudar a pôr-se de pé. Uma vez de pé, pôde sentir a doce fragrância do seu corpo, o suave aroma floral e o calor da sua pele. Lentamente, estendeu uma mão e tocou no gancho que segurava o seu cabelo.

– O teu carrapito está a desfazer-se – antes que Cassandra tivesse tempo para responder, Jared abriu o gancho e soltou-lhe o cabelo.

As mãos de Cassandra tocaram nas dele quando o tentou apanhar.

– Sei que está muito despenteado. Lembrei-me que, se lhes lesses uma história, eu poderia ir tomar um banho.

– Eu gosto dele assim – ignorando as mãos de Cassandra, Jared continuou a libertar-lhe o cabelo até ficar completamente espalhado sobre os seus ombros. E, fazendo-a erguer o queixo com um dedo, contemplou o resultado final. Sentiu uma pontada no baixo-ventre. Era linda. Os seus olhos grandes e interrogantes, as suas faces coradas, o seu cabelo, uma gloriosa nuvem emoldurando-lhe o rosto. – Obrigado por me ajudares com as minhas filhas – agradeceu ele, com suavidade. Cedendo a um impulso repentino, inclinou-se e beijou-a.

Por um instante, pensou que ela ia corresponder. Mas Cassandra afastou-se

imediatamente, cambaleando, e esteve prestes a cair dentro da banheira. Jared agarrou-a e esperou que recuperasse o equilíbrio para se afastar.

– Vou ver que história querem que lhes leia – anunciou ele. Esperou para ver se Cassandra tinha algo para lhe dizer, mas ela limitou-se a anuir, com uma expressão surpresa.

Jared foi procurar as suas filhas.

– Estupendo – murmurou Cassandra, enquanto ele se afastava pelo corredor. – Tive a delicadeza de um hipopótamo! – bateu nas faces e fechou os olhos. – Que falta de jeito!

Estava completamente destreinada. Não é que tivesse saído com muitos homens, mas também nenhum deles era

como Jared. Não esperava aquele beijo... e muito menos do seu chefe. Tinha sido apenas um beijo de agradecimento por ter tomado conta das suas filhas. Lentamente, levou os dedos aos lábios. De alguma maneira, parecera mais do que um simples agradecimento. Negando-se a continuar a pensar naquele beijo ou na sua reação estúpida, encaminhou-se para o quarto. Tomaria um duche e estaria pronta para se meter na cama depois de as meninas terem ouvido a história.

Jared empurrara a cama contra a parede e estava sentado contra as almofadas a ler. As gémeas e ele ergueram o olhar quando Cassandra

entrou no quarto.

– Venho buscar as minhas coisas para ir tomar banho – explicou, incomodada.

Jared anuiu e continuou a ler. Uns segundos depois, Cassandra estava fechada na casa de banho, sentindo-se mais tola do que nunca. O que esperava? Que Jared dissesse algo para tentar suavizar a situação? Ela é que tinha reagido de forma exagerada. Jared ia no segundo conto quando Cassandra voltou para o quarto.

– Já acabaste? – perguntou ela.

Tinha o cabelo húmido, caindo ondulado sobre as costas. Depois de ter vestido uma t-shirt comprida para dormir, apercebeu-se de que se esquecera do roupão. Por algum motivo,

a t-shirt não lhe parecia suficiente e amarrou uma toalha à volta da cintura. Só assim reuniu coragem para o enfrentar. Um intenso rubor cobriu-lhe as faces ao ver o espanto com que ele a encarava. Com a t-shirt, a toalha, as calças de ganga e os sapatos firmemente apertados contra o peito, devia estar com um aspeto verdadeiramente deplorável.

– Já acabaste de lhes ler a história? – voltou a perguntar, tentando comportar-se com naturalidade.

– Agora mesmo.

– Bom... Então, vou deitar-me com as meninas. Não dormi muito no avião e amanhã vamos ter um dia longo.

Jared consultou o relógio. Ainda não eram oito, mas estava tão habituado a sentir-se estafado que tinha a impressão de se ter sentido sempre assim. No entanto, as olheiras de Cassandra revelavam que também estava exausta. Dado os acontecimentos das últimas trinta e seis horas, compreendia muito bem porquê. Beijou Ashley e Brittany e ajeitou-as na cama, de forma a deixarem espaço para Cassandra. Depois, levantou-se e encaminhou-se para a porta.

— Acordas-me amanhã ou tenho de pôr o despertador? — inquiriu Cassandra.

— Acordo-te às seis. Talvez nos possamos arranjar antes destes dois

anjinhos acordarem.

– Duvido muito – Cassandra sorriu timidamente, pousou a sua roupa sobre a cadeira, os sapatos no chão e aproximou-se da cama.

Quando Jared se retirou, suspirou, aliviada. Tirou a toalha, inclinou-se para a frente e começou a secar o cabelo, conversando ao mesmo tempo com as gémeas. A porta abriu-se de repente.

– Sabes onde estão os lençóis? – Jared ficou parado onde estava, olhando para Cassandra.

A t-shirt cobria-lhe apenas o início das pernas, revelando as suas morenas e bem torneadas coxas, assim como as curvas do seu corpo. Cassandra corou,

ao ver o seu olhar expressivo.

– No armário do corredor – nunca um homem a tinha olhado com tanto interesse e o seu coração bateu acelerado.

– Obrigado. Até amanhã.

– Cassandra? – Jared abanou-a com suavidade. Ela virou-se, deitando-se de barriga para cima, abriu os olhos e voltou a fechá-los. Com as cortinas corridas, o quarto estava na penumbra.

– Hum?

Jared engoliu com dificuldade. Uma cabeleira preta e sedosa estendia-se sobre a almofada. Podia ver-se a

pequena e torneada figura de Cassandra debaixo dos lençóis. O desejo de se deitar junto dela tornava-se praticamente irresistível.

– Acorda, Cassandra.

– Que horas são? – sussurrou Cassandra, apoiando-se num cotovelo e contemplando as meninas.

– Seis e cinco. Chamei um táxi para nos vir buscar às sete e meia. Já estarás pronta nessa altura?

– Claro. Já fizeste café?

– Ia agora mesmo prepará-lo.

– Visto-me já – Cassandra endireitou-se e esfregou os olhos.

– Vai ter à cozinha quando estiveres pronta.

Contrariado, Jared virou-se e saiu do

quarto, disposto a ir fazer o café. Vestira as calças de ganga e a sua mala já estava pronta à porta de casa, assim como as malas das suas filhas. Deixara uma vazia para objetos de última hora.

— Cheira bem — disse Cassandra quando, uns minutos depois, entrou na cozinha.

Enquanto se vestia, decidira encarar o resto do dia com o melhor humor possível. E quando o dia acabasse, estaria comodamente sentada no seu apartamento e a viagem não passaria de uma recordação. E se Jared voltasse a beijá-la, apenas para lhe agradecer a ajuda prestada, estaria preparada.

— Estás pronta para sair?

– Sim. Pus a minha mala ao pé da tua. Assim que as meninas estiverem arranjadas, fecharei as suas malas. Talvez devêssemos comer no aeroporto, o que achas? – Cassandra falou depressa, tentando ocultar o facto de achar Jared impressionante àquela hora da manhã.

– Se puderem esperar até essa altura... – respondeu Jared. – O café está quase pronto.

Cassandra tirou duas chávenas do armário e, uns segundos depois, serviu o café. Ofereceu um a Jared, com o cuidado de não lhe tocar. Depois, afastou-se prudentemente dele e encostou-se na bancada da cozinha a

beber o seu.

– Dormiste bem? – perguntou ela, depois de dar um reconfortante gole na bebida.

Jared negou com a cabeça.

– Não, os colchões não paravam de se afastar. Cada vez que me mexia, caía no meio deles.

– Lamento. Pelo menos, esta noite estarás de volta a casa e poderás dormir na tua cama. O que farás com as meninas? Sabes se Helen tomou providências para lhes arranjar camas adequadas?

Jared pestanejou.

– Agora que o mencionas, não sei. Não tinha pensado nisso – e consultou o relógio.

– Nem penses em telefonar-lhe a esta hora. Em São Francisco são quatro da manhã. Podes telefonar-lhe do aeroporto.

– Vês o quanto és importante nesta aventura? A mim não me tinha ocorrido pensar nesse pormenor.

– Fico contente por te ser útil – murmurou Cassandra.

– Quando regressarmos, gostava de te convidar para jantar.

Cassandra contemplou Jared com os olhos arregalados.

– Não precisas de te incomodar.

– Se fosse um incómodo, não o ia querer fazê-lo. Mas, neste caso, apetece-me.

– Porquê?

– Para te agradecer pelo que fizeste. Considera-o como um bónus pelo teu trabalho extra.

– Quando?

– Dá-te jeito na sexta à noite?

– E as meninas?

– Não tencionava incluí-las no plano.

– Quem ficará a tomar conta delas?

Jared não tinha pensado nisso. Mas não o faria a ama que Helen tivesse contratado?

– Arranjarei alguém – respondeu, sentindo-se repentinamente incompetente em relação às tarefas que o aguardavam. Sabia tão pouco sobre crianças e as suas necessidades... Mas estava disposto a

aprender e depressa.

– Se arranjares uma babysitter, aceito – declarou Cassandra, lentamente, perguntando-se se seria uma decisão sábia.

Quando regressassem a São Francisco, voltariam à sua relação de chefe e empregada. Uma relação pessoal naquelas circunstâncias podia ser perigosa. Mas Jared só queria agradecer-lhe a sua ajuda. Jared estava demasiado contente com o facto de Cassandra ter aceitado o seu convite para se incomodar com a sua falta de entusiasmo. Observou a sua t-shirt, as suas calças de ganga justas e os seus ténis cor-de-rosa. Parecia jovem, despreocupada e feliz, apesar da

perspetiva de ter de se ocupar das duas gémeas durante o voo. Que aspeto teria na sexta-feira à noite quando a fosse buscar? Mal podia esperar para o comprovar.

Jared fez o check-in e entregou todas as malas e sacos, exceto aquele que Cassandra fez questão de levar consigo.

– Tem uma família encantadora! – comentou um dos passageiros com Cassandra, enquanto esperavam junto à porta de embarque.

– Obrigada – replicou ela, dedicando um sorriso trocista a Jared.

Ele olhou-a nos olhos. O que pensaria

de se ver unida a ele e às meninas? Pelo menos, não tinha explicado ao senhor que não era mãe das gémeas, nem que não formavam uma família. Parecia completamente à vontade no seu papel. Haveria alguma maneira de a convencer a ficar com ele para se converter na mãe das suas filhas? A ideia cimentava-se cada vez mais na sua mente.

Capítulo 4

A viagem de avião foi mais calma do que Cassandra tinha esperado e mais estafante do que Jared previra. As gêmeas sentiram-se fascinadas com a quantidade de gente que havia no avião, com o filme e os botões dos braços dos seus bancos. Mas não gostaram de se ver confinadas a um sítio tão pequeno. Felizmente, dormiram grande parte do trajeto. Jared esforçou-se por entretê-las quando acordaram, mas sentiu-se claramente aliviado quando a aterragem

foi anunciada. O voo pareceu-lhe mais longo do que o de Banguécoque. Cassandra sorriu ao mesmo tempo que colocava o cinto de segurança a Brittany. Jared lutava com o de Ashley.

– Feliz por a viagem ter acabado?

– Feliz por a viagem não ser até ao longínquo oeste. Estou de rastos.

– É difícil permanecer quieto num sítio quando só se tem dois anos – murmurou Cassandra, dando uma palmadinha carinhosa na mão de Brittany e sorrindo-lhe.

– Não sabes o quanto agradeço a tua ajuda, Cassandra – declarou Jared, enquanto recolhiam os seus pertences para saírem do avião. – A experiência já foi bastante dura, tendo uma especialista

ao lado. Não teria conseguido desenvencilhar-me sozinho.

– Claro que precisavas de ajuda. Mas as meninas são muito queridas. Não terás nenhum problema com elas – disse Cassandra, com certa melancolia.

– Para ti é fácil dizeres isso. Estarás em casa dentro de pouco tempo. Mas eu não tenho a certeza de conseguir sobreviver até amanhã – Jared pegou em Ashley ao colo, depois colocou o saco das fraldas ao ombro, como se o fizesse há anos, saiu para o corredor e esperou que Cassandra e Brittany o precedessem.

Ela dedicou-lhe um sorriso, ao ver a imagem encantadora do grande homem a

segurar a menina diminuta. Por um instante, sentiu que o seu coração se derretia. Mas, se fosse por esse caminho, só a aguardava o perigo. Rapidamente afastou-se pelo corredor, recusando-se a sentir o que quer que fosse, para além de um profissional desapego. Assim que deixasse Jared e as meninas em casa, a sua tarefa estaria acabada. No terminal, viu um homem a levantar um cartaz com o nome de Jared.

— Outra limusina? — murmurou, enquanto se aproximava do condutor fardado.

— É mais barato do que estacionar aqui. E muito mais cómodo — afirmou Jared.

«E muito mais luxuoso», pensou

Cassandra, uns minutos depois, comodamente sentada no banco de couro, enquanto se dirigiam para São Francisco.

– Era capaz de me habituar a isto – comentou apreciativamente.

– Também te poupa o trabalho de teres de procurar um lugar para estacionar ao pé de casa – acrescentou Jared.

– Onde vives? – Cassandra achou estranho não lho ter perguntado antes. Bem, Jared era o seu chefe e ela não tinha de saber onde morava.

– Em Pacific Heights. Num antigo apartamento de tetos altos e soalho de madeira.

– É suficientemente grande para ter uma empregada interna?

– Receio que não. Terei de transformar o meu escritório num quarto para a ama. Suponho que levarei o computador e os arquivos para o meu quarto.

Cassandra anuiu. Iam produzir-se muitas mudanças na vida de Jared Hunter. Quando a limusina se deteve diante do seu prédio, Jared sentia-se ainda mais inquieto. Seria capaz de tomar conta das meninas sozinho? Tinha telefonado a Helen antes de sair e, apesar de a sua secretária ter providenciado a entrega de alguns móveis, ainda não conseguira arranjar

uma ama. Pelos vistos, ia ter de ficar em casa durante alguns dias até arranjar alguém. Cassandra entrou com Brittany ao colo. O apartamento era no primeiro andar, por cima das garagens. Pelo menos, não haveria vizinhos no andar de baixo para se queixarem das correrias das meninas. Deu uma vista de olhos rápida ao mobiliário da sala. A palavra confortável surgiu de imediato na sua mente. Não se assemelhava em nada ao luxuoso mobiliário do apartamento de MaryEllen. Combinava muito mais com Jared e era muito mais adequado para as gémeas. Pousou lentamente Brittany no chão. A menina tinha o polegar na boca. Encostou-se a uma perna de Cassandra, como se temesse quebrar o contacto.

– O vosso quarto fica aqui – anunciou Jared, colocando Ashley no chão. A menina correu pelo corredor. Brittany observou-a.

– Vamos ver o teu quarto, está bem, querida? – perguntou Cassandra, agarrando-a pela mão. Tinha curiosidade em ver a casa, de modo que ficou satisfeita por ter aquela desculpa.

O quarto tinha sido montado rapidamente. Havia duas caminhas novas junto à janela, uma cama de casal desmontada na parede oposta e uma cadeira de baloiço confortável.

– Temos de tirar esta cama antes que caia em cima de uma das meninas – disse Jared. Depois de olhar à sua volta,

acrescentou: – Na verdade não é nada parecido com o quarto que tinham em Nova Iorque.

– Não, mas não é preciso muito para ficar bonito. Alguns móveis e uns pósteres do Mickey Mouse na parede e estará pronto. Podes pôr umas estantes para arrumarem os brinquedos. Ficará muito bem, Jared. Acho que Helen fez um bom trabalho num só dia.

– Este costumava ser o quarto de MaryEllen – disse ele, lentamente.

Cassandra tentou ocultar a sua surpresa. Sabia que Jared e MaryEller se tinham casado principalmente para facilitar o funcionamento do seu negócio, mas não sabia que não partilhavam o mesmo quarto. Era

evidente que nalgum momento o tinham feito, senão as gémeas não estariam ali. Mas isso também não era da sua conta.

– As meninas vão gostar disso. Podes dizer-lhes quando crescerem.

– Se continuarmos aqui. Pensei em procurar uma casa maior. Há um parque ao fundo da rua, mas não tenho jardim.

– A casa onde cresci tinha um grande pátio nas traseiras. Divertíamo-nos muito a brincar ali – Cassandra sorriu, ao recordar-se. Nem tudo tinha sido mau na sua infância. Tinha bonitas recordações e pensar em Ashley e em Brittany tinha-a feito revivê-las. – Bom, é melhor ir andando – disse, virando-se.

– Já? – perguntou Jared.

Cassandra reprimiu um riso. O seu chefe parecia realmente aterrorizado.

– Acho que a minha missão acabou.

– Pelo menos, fica para o jantar. Encomendaremos uma piza. Depois, chamarei um táxi para te levar a casa.

– Está bem. Mas só fico para a piza. Depois, tenho de ir para casa. Amanhã é dia de trabalho, lembra-te?

– Quinta-feira. E, se quiseres tirar o resto da semana, o teu chefe não se importará – disse Jared. – Estou-te muito grato pela tua ajuda.

– E eu agradeço-te a sugestão, mas asseguro-te de que estou desejosa de voltar ao trabalho. Quero pôr em marcha o projeto GlobalNet.

– Claro – o tom de Jared arrefeceu notavelmente.

Cassandra olhou-o, confusa pela mudança de humor. Jared não disse nada e ela esqueceu o assunto, assim que começou a desfazer as malas das meninas. Quando a piza chegou, já as gémeas tinham explorado cada recanto da casa e, depois, divertiram-se muito a comer. Depois de beberem um copo de leite com bolachas, estavam prontas para tomar um banho e deitar-se. Apesar da sua intenção de se ir embora logo a seguir ao jantar, Cassandra ficou para ajudar a deitar as gémeas. O banho foi divertido, com muitos salpicos e risos. Finalmente, Brittany e Ashley ficaram

comodamente instaladas nas suas caminhas.

– Obrigado mais uma vez, Cassandra – agradeceu Jared à porta de casa quando ela se despediu. O táxi já tinha chegado e tinha de se apressar, mas Jared sentia-se renitente à sua partida.

– Apesar de tudo, estou satisfeita por ter podido ajudar – declarou Cassandra, com sinceridade. – E só me deixaste sozinha com as meninas uma vez – brincou ela.

Jared sorriu.

– Telefona-me quando chegares a casa.

– Para quê? – quis saber Cassandra, surpresa.

Ele encolheu os ombros.

– Só para me certificar de que chegaste bem, senão ficarei preocupado até saber que estás em casa.

Cassandra encarou-o. Há anos que ninguém se preocupava com ela, que ninguém se importava se chegava sã e salva a casa.

– Está bem. Telefono-te, assim que chegar. Obrigada pelo jantar.

– Se arranjar uma babysitter, o nosso jantar mantém-se de pé, não é?

– Sim. Boa noite.

Jared estendeu uma mão, puxou-a pelo braço e inclinou-se para a beijar brevemente. Ela sentiu a cabeça a andar à roda. Antes de poder reagir, Jared afastou-se e acariciou-lhe a face.

– Boa noite.

«Com que então ia estar preparada no caso de ele voltar a beijar-me?», perguntou-se Cassandra, com ironia, enquanto se dirigia para o táxi. Os beijos de Jared eram espantosos e mais ainda a sua reação. Mas não significavam nada. Sabia que Jared estava a agradecer-lhe pela sua ajuda, apenas isso. Era apenas um beijo de gratidão. Tentava pensar racionalmente, mas uma parte de si insistia em dar azo à sua imaginação. Os beijos ardentes de Jared eram apenas o princípio. Rapidamente apaixonar-se-ia loucamente por ela e achá-la-ia irresistível. Pedi-la-ia em casamento

para partilharem a sua vida em conjunto. Estaria tão louco por ela que faria qualquer coisa para a fazer feliz. Talvez até a tornasse sua sócia na Hunter Associates, como MaryEllen. O sonho esfumou-se tão depressa como surgiu. Em que é que estava a pensar? Se Jared casasse com ela, como fizera com MaryEllen, seria por conveniência. E ela não queria casar-se antes de ter triunfado a nível profissional. Mas nenhuma destas suposições importava, porque ela já tinha os seus planos e estes não incluíam cuidar de crianças num futuro próximo. Por enquanto, os seus bebés eram os seus projetos financeiros. Quando chegou a casa, marcou o número de Jared.

– Em casa, sã e salva – disse quando ele atendeu.

– Muito bem.

– As meninas estão a dormir?

– Não as ouvi a falar. Se Helen arranjar alguém para amanhã, vemo-nos no escritório. Se não aparecer, podes telefonar-me para me consultares sobre a GlobalNet.

– Está bem, assim farei. Boa noite.

Eficiente e profissional. O telefonema tinha sido como pretendia, então, porque é que se sentia tão em baixo?

No dia seguinte, no trabalho, Cassandra embrenhou-se por completo

no projeto GlobalNet. Manteve-se atenta ao escritório de Jared. Ao meio-dia compreendeu que havia muito poucas probabilidades de que ele aparecesse por lá. Queria saber o que Helen fizera quanto à ama, mas não sabia se seria adequado perguntar-lho. Na sexta-feira, a curiosidade venceu-a e encaminhou-se para o escritório de Jared.

– Bom dia – cumprimentou a secretária, sorrindo.

– Olá, Helen. Jared vem hoje?

– Não, e acho que só voltará na segunda-feira. Precisas de alguma coisa?

– Só queria saber como é que lhe estão a correr as coisas com as gémeas.

Helen riu com suavidade.

– Acho que o têm esgotado. Mas pelo telefone parece bastante satisfeito com a situação. Arranjei uma ama que pode mudar-se no fim de semana e começar a trabalhar na segunda-feira.

– Ótimo! – não tinha mais nada para dizer. Cassandra sorriu e virou-se para se retirar. O telefone começou a tocar naquele momento.

– Está aqui ao meu lado – disse Helen e estendeu-lhe o telefone. – É para ti. É Jared.

Cassandra pegou no auscultador.

– Estou?

– Olá, Cassandra. Sinto muito, mas vou ter de te deixar plantada. Helen arranjou uma ama, mas só estará cá no

domingo e não tenho ninguém para ficar com elas. Podemos adiar o nosso encontro para a próxima semana?

– Claro, não há problema. Precisas que te vá ajudar esta noite? – de onde é que tinha saído aquilo? Tinha jurado não voltar a cuidar de crianças. Mas a verdade é que sentia falta das gémeas. Uma visita rápida não lhe faria mal.

– Não, estamos a desenvencilhar-nos bastante bem. A verdade é que o apartamento está uma desgraça e não quero manchar a minha imagem. Mas obrigado pela oferta. Lamento por esta noite, porque estava desejoso de que chegasse.

– Eu também – até ter sido cancelado, Cassandra não se tinha dado conta do

quanto ansiava por aquele encontro.

— Volta a passar-me a Helen, por favor.

Cassandra entregou o auscultador à secretária e voltou rapidamente para o seu escritório. Podia trabalhar o tempo que quisesse no seu projeto. Não precisava de ir para casa mais cedo para se ir arranjar. De alguma maneira, a alegria do dia tinha-se desvanecido.

Quando abriu a porta do seu apartamento, já passava das oito. Tinha comprado algo para comer num restaurante chinês e passeara um pouco por Chinatown, vendo as montras. Tinha planeado ver o que ia dar na televisão e talvez se deitasse cedo. Estava a mudar

de roupa quando o telefone tocou. Não imaginava quem podia ser àquela hora da noite a uma sexta-feira.

– Estou?

– Cassandra, preciso de ti – a voz de Jared chegou do outro lado da linha, quente e familiar.

– Para quê? – o coração de Cassandra bateu mais depressa. Encostou-se à parede, sorrindo. Era agradável ouvir a sua voz.

– Brittany está doente e não sei o que fazer com ela.

Cassandra endireitou-se imediatamente, preocupada.

– Vomitou duas vezes. Dói-lhe a barriga e não para de chorar. Fiz de tudo, mas nada parece resultar. Alguma

sugestão?

– Estou aí dentro de dez minutos.

– Não precisas de vir. Basta dizeres-me o que fazer.

– Estou aí dentro de dez minutos – desligou antes de Jared poder protestar e chamou um táxi.

Voltou a vestir-se e saiu, impaciente, de casa. O que teria acontecido? Teria apanhado algo no avião? Deveria ter-lhe perguntado se tinha febre. Será que ele tinha um termómetro em casa? E algum medicamento antipirético? Sabia que não tinha nenhuma experiência com crianças. Deveria ter-se certificado de que contava com o imprescindível. Quinze minutos depois, batia

impacientemente à porta.

Jared abriu a porta com uma chorosa Brittany ao colo. Ashley estava ao lado, evidentemente alterada.

— Sentes-te mal, pequena? — Cassandra estendeu os braços para a menina, que imediatamente os aceitou. Depois de encostar a face na testa da criança, disse: — Não tem febre. Está apenas congestionada pelo choro — sentiu um alívio imediato. Tinha imaginado todo o tipo de doenças durante o trajeto.

— Estou muito contente por te ver, mas não queria incomodar-te.

— Não há problema. O meu encontro foi cancelado — respondeu Cassandra, num tom irónico. — Vá, querida, conta a

Cassie o que sentes.

Brittany aninhou-se contra ela e chorou com suavidade.

– Dói o estômago.

Cassandra acariciou-lhe as costas e sorriu animadamente a Ashley.

– E como é que tu te sentes, querida?

– Bem. Brittany, está mal.

– Sim, estou a ver. Mas vai ficar boa

– Cassandra dirigiu-se para a cozinha e comprovou o caos reinante.

– Bastante mal, não? – disse ele, olhando para tudo como se fosse a primeira vez que o visse. – É difícil fazer o que quer que seja com duas meninas para cuidar.

– E quando fazem a sesta?

– Esse é o único momento que tenho para trabalhar. Tenho um negócio para gerir, lembras-te?

– Desculpas, desculpas – brincou Cassandra. Começou a abrir os armários, à procura de uma sopa.

– De que estás à procura? – perguntou Jared.

– De sopa. Deves ter alguma, não?

– Que eu saiba, não. Mas tenho aqui umas latas – Jared abriu o armário e começou a ler os rótulos. Surpreso, tirou uma lata. – Tenho uma.

– Provavelmente, cortesia de Helen. Aquece-a e veremos se serve para lhe acalmar o estômago. O que é que ela comeu hoje?

Jared despejou a sopa num tacho, leu as instruções e acendeu o lume.

– O mesmo que nos dois dias anteriores, exceto o algodão doce.

– Algodão doce?

– Hoje fomos ao parque de diversões e comprei-lhes algodão doce.

Cassandra olhou para Ashley.

– Também te dói o estômago, querida?

A menina negou com a cabeça.

– Achas que foi isso? – perguntou Jared. – Ashley não gostou, porque achou demasiado doce.

– Um excesso de açúcar pode alterar o estômago.

– Não sei ser um bom pai.

– Não sejas tolo. Estás a ir muito bem. Foi muito amável da tua parte levá-las ao parque e tenho a certeza de que adoraram andar de carrossel. Mas, na idade delas, não lhes daria muito mais para além das suaves comidas a que estão habituadas. Na outra noite fiquei preocupada por terem comido piza, mas, como comeram pouco, não deve ter alterado os seus estômagos.

– Lembro-me de ter ido a uma feira uma vez e ter comido algodão doce. Era tão bom...

– E provavelmente eras bastante mais velho – disse Cassandra.

– Acho que devia ter nove anos.

– Um rapazinho duro que podia

enfrentar quase tudo, até mesmo o algodão doce.

– Isso pensava eu naqueles tempos – Jared sorriu.

O coração de Cassandra bateu mais depressa. Um suave calor difundiu-se lentamente por todo o seu corpo. O sorriso de Jared era devastador. A sua mente ficou em branco. A única coisa que podia fazer era sentir as vibrantes sensações que a percorriam de cima a baixo, enquanto contemplava aquele homem. Desviou rapidamente o olhar, temendo derreter com Brittany nos braços se não se recompusesse rapidamente. Afinal de contas, havia muitos homens atraentes no mundo. Podia lidar com aquela situação.

– Paraste para pensar que, se não arrumares um pouco a casa, a ama pode fugir disparada? – comentou, tentando controlar as suas emoções.

– Já tratei disso. Amanhã, a minha empregada vem limpar a casa. Não estou louco. A última coisa que quero é assustar a mulher. Quem é que ia pensar que era tão complicado contratar uma ama? Helen teve de se esforçar muito.

– Espero que as coisas corram bem. A sopa já está quente?

Depois de comer algumas colheradas, Brittany pareceu melhorar rapidamente. Ashley permaneceu junto da sua irmã. Só relaxou quando ela se riu com um comentário de Cassandra.

– Quero a mamã – disse Ashley a Jared, puxando-lhe a manga da camisa.

Jared ficou paralisado, a olhar para a filha.

– A tua mamã morreu, querida. Foi viver para o céu – explicou Cassandra, vendo que o silêncio se prolongava.

– Porque é que lhe dizes isso? – murmurou Jared, com aspereza. Parecia zangado. – São bebés. Quando mo perguntaram antes, disse-lhes que se tinha ido embora.

– São muito pequenas e provavelmente perguntar-te-ão uma série de vezes por ela. Se lhes disseres que partiu, isso implica que voltará. Quando não voltar, questionar-se-ão

sobre a tua credibilidade. Precisam de saber a verdade, por muito dura que seja. A verdade é que a sua mãe morreu e nunca mais voltará. Mas têm o seu papá, que tomará conta delas. Precisam de segurança, Jared. Dá-lhes isso, mas não lhes mintas.

– Parece tão duro...

– E é. Mas a vida é assim mesmo, às vezes. Acho terrível que tenham perdido a mãe, sendo tão pequenas, mas têm a sorte de poder contar com um pai que as amará e cuidará.

– Assim não terão de ser adotadas nem se verão obrigadas a viver com um avô rezingão – murmurou Jared, acariciando a cabecinha de Ashley.

– Quem é que teve de passar por

isso? – perguntou Cassandra. Brittany remexeu-se nos seus braços para descer. Pousou-a no chão e viu como corria para o quarto com a irmã.

– Eu – retorquiu Jared. – Os meus pais morreram quando tinha dez anos. Fui viver com o meu avô, que não achou graça nenhuma a ter de tomar conta de mim. Era viúvo há muitos anos e já tinha a sua vida completamente organizada. Criar um rapaz de dez anos não fazia parte dos planos do seu pacífico retiro. Mas não teve outro remédio senão ocupar-se de mim.

– Tenho a certeza de que te amava.

– Talvez, mas não tive a vida familiar mais adequada. Gostava que as minhas

filhas tivessem um pai e uma mãe.

Cassandra desviou o olhar. Ficaria contente por ele se encontrasse uma boa mulher que quisesse casar-se e criar as suas filhas. A pontada no seu coração não tinha nada a ver com decepção ou com um anseio desconhecido.

– Então, somos os dois órfãos – disse, enquanto passava o prato da sopa por água.

– Sim. E isso é algo que não quero para as minhas filhas – garantiu Jared, apoiando-se na bancada.

– Nesse caso, é melhor teres cuidado. Tens de viver durante muito anos. O teu avô ainda é vivo?

– Claro. Tem oitenta e três anos e está cada vez mais rijo.

– O que pensa das meninas?

– Ainda não sabe nada sobre elas. Pensei ir a casa dele no fim de semana para lhas apresentar. Suponho que será um autêntico choque, como foi para mim. Vive em Sonora. Queres vir connosco?

«Sim», quis gritar Cassandra. Adoraria passar o dia com Jared e as meninas. Mas devia ser cautelosa.

– Não me parece, mas obrigada de qualquer forma.

– Não te posso culpar. Provavelmente, fazeres de ama no teu dia livre não é o plano mais interessante.

– Não é isso. Gostava de passar o dia

contigo e com as meninas, mas é uma saída familiar. Seria uma estranha – Cassandra tinha tido experiências suficientes dessas na vida.

– Não mais do que eu me sinto com as gémeas. Vem connosco. Alguma vez estiveste em Sonora?

Ela negou com a cabeça.

– Vais adorar – continuou Jared. É uma aldeia antiga de exploradores de ouro. Columbia fica a apenas uns minutos. Restauraram-na para que ficasse como era nos tempos da febre do ouro. Podíamos ir dar uma volta, descobrir a sua história, seria educativo para as meninas.

Cassandra riu.

– Claro, como se duas meninas de

dois anos fossem aprender muito sobre a história da Califórnia.

— Nunca se sabe o que reterão. Almoçaremos e depois iremos ver o meu avô. Provavelmente, dormirá uma sesta ao mesmo tempo que as meninas. Mas tenho a certeza de que ficará com elas à tarde e nós poderemos ir jantar fora.

— Isso significaria ir passar o fim de semana fora — disse Cassandra lentamente. A imagem evocada por Jared era tentadora. Adoraria ir para o campo e passar uns bons momentos com ele.

Uns risos infantis chegaram até eles, mas Cassandra mal reparou neles.

Estava hipnotizada pelos olhos escuros de Jared, pela atração que sentia por ele. E com a tentadora imagem de um fim de semana no campo com ele.

– Passa-se alguma coisa? Tens algo planeado? – a voz de Jared soou grave e profunda.

Cassandra tentou arranjar uma desculpa para recusar, mas não a encontrou. Não faria mal nenhum passar alguns dias com os Hunter. Além do mais, poderia aproveitar para conhecer uma parte do estado que não conhecia.

– Suponho que não haja nenhum problema. A que horas queres sair? – quis saber.

Jared voltou a sorrir. Cassandra pensou que deveria proibi-lo de sorrir.

Apesar de tudo, desfrutou do estremecimento que lhe percorreu o corpo.

– Cedo. É uma viagem de quatro horas.

– Acrescenta mais meia hora para possíveis paragens.

– Que paragens?

– É evidente que nunca viajaste com crianças pequenas. Asseguro-te de que terás de parar várias vezes.

– Tu é que és a especialista. Sairemos às sete e meia.

Cassandra olhou à sua volta.

– Queres que te ajude aqui antes de me ir embora?

– Não, já te disse que a minha

empregada vem amanhã. Tens de ir já? Fica até às meninas irem para a cama. Não pudemos ir jantar fora, mas podemos passar algum tempo juntos. A menos que tenhas outros planos.

– Não, não tenho. E já são nove. As meninas já deviam estar na cama.

Deitar as meninas foi divertido. Quando as gémeas já estavam vestidas, Jared leu-lhes um conto.

– Sentes-te melhor, Brittany? – inquiriu Cassandra, aconchegando-a, depois do conto.

– Sim. Onde está a mamã?

– Está no céu. Sente muito a tua falta, como tu sentes a dela. Mas o teu pai está aqui e vai cuidar de ti para sempre.

Depois de desejarem as boas-noites

às meninas, Cassandra e Jared foram para a sala.

– Se continuarem com a sua rotina, estarão a dormir dentro de cinco minutos – disse ele, espreguiçando-se. Contemplou Cassandra. – Obrigado por teres ficado, Cassie.

Ela ergueu as sobrancelhas ao ouvir o diminutivo.

– Importas-te que te trate por Cassie? – perguntou Jared. – As meninas estão sempre a falar de ti e chamam-te assim.

– Não me importo – sentindo que corava, Cassandra aproximou-se da janela da sala. A vista do apartamento não era especialmente bonita, mas era agradável olhar para as luzes que

brilhavam no exterior.

– Se abrires a janela e olhares para a direita, podes ver um pouco da baía – Jared colocou-se atrás dela. Quando estendeu um braço para abrir a janela, aprisionou Cassandra entre o seu corpo e o parapeito da janela. Ela resistiu à tentação de se apoiar contra ele. Assomou a cabeça e olhou. Ao longe, captou o brilho das luzes de Bay Bridge a bailarem na água.

– Com que então é um apartamento com vista para a baía – murmurou, virando-se lentamente, ainda presa pelo corpo de Jared.

– Foi o que me disseram quando o arrendei. O teu apartamento também tem uma vista assim? – a voz de Jared soou

grave e sedutora. Não se mexeu, esperando pela reação de Cassandra.

Com o coração acelerado, Cassandra tentou em vão ignorar a sua excitação. Jared estava a escassos centímetros dela. Lentamente, muito lentamente, rodeou-a com os seus braços. Hipnotizada, permaneceu muito quieta enquanto a cabeça de Jared se inclinava sobre ela. Cedendo ao prazer que sabia que se avizinhava, fechou os olhos e esperou pelo beijo. Teria esperado toda a vida para receber aquele beijo? Sentiu a firmeza e a sensualidade dos seus lábios contra os dela. Jared apertou-a contra o seu corpo e Cassandra deixou-se levar pelas sensações que a

invadiam. Ergueu os braços e rodeou o pescoço de Jared, em seguida, acariciou-lhe o cabelo, fechou os olhos... Começou a ter dificuldade em respirar, mas não se importou. O seu coração batia tão forte, que podia senti-lo contra o peito. Não queria mexer-se. Ser beijada por Jared Hunter era como estar no céu.

– Papá!

Um balde de água fria não teria interrompido o beijo com mais rapidez. Jared virou-se e caminhou rapidamente para o quarto das suas filhas. Cassandra respirou fundo e apoiou-se no parapeito da janela. O frescor da noite começou a abrandar o calor do beijo e, em poucos segundos, recuperou o bom senso.

Depois, virou-se e fechou a janela. Colocando os óculos, perguntou-se se deveria partir. Uma relação sentimental com Jared seria uma loucura. Queria dela o que ela não podia dar-lhe. Jared voltou para a sala, mas ficou junto à porta.

– Desculpa. Ashley queria um copo de água.

– É uma técnica clássica das crianças e eficaz. Depois chamar-te-á a meio da noite para que a leves à casa de banho.

Jared sorriu e anuiu.

– Foi o que fez ontem à noite, mas eu não me importo.

Cassandra afastou-se da janela e foi sentar-se no sofá, recusando-se a

mostrar a sua decepção. Não havia nenhum motivo para que Jared continuasse a beijá-la. Mas, pela forma como estava a olhar para a sua boca, soube que estava a pensar nisso.

Capítulo 5

Jared sentou-se no sofá junto dela, tendo o cuidado para deixar um espaço entre eles. Esticou as suas pernas compridas e encostou a cabeça no sofá.

– Estou cansado. As minhas filhas conseguem esgotar qualquer pessoa.

Cassandra sentiu-se comovida com a vulnerabilidade dele. No escritório, parecia tão duro, tão distante... Os brinquedos espalhados pelo chão da sala evidenciavam o quanto a sua vida tinha mudado em pouco tempo.

– As crianças têm muita energia. Basta pensar que tudo lhes parece excitante. Têm tanto para descobrir...

– E estão expostas a tantos perigos – disse Jared. – Hoje, houve uma altura no parque em que pensei que tinha perdido Brittany. Tive medo de que tivesse caído à água ou de que alguém a tivesse sequestrado. E levar duas meninas à casa de banho não é tão fácil como possa parecer.

Cassandra riu com suavidade.

– Adoro as tuas filhas, Jared, mas o que achas de pararmos de falar delas por um momento?

Ele virou ligeiramente a cabeça para a encarar.

– És anti crianças, tinha-me esquecido.

– Acho que sou um pouco.

– É uma pena, porque é evidente que sabes lidar com elas.

– As pessoas podem fazer bem as coisas que não lhes agradam.

– Livra-me de ser o típico pai chato que não para de contar os feitos brilhantes dos seus filhos.

– Não é isso, Jared. As tuas meninas são adoráveis. Adoro-as, mas...

– Mas tens uma profissão em que pensar e não tens tempo para crianças.

– Suponho que é isso – posto daquela forma, parecia muito frio. Cassandra franziu o sobrolho. Não se recusava

determinantemente a ter filhos, mas aquele não era o momento mais oportuno.

– Se não podemos falar das minhas filhas, também não podemos falar de trabalho – replicou Jared.

Cassandra encarou-o. A verdade é que tencionava falar com ele sobre alguns projetos. Pelos vistos, Jared lera-lhe a mente.

– Está bem. Escolhe um tema de conversa.

– Escolho-te a ti – respondeu ele, sorrindo travessamente.

– A mim? Não me parece um tema interessante. Além disso, já sabes tudo sobre mim.

– O que sei é que nasceste em Los

Angeles e que agora vives aqui. Andaste na universidade e, segundo me lembro da tua entrevista de trabalho, tiveste notas excelentes.

Cassandra descontraiu-se, ao ouvir o elogio inesperado.

– Adoro gelado de chocolate e prefiro ler a ver televisão. Gosto de roupa boa, mas sinto-me melhor de calças de ganga. É o que queres saber?

– É um começo. Que tipo de livros gostas de ler? Eu gosto dos de mistério.

O tempo pareceu voar, enquanto conversavam. Dos livros passaram ao cinema, às viagens de trabalho e de ócio de Jared e às que Cassandra gostaria de fazer. Quando Jared se levantou para ir

ver as meninas, ela esteve prestes a acompanhá-lo. Sabia que era um disparate manter as distâncias com as gêmeas. Todas as crianças mereciam amor, de quem quer que fosse. Mas não podia esquecer-se das suas metas e não deveria ceder à fantasia de fazer parte de uma família.

– Estão a dormir? – perguntou quando Jared regressou.

– Profundamente. Obrigado por me teres ajudado com Brittany. Não sabia o que fazer.

– Precisas de arranjar um pediatra. Se a menina estivesse realmente doente e fosse preciso levá-la ao hospital, terias tido de te conformar com o médico que estivesse de serviço.

– Ser pai é mais complicado do que pensava.

– E ainda agora começaste – salientou Cassandra, sorrindo. – Mas estás a fazer um bom papel, Jared. Não te preocupes com isso.

– Gosto de sentir que controlo a situação e não é precisamente o que sinto agora. Acho que as mulheres são melhores nisto do que os homens. Se estivesse casado, a minha esposa saberia o que fazer.

– Ser mulher não significa que venhas ao mundo com um livro de instruções sobre como tratar de crianças. Há muitos homens com jeito. E há muitas mulheres trabalhadoras que não fazem a

mínima ideia de como lidar com uma criança.

– Como Helen. Telefonei-lhe antes de ligar para ti e a única coisa que me sugeriu foi que te telefonasse.

Sentindo-se um pouco dececionada por ter sido a segunda escolha de Jared, Cassandra consultou o relógio.

– É tarde. Devia ir-me embora.

– Chamo-te um táxi. Obrigado por teres ficado. Depois de ter falado dois dias seguidos com as meninas, estava deseioso de conversar com um adulto.

Enquanto Jared chamava um táxi, Cassandra não conseguiu deixar de reparar nas suas costas largas e nos seus ombros fortes, em como os sentira debaixo das mãos... Levantou-se

bruscamente do sofá e passeou pela sala, tentando escapar aos seus pensamentos. Beijá-la-ia de novo antes de partir? Essa simples ideia fê-la estremecer.

– Chega dentro de uns minutos – anunciou Jared. – Não me tinha dado conta de que era tão tarde. O tempo passa a correr.

– Foi divertido. Ainda bem que Brittany está bem. Os pequenos problemas de estômago costumam passar depressa. Se tivesse ficado mesmo mal, Ashley também teria passado pelo mesmo.

– Oxalá pudesse acompanhar-te até casa ou até ao táxi! – disse Jared,

assomando-se à janela para ver se o táxi já tinha chegado.

– Não te preocupes. Fico bem.

– Telefona-me quando chegares.

Cassandra voltou a sentir um calor inesperado e anuiu.

– Já chegou – Jared afastou-se da janela e aproximou-se dela. Colocou-lhe as mãos nos ombros. – Vemo-nos no escritório para a semana e no sábado seguinte iremos a Sonora. Veste umas calças de ganga, mas leva também um vestido para irmos jantar fora.

– Está bem – Cassandra tinha dificuldade em respirar com calma. Cada inalação enchia-a com o aroma especial de Jared, um pouco almiscarado e com um toque único.

Ele olhou-a nos olhos longamente. Cassandra conteve o alento, esperando que a beijasse. Beijara-a antes. Seria outro beijo de agradecimento, ou de despedida.

– É melhor ires andando – disse Jared, apertando-lhe suavemente os ombros, antes de a soltar.

– Adeus – Cassandra saiu a correr do apartamento. Teria ele suspeitado o quanto desejara que a beijasse? Morreria de vergonha se assim fosse. Uma vez no táxi, olhou para as janelas iluminadas do apartamento. Jared estava assomado à da sala, acenando-lhe com a mão. Ela retribuiu-lhe o aceno, desejando mais do que nunca que a

tivesse beijado.

Na segunda-feira, Cassandra chegou dez minutos mais cedo do que Jared. Quando ele apareceu, observou-o a sair do elevador. Já concentrado nos seus assuntos, Jared nem sequer reparou nela. Dececionada, Cassandra voltou a concentrar-se no trabalho, tentando convencer-se de que era precisamente isso o que queria. Aquele era o mundo do trabalho. Não havia tempo para assuntos pessoais. Mas um breve cumprimento ou um sorriso não lhe teria feito mal nenhum. Mas contava com o fim de semana. Dois dias com as gémeas e o seu atraente e sexy chefe. Sexy?

Olhou para os papéis que tinha diante de si, mas só viu o cabelo escuro de Jared, desgrenhado, o seu sorriso, a intensidade do seu olhar antes de a beijar. Era sexy e estava fora do seu alcance. Afastou com firmeza aqueles pensamentos e tentou concentrar-se na tarefa que tinha entre mãos.

A terça e a quarta-feira foram dias muito atarefados e, a não ser por uma reunião de todos os chefes de projeto com Jared, durante a qual este a tratou com a mesma deferência que aos demais, não se viram nem falaram de nada pessoal.

Na quinta-feira quando Cassandra chegou ao escritório, este estava em plena ebulição. Aguardavam a chegada de um cliente importante às dez. Se a apresentação do projeto, dirigido pessoalmente por Jared, o convencesse, significaria uma forte injeção de dinheiro na empresa e faria a reputação da Hunter Associates crescer ainda mais. Apesar de Cassandra não estar envolvida naquele projeto, sentia a mesma antecipação que o resto do pessoal. Queria que tudo corresse bem, pois sentia-se orgulhosa da empresa para a qual trabalhava. Pouco antes das dez, Helen apareceu ao seu lado, com um ar preocupado.

– Posso falar contigo em privado, Cassandra? – inquiriu, dirigindo olhares nervosos para as secretárias contíguas.

– Surgiu um imprevisto. A ama que contratei para Jared deixou o trabalho esta manhã sem avisar. Estou a tentar arranjar outra, mas, por enquanto, ainda não tive sorte. Falta menos de meia hora para a apresentação do projeto TelStar e Jared tem de vir o quanto antes. Não sei o que fazer. Não podes ficar com as meninas?

– Eu? – perguntou Cassandra. Outra vez não!

– Eu sei que não é o teu trabalho, mas trata-se de uma emergência. Se pudesse dizer a Jared que vais tomar conta delas,

sentir-se-ia terrivelmente aliviado. As meninas conhecem-te e tu sabes lidar com elas. Não to pediria se não fosse tão importante. Por favor.

– Jared pediu-te para o fazeres? – perguntou Cassandra, irritada por pensar que Jared menosprezava o seu trabalho árduo para que pudesse converter-se numa ama conveniente.

– Não. Pensa que ainda estou a tentar localizar uma ama através das agências. Se recusares, provavelmente terei de ir eu, mas eu não percebo nada de crianças. Além do mais, é suposto ter de atender às necessidades que forem surgindo durante a reunião, fazer fotocópias, mandar algum fax urgente... – Helen retorceu as mãos nervosamente.

– Não podia ter acontecido em pior altura. Não percebo porque é que a ama não podia esperar. Jared pode ficar com elas amanhã, até arranjar uma substituta. Mas hoje, não. A reunião é demasiado importante.

– Deixa-me pensar – disse Cassandra, tentando pensar em tudo o que tinha planeado para aquele dia. – Tenho de analisar a informação de Hong-Kong para o projeto GlobalNet.

– Usa o computador que Jared tem em casa, está ligado a este. Ele está sempre a utilizá-lo. Se puderes trabalhar lá, melhor. O que achas? – Helen consultou o relógio. Eram quase dez menos um quarto.

– Está bem. Vou buscar as minhas coisas.

– Deixa-me telefonar primeiro a Jared

– Helen marcou rapidamente o número.

– Jared? Não, ainda não arranjei nenhuma substituta, mas Cassandra está disposta a ficar com elas... Está bem, dir-lhe-ei – a secretária desligou, sorridente. – Obrigada, Cassandra. Jared diz que lhe salvaste a vida e a da empresa e que te ficará eternamente grato. Vai trazer as meninas para cá. Não tem tempo para esperar que chegues.

– Assim, terei tempo de arrumar as minhas coisas.

Sentindo-se dividida, Cassandra

voltou para a sua secretária. Gostava de ser útil, queria que a considerassem um elemento da equipa. Por outro lado, não achava que o seu papel de ama lhe fosse servir para progredir na carreira. Mas também não era mau que o dono da empresa se sentisse em dívida para com ela. Depois de ter as suas coisas arrumadas, foi esperar na entrada. Só poderia trabalhar durante a sesta das meninas, mas, pelo menos, teria algumas horas para o fazer.

Uns minutos depois, Jared entrou com uma filha em cada mão. As meninas quase tinham de correr para o acompanhar. Parecia tenso, acelerado... e mais atraente do que nunca. Cassandra sentiu que os batimentos do seu coração

se tornavam mais fortes.

– És maravilhosa, Cassie – Jared inclinou-se e beijou-a com suavidade. Depois, pôs-se de cócoras para ficar à altura das meninas. – Portem-se bem com Cassie. Não lhe deem trabalho, está bem?

As meninas anuíram solenemente.

– Sim, papá – disse Ashley.

– Eu também – acrescentou Brittany, dedicando um sorriso radiante a Cassandra.

Jared endireitou-se.

– Não sei quanto tempo demorarei. Tinha planeado levar os clientes a jantar fora, mas tentarei livrar-me disso.

– Não te preocupes, Jared. Faz o que

tens a fazer para conseguir o contrato. Vou usar o teu computador e ficarei a trabalhar até tarde, se te atrasares. Provavelmente, avançarei mais quando as meninas estiverem deitadas.

Jared contemplou Cassandra durante um longo momento.

– Obrigado, Cassie. Fico a dever-te este favor – depois de voltar a beijá-la, encaminhou-se para o elevador.

Ela observou-o, com melancolia, desejando poder acompanhá-lo até ao escritório e desejando participar na apresentação do projeto.

– Brincas comigo, Cassie? – perguntou Ashley, sorrindo.

– Sim, vou brincar com as duas. Mas antes temos de passar por minha casa

para poder mudar de roupa. Depois, iremos ao parque, comeremos e dormiremos uma longa sesta. Não acham um plano divertido?

Enquanto as meninas dormiam a sesta, Cassandra pegou na sua pasta de trabalho e dirigiu-se para o quarto de Jared. Consciente da grande cama que dominava o quarto, procurou o computador. Estava em cima de uma mesa pequena, na parede oposta à cama. Entrou. O quarto cheirava a Jared. Os seus sentidos despertaram de imediato. Contemplando a cama, viu que na almofada esquerda ainda se notava onde Jared tinha apoiado a cabeça. Com que então dormia daquele lado. Fá-lo-ia

sempre? Era um homem grande e provavelmente gostava do espaço que lhe oferecia a cama grande. A porta do armário embutido estava entreaberta, mostrando uma fila de fatos e camisas. Fechou-a para não se distrair. Já era bastante mau ter a cama tão perto. Abanando a cabeça, sentou-se diante do computador. Tinha algumas horas para trabalhar, enquanto as meninas dormiam. Não podia perder tempo a sonhar acordada.

Já passava das dez da noite quando Cassandra ouviu a chave na fechadura. Jared entrou na sala e deteve-se ao vê-la. Sorriu lentamente.

– Como correu tudo? – perguntou ela, levantando-se do sofá. Já acabara o trabalho e ficou satisfeita por se encontrar na sala e não no quarto. Os seus óculos estavam sobre a mesa e tinha soltado o cabelo. Tinha o hábito de passar a mão por ele enquanto trabalhava e lamentou não o ter penteado.

– Assinaram o contrato às quatro. Depois, fomos jantar ao Blue Rose. Acabo de os deixar no hotel.

– Parabéns! Eu sabia que ias conseguir. Bob Farrel tinha-me informado sobre o projeto. Parecia ambicioso, mas viável. Duvido que haja problemas para o pôr em prática –

Cassandra sorriu, feliz, como se o projeto fosse seu.

– Conta com isso – Jared despiu o casaco e pousou-o nas costas do sofá. – Como é que as meninas se portaram?

– Como uns anjos. Portam-se muito bem.

– Não com Anthea Good, a ama que Helen contratou.

– O que aconteceu?

– Antes de vir para cá, estava a tomar conta de uma adolescente de uma família em Hillsdale, que se mudou para a Bélgica. Ela não quis ir para a Europa e renunciou ao posto. Mas, pelo que disse, a menina era um modelo de perfeição. Segundo parece, Ashley e Brittany são muito mais irrequietas.

– Mas porque é que te deixou plantado a meio da semana? Não pensou nos inconvenientes que podia causar-te?

– Duvido que se tenha preocupado com isso. Esta manhã, enquanto ela se vestia, as meninas puseram-se a vasculhar no seu estojo de higiene pessoal, na casa de banho, e esvaziaram todos os seus frascos de cremes e colónias para os misturar com pasta de dentes e criar um novo aroma.

Cassandra desatou-se a rir.

– De certeza que se divertiram. Agora percebo a que é que se referiam quando disseram que esta manhã estavam muito bonitas. Então Anthea não achou graça?

– No fundo, ainda bem que se foi

embora. Acho que era demasiado velha para as crianças. Pretendia que estivessem sempre quietas e em silêncio.

– Só param quando lhes lê uma história – comentou Cassandra, ainda a sorrir.

Jared fitou-a, atraído pelo seu sorriso. Aquela mulher continuava a fasciná-lo. Tentara manter o seu interesse estritamente a um nível profissional. No escritório, conseguira tratá-la e olhá-la como se se tratasse de qualquer outro empregado. Mas ver o seu cabelo solto a cair-lhe sobre os ombros causava-lhe um formigueiro nas mãos. Os seus olhos brilhavam sem a barreira dos óculos. Parecia tão feliz com o êxito do projeto

TelStar como ele. Desejou que tivesse podido assistir à reunião. Teria sido agradável ter alguém por perto que, para além dos lucros que implicava para a empresa, tivesse ficado genuinamente contente por ele.

– Não sabes o quanto te agradeço o que fizeste por mim. Esta tarde, Helen encontrou uma jovem que poderá tomar conta das meninas durante o dia. Mas continuará à procura de uma ama a tempo inteiro. Pelos vistos, encontrar uma é muito mais difícil do que pensava.

– Está na altura de encontrares a esposa de que tanto falas – comentou Cassandra, num tom ligeiro.

Jared anuiu, enquanto ela começava a

arrumar as suas coisas. A sua única experiência com o casamento não fora propriamente normal. Apesar dos seis anos que estivera casado com MaryEllen, tinham passado muito pouco tempo juntos e as suas conversas resumiam-se quase sempre ao campo profissional. Sentia que conhecia melhor Cassandra numa semana do que MaryEllen em seis anos. Cassandra nunca lhe teria ocultado algo tão importante como o facto de ser pai. Mas estava completamente dedicada ao seu trabalho, como MaryEllen. Jared procurou o número de telefone do serviço de táxis.

– Devia pôr este número na memória do telefone – comentou, enquanto o

marcava.

Viu que Cassandra hesitava e olhava para ele com cautela.

– Não tenciono fazer disto um hábito.

– Espero que não. Tens demasiado talento para passares o dia inteiro a tomar conta de crianças.

Jared observou como corava com o seu elogio. Era espetacular com as suas filhas. E não apenas devido à sua experiência acumulada na adolescência, mas também pela sua ternura inata e interesse genuíno. Tinha talento para o mundo dos negócios, mas também tinha o dom de saber lidar com crianças. Enquanto a via a afastar-se no táxi, pensou que era a terceira vez que aquilo

sucedida. Começava a habituar-se àquilo, embora tivesse preferido levá-la a casa, ver o seu apartamento e saber mais coisas sobre ela. Sabendo com precisão quanto tempo passaria até Cassandra lhe telefonar, foi ver como estavam as meninas e depois dirigiu-se para o seu quarto. Reparou na cama por fazer. Pelo menos, deveria ter puxado os lençóis para cima naquela manhã. O que teria pensado Cassie? Olhou para o computador. A mesa estava impecável. Imaginou a expressão séria de Cassandra, concentrada no seu trabalho. Tinha reparado nessa expressão algumas vezes, durante os dois anos que tinha trabalhado para ele. Detetava um ligeiro aroma a rosas? Fechando os olhos,

recordou a sua viagem a Nova Iorque. Em vez de apenas uns dias, parecia ter decorrido uma vida inteira desde então. Quando recebeu o telefonema que esperava, já estava na cama, muito consciente do seu tamanho e de como era solitária.

– Já cheguei – disse Cassandra. Jared sorriu na escuridão. Gostava do som da sua voz. Suave e sensual.

– Bem, esqueci-me de te perguntar se conseguiste trabalhar um pouco durante o dia.

– Sim. Consegui tirar umas duas horas durante a sesta das meninas e outro bocado depois de se terem ido deitar. A verdade é que trabalhei bastante, mas

em nada tão importante como o contrato da TelStar. Deves sentir-te muito orgulhoso.

– Tenho de admitir que sim. Trabalhámos muito e durante muito tempo, mas agora vamos ser recompensados.

– Deves estar muito cansado. Devias enfiar-te na cama.

– Já estou na cama.

Produziu-se uma longa pausa. Jared desejou poder ver a expressão de Cassandra.

– Já? – perguntou ela, finalmente.

– Já falta pouco para as seis da manhã. E essa parece ser a hora a que as meninas gostam de vir enfiar-se na minha cama. Na primeira manhã

pregaram-me um susto de morte. Costumo dormir nu e não sabia se ia conseguir levantar-me nalgum momento.

O riso suave de Cassandra chegou do outro lado da linha. Jared agarrou no auscultador com força. Teria gostado que ela tivesse ficado um pouco mais naquela noite. Gostava de falar com ela.

– E o que fizeste?

– Mandeí-as ir ao quarto buscar um livro de contos. Assim que saíram, saltei da cama. Mal me deram tempo de vestir as calças. São rápidas como tudo.

– Eu sei. Suponho que agora uses um pijama casto.

– Só as calças. Se visto a parte de cima, cozo na cama. E as meninas estão

fascinadas com os meus pelos do peito.

O silêncio do outro lado da linha foi revelador. Jared voltou a sorrir.

– Cassie? Em que estás a pensar?

Cassandra respondeu sem pensar.

– Em como é totalmente inapropriado que esteja a manter esta conversa com o meu chefe e que é melhor pararmos antes que derreta, porque compreendo o fascínio das gémeas. Na verdade, provavelmente seria da mesma opinião. Oh, meu Deus! É melhor desligar.

Que reação interessante! Pelos vistos, Cassandra não era tão imune como supusera. Desligou com cuidado e apoiou a cabeça nas mãos, contemplando a escuridão. Que mulher interessante!

Não era possível que tivesse dito aquilo! Por favor, que alguém lhe dissesse que não tinha admitido partilhar o fascínio das gémeas pelos pelos do peito de Jared! Corou intensamente. Não ia ser capaz de voltar a encará-lo. No dia seguinte enviaria a sua demissão por fax, cancelaria o fim de semana e mudaria de número de telefone. Foi para o quarto e vestiu a camisa de noite. Enquanto lavava a cara, olhou-se ao espelho, sem se surpreender minimamente ao ver a cor intensa das suas faces. Como é que podia ser tão tola? Provavelmente, Jared estaria a rir

à gargalhada.

– És uma idiota de primeira – disse ao seu reflexo. – Jared é bonito, mas não devias comportar-te como uma adolescente apaixonada. Além do mais, ele está à procura de uma esposa que se ocupe das suas filhas. Se no passado foi capaz de se casar por conveniência, o que mais se pode esperar?

Na manhã seguinte, ao ouvir dois colegas a mencionarem que Jared ia voltar a ausentar-se, Cassandra pensou que alguém tinha ouvido as suas preces. Segundo parecia, ainda não tinha conseguido resolver o problema da ama. Pelo menos, assim não teria de o ver no

escritório depois do seu comentário embaraçoso. Com um pouco de sorte, ela ficaria de cama com gripe e teria uma boa desculpa para cancelar os planos para o fim de semana.

Mas no sábado de manhã, apesar do seu desejo, Cassandra acordou sentindo-se maravilhosamente bem. E tinha de admitir que se sentia excitada perante a perspectiva de ir passar o fim de semana com Jared, embora tivesse de tomar conta das meninas. E à noite iriam jantar fora. Enfiou no saco de viagem um dos poucos vestidos que possuía. Era muito mais feminino do que os seus fatos de trabalho. Esperava que fosse apropriado para o restaurante. Olhando pela janela,

viu Jared a aproximar-se da sua casa com uma gêmea em cada mão, que não paravam de falar. O seu olhar permanecia fixo nele. Ficava incrivelmente sexy de calças de ganga e t-shirt escura. Riu com algo que Ashley disse e Cassandra sentiu que o seu coração se contraía. Era capaz de passar o dia a olhar para ele, sem se cansar. Perguntou-se se não estaria louca por se arriscar a passar um fim de semana com ele. Quando a campainha tocou, ela foi abrir.

— Olá! — cumprimentou. Temendo encará-lo nos olhos depois da sua confissão na outra noite, sorriu para as gêmeas.

— Olá, Cassie — Ashley correu para

ela, abraçando-lhe carinhosamente uma perna. Cassandra agachou-se e abraçou as duas meninas. Uma vez concluído o ritual, as gêmeas saíram disparadas para explorar a casa.

– Não mexam em nada – advertiu Jared.

Cassandra riu e olhou-o nos olhos.

– Não me parece que possam estragar o que quer que seja aqui.

– Talvez não, mas convém-me praticar, não achas?

Cassandra anuiu e o seu sorriso começou a desvanecer-se à medida que a sua tomada de consciência pelo homem que tinha à sua frente ia crescendo. Jared aproximou-se, passou-

lhe uma mão por trás da cintura e sorriu maliciosamente.

– Acho que ficaria igualmente fascinado – murmurou, ao mesmo tempo que lhe pegava na mão e a colocava sobre o seu peito.

Ela corou até à ponta dos cabelos, enquanto os lábios de Jared se aproximavam dos dela.

Capítulo 6

Quando Jared se afastou, Cassandra manteve os olhos fechados, envergonhada.

– Cassie?

– Sim? – tentou baixar a cabeça, com os olhos firmemente fechados, mas a mão de Jared sob o seu queixo impedia-a.

– Abre os olhos.

Ela negou com a cabeça.

– Porque não? – perguntou Jared, com suavidade.

– Porque se mantiver os olhos fechados, ninguém poderá ver-me.

– Como as meninas. Não quero destruir as tuas ilusões, mas posso verte. E sentir-te.

Cassandra abriu os olhos e viu os de Jared a escassos centímetros dos seus. Ele aproximou os lábios do seu ouvido e sussurrou:

– Deixar-te-ei ver o meu peito, se me mostrares o teu.

Cassandra apoiou a cabeça no ombro dele. Não havia maneira de sair daquele dilema.

– Preferia morrer aqui mesmo – murmurou.

O riso de Jared irritou-a. Por acasc

só servia de diversão?

— Espero que esse desejo não se realize. Vamos, está um dia lindo e temos duas meninas selvagens para enfiar no carro. Demorei quinze minutos a descobrir como é que se punham as cadeiras de bebé. Tentar sentar uma, enquanto a outra andava à solta foi um verdadeiro desafio — Jared inclinou a cabeça novamente, beijou-a suavemente nos lábios e soltou-a. — Ashley, Brittany? O que estão a fazer?

— Nada.

— Oh, oh! — disse Cassandra. Conhecia aquele tom. «Nada» significava sempre que estavam a fazer algo que não deviam. Correu para a sala, mas não viu as meninas. Foi até à

cozinha e deteve-se no umbral da porta. Jared olhou por cima do seu ombro.

As gémeas estavam sentadas no meio do chão com pedaços de pão espalhados por todo o lado. Brittany tentava espalhar a embalagem inteira de manteiga num bocado de pão, enquanto a sua irmã se dedicava a desfazê-lo.

— Isso não se faz — Jared afastou Cassandra para o lado e entrou na cozinha com o sobrolho franzido. Tirou a manteiga das mãos de Brittany. — Tinha-vos pedido para não mexerem em nada, não foi?

As meninas anuíram solenemente.

— Sujaram a cozinha de Cassie e estragaram a sua comida sem

autorização. Apanhem o pão do chão e peçam desculpa a Cassie.

A carinha de Ashley adquiriu uma expressão de profunda tristeza.

– Desculpa, Cassie – pediu ela.

Brittany enfiou o dedo na boca e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Desculpa, Cassie – disse, compungida.

– O vosso pai tem razão. O que fizeram não está bem. Acho que merecem estar cinco minutos de castigo – pegou em cada uma pela mão e levou-as para a mesa. Colocou cada uma delas numa cadeira e mandou-as permanecerem sentadas durante esse tempo. Quando se virou, viu que Jared estava a deitar o pão no lixo.

– Cinco minutos de castigo? – perguntou ele, erguendo uma sobrancelha.

– Têm que permanecer quietas nas cadeiras sem falar – Cassandra pegou no relógio de cozinha, marcou os cinco minutos e colocou-o diante das meninas.

– Lembrem-se que não podem falar enquanto o relógio não tocar. Da próxima vez que o vosso papá vos pedir para não tocarem em nada, obedçam.

As meninas voltaram a acenar afirmativamente. Jared seguiu Cassandra para fora da cozinha.

– Acho que estão arrependidas. Não achas que cinco minutos é demasiado? – perguntou Jared.

Cassandra negou com a cabeça.

– Pode parecer-lhes intermináveis, mas têm de aprender a obedecer-te. Isto não foi nada. Mas se lhes disseres que não devem brincar na rua e te desobedecerem, as consequências poderão ser muito mais graves. Têm que seguir as tuas instruções.

Jared fez uma reverência.

– Inclino-me diante do teu conhecimento superior e experiência.

– Simplesmente estás contente por teres tido mais alguém por perto para te ajudar a discipliná-las.

– É verdade. São tão pequenas e novas...

– Mas precisam de um guia. Não as

mimes demasiado, Jared.

– Não me ocorreria tal coisa. Estás pronta?

– Sim – o pequeno saco de viagem de Cassandra estava junto à porta.

– Não te sentirias mais cómoda se soltasses o carrapito? – inquiriu ele. – É fim de semana e é suposto divertirmo-nos.

Cassandra tocou no carrapito apertado.

– Não gostas?

Os dedos de Jared tocaram nos dela, enquanto lhe soltava o cabelo.

– Gosto do teu cabelo solto a emoldurar-te a cara, a repousar nos teus ombros, como uma nuvem escura e brilhante. E... – fez uma pausa e pegou

nos óculos de Cassandra – ...gosto de te ver sem óculos.

Ela tentou tirar-lhos, mas Jared afastou-os.

– Preciso deles para ver – protestou ela.

Jared olhou através deles e franziu o sobrolho.

– Não têm muitas dioptrias.

Cassandra recuperou-os.

– Mas supõem a diferença entre ver desfocado ou focado ao longe.

– E ao perto não? – perguntou Jared, dando um passo para ela.

Cassandra negou com a cabeça, ao mesmo tempo que recuava. Jared deu mais um passo em frente, sorrindo ao

ver que ela retrocedia. Cassandra estendeu uma mão para o deter. Naquele momento, o relógio da cozinha tocou.

– Papá! – gritou Ashley.

– Salva pelo gongo – murmurou Jared, virando-se para as gêmeas.

Cassandra respirou tremulamente, enquanto o observava a dirigir-se para a cozinha. O seu coração batia como se tivesse acabado de correr uma milha. E se o relógio não tivesse tocado? Tê-la-ia beijado? Começava a gostar demasiado daqueles beijos. Jared pegou no saco de Cassandra quando saíram do apartamento, e ela ocupou-se das meninas. Cinco minutos depois, já estavam a caminho.

– Belo carro – murmurou Cassandra,

acariciando a suave pele cinzenta dos bancos.

– Não o uso muito. Para me deslocar pela cidade costumo andar de táxi. Mas para as viagens longas é muito mais cómodo ir de carro.

– Esperava que tivesses um carro desportivo.

– Comprei um quando começámos a ter lucros na empresa. Mas é preciso ter muitos cuidados com eles. Este é mais prático e confortável.

– Conta-me coisas sobre o teu avô.

– O que é que te posso dizer? Tem oitenta e três anos e é bastante resmungão. Sem falar no tempo em que teve de tomar conta de mim, viveu

sozinho desde a morte da minha avó quando o meu pai ainda andava na faculdade. A sua casa é muito antiga e não se pode dizer que esteja em bom estado.

– Mas faz parte da tua família – disse Cassandra, com delicadeza. – De certeza que gostará das meninas.

– Talvez. Mas vai ter uma grande surpresa.

– Como tu, não? Sabes porque é que a tua mulher não te falou delas?

– Não sei ao certo. Mas o advogado mencionou que temia que eu insistisse para que ficasse em casa a desempenhar o papel de mãe em vez de trabalhar. MaryEllen vivia obcecada com o mundo dos negócios. Queria ser alguém

importante.

– E o que é que tu queres, Jared?

– Quero que a empresa tenha êxito. Gosto dos desafios de conseguir novos contratos. Mas a Hunter Associates já está muito bem. Não quero que cresça ao ponto de perder o controlo sobre ela.

– E o que mais queres fazer da tua vida?

Jared contemplou Cassandra por um momento e voltou a centrar a sua atenção na estrada.

– É engraçado que perguntes isso. Há um mês teria dito que me era indiferente. Mas, depois da morte de MaryEllen e depois de descobrir que sou pai, estive a pensar muito sobre o assunto. Não

tenho a certeza do que quero, mas a minha vida mudou muito em pouco tempo. Estou a pensar em arranjar uma casa bonita para as meninas e investir em contas poupança para os seus estudos. E o que é que tu queres da vida?

– Uma oportunidade de ser eu mesma. Adoro trabalhar na Hunter Associates. Por enquanto está a correr muito bem e o projeto GlobalNet é aliciante. Espero ter um êxito fulgurante. Mais para a frente teremos de falar num sério aumento de salário e de responsabilidades.

– Sempre de olhos postos nas coisas importantes.

– Os negócios não são assim?

– E a tua vida pessoal? Deduzo que neste momento não tenhas nenhuma relação séria.

– Não, não tenho.

– Não queres ter distrações durante a tua ascensão, é isso?

– Algo do género.

Brittany pediu uma história e Cassandra sentiu-se aliviada com a interrupção. A conversa começava a tomar um rumo perigoso.

Já tinha passado do meio-dia quando chegaram a Sonora. Cassandra nunca tinha estado naquela parte do estado e ficou fascinada por ver como eram diferentes as montanhas da Serra Nevada das colinas que rodeavam Los

Angeles. Os pinheiros e os abetos desenhavam as suas copas num céu azul cristalino. O ar cheirava a resina. Jared enveredou por um caminho de gravilha e, pouco depois, detinha o carro diante de uma casa velha. Precisava de uma pintura, mas, à parte disso, estava em muito bom estado. Um homem idoso apareceu à porta para ver quem chegava. A expressão do seu rosto suavizou-se quando reconheceu Jared.

— Olá, avô — depois de saudar o idoso, Jared voltou a abrir a porta do carro. Desapertou o cinto de segurança a Brittany, enquanto Cassandra fazia o mesmo com Ashley. Perguntou-se o que pensaria o avô das suas filhas. Sentindo-se repentinamente orgulhoso delas,

desejou que as amasse tanto como ele. Pegou em Brittany ao colo, pegou num saco grande do banco, virou-se e encaminhou-se para a casa.

– Espero que não te importes por termos vindo sem avisar. Deveria ter-te telefonado antes.

Cassandra seguiu-os e observou avidamente o senhor, enquanto este depositava os olhos em Jared, nas meninas e, finalmente, nela.

– Esta casa é tua, rapaz, e podes vir sempre que quiseses. Vejo que trouxeste convidadas. Bom dia, menina.

– Esta é Cassandra Bowles. Trabalha para mim. Cassie, este é o meu avô, Silas Hunter – anunciou Jared. – E estas

duas meninas são Ashley e Brittany, as minhas filhas.

O senhor não ocultou a sua surpresa. Depois olhou intensamente para as meninas.

– Podias ter-me contado antes – resmungou ele.

– Eu só soube há uma semana. Vamos para dentro e explico-te tudo. Parámos num restaurante e trouxemos comida. Espero que ainda não tenhas almoçado – disse Jared, erguendo o saco.

– Ainda não. Entre, menina Bowles.

– Trate-me por Cassandra, por favor – disse ela, pousando Ashley no chão.

– Ou Cassie, que é como nós a tratamos – disse Jared.

As meninas entraram com cautela na

casa escura.

– Espero que não façam nenhum disparate e estraguem qualquer coisa – avisou o avô.

As gêmeas encararam-no com os olhos abertos e não se mexeram.

– Hum, acho que ainda tenho o jogo de construção com que o vosso pai costumava brincar. Onde o terei posto?

– Tinha pensado levar Cassie a Columbia. Nunca esteve no país do ouro – disse Jared. – As meninas precisam de fazer a sesta. Podes tomar conta delas enquanto estivermos fora?

– Não sei nada sobre meninas. Se fossem rapazes, ainda saberia o que fazer.

Cassandra sorriu.

– Não é preciso vigiá-las quando dormem. Até agora esteve muito bem com elas. Acho que estão maravilhadas com o bisavô.

– Nunca pensei que esse dia chegasse. Não, depois daquele teu casamento absurdo – comentou Silas, olhando significativamente para o seu neto. – Mas estou a ver que nem sempre foi platónico.

Apesar do seu desconforto, Jared encolheu os ombros. Era evidente que estava habituado às reprimendas do seu avô. Assim que as meninas adormeceram, Cassandra e Jared saíram. Cassandra desfrutou muito da

sua tarde em Columbia. Fascinada com a cidade, deteve-se para ler as placas e fez inúmeras perguntas. Surpreendentemente, Jared parecia saber todas as respostas.

– A sério que sabes isso tudo ou estás a inventar? – perguntou ela. Jared riu e agarrou-lhe na mão.

– Não te esqueças de que cresci aqui. Não se pode viver no país do ouro sem absorver a sua história. A febre do ouro na Califórnia originou uma das maiores migrações da história. Vieram homens de todo o mundo à espera de encontrar uma mina. E tenho de admitir que hoje em dia a história parece-me tão fascinante como quando era pequeno. Costumava ir até ao rio Stanislaus

procurar ouro com uma peneira, esperando encontrar alguma pepita perdida.

– Conseguieste encontrar alguma coisa?

– Umas pepitas diminutas. Ainda as tenho num frasco em casa do meu avô. Mas não chegariam para iluminar o mundo.

– Podemos tentar?

– Há um sítio para o fazer na cidade. Deitam sal na areia, cobram uns dólares aos turistas e toda a gente encontra um pouco de ouro.

– Prefiro tentar no rio.

– Fá-lo-emos noutro dia. Talvez encontremos a fada madrinha. O que

farias se ganhasses muito dinheiro?

– Começava o meu próprio negócio – respondeu imediatamente Cassandra. Olhando para Jared, acrescentou: – Não é que não goste de trabalhar na tua empresa. Mas um dia gostava de gerir um negócio só meu.

– O que mudarias na empresa se pudesses? – perguntou ele, genuinamente interessado.

– Não sei o suficiente sobre ela para sugerir mudanças significativas. Sei que tenho muito para aprender. Mas tenho ideias e um dia gostava de as ver em prática. Faltam muitos anos até estar em condições de dirigir uma empresa. Mas, se encontrasse uma mina de ouro, poderia contratar ajuda competente

como tu fazes.

– Com que então serias minha concorrente.

Cassandra deteve-se e pensou por um momento.

– Suponho que, de certo modo, sim. Mas quando estiver em condições de fazer algo, a Hunter Associates será uma grande empresa e eu começarei pelos pequenos clientes que não se podem dar ao luxo de recorrer a ela.

– Com esses sentimentos, não ganharás muito dinheiro.

– Não é o dinheiro o que me interessa. O que quero é saber que posso fazer o trabalho, entendes?

– Eu trabalho por várias razões. O

dinheiro é uma delas. Mas a mais importante é a satisfação que obtenho – admitiu Jared.

– Mas continuas a querer encontrar uma mina de ouro, não é? – brincou Cassandra.

– Sim, ainda quero.

Não saíram para jantar naquela noite. Quando regressaram a casa de Silas, já estava a preparar um guisado. Quando soube dos seus planos, Jared ficou tão abatido que Cassandra lhe disse imediatamente que deviam ficar para o jantar.

– Mas tinha planeado levar-te ao hotel. Ao fim de semana têm uns pratos maravilhosos e música ao vivo.

– Leva-a noutra ocasião, rapaz. Quero

saber como te corre a vida e o que planeias fazer com estas meninas – interveio Silas. – Além do mais, tomar conta delas enquanto dormem é uma coisa e outra é fazê-lo quando estão acordadas. Calculo que sejam tão traquinas como tu eras na idade delas.

– Conta-lhes da maquilhagem – sugeriu Cassandra, enquanto se acomodava num cadeirão confortável. Sentia-se maravilhosamente bem. A tarde tinha passado tão depressa, que mal podia acreditar.

– Está tudo relacionado com as minhas tentativas de arranjar uma ama – começou Jared.

Silas riu-se ao saber das travessuras

das suas bisnetas e, em mais de uma ocasião, olhou especulativamente para Cassandra.

– Tenho a impressão de que devias começar a pensar em voltar a casar – comentou o avô quando Jared concluiu a história.

Cassandra fingiu não ter ouvido. A última coisa que precisava era que Jared comesse a vê-la como a candidata perfeita para esposa. Já tinha mencionado o casamento umas quantas vezes, sempre depois de ela o ter ajudado com as meninas. O jantar foi muito animado. As meninas tentaram dominar a conversa constantemente. Estavam intrigadas com o seu bisavô e adoravam tagarelar com ele. Silas anuíu,

sorria e comportava-se como se compreendesse cada palavra do que diziam. Depois do jantar, foram todos para a sala de estar. Brittany aninhou-se no colo do seu pai e Ashley hesitou entre Silas e Cassandra. Finalmente, estendeu os seus bracinhos para ela.

– Upa!

Cassandra pegou nela ao colo e sentou-a sobre os joelhos. Aquelas meninas eram um amor. Por um instante, pensou em MaryEllen e no que tinha perdido.

– A história que contaste há pouco sobre a maquilhagem fez-me recordar aquela vez em que te besuntaste todo de mel – comentou Silas, recostando-se na

cadeira e olhando para o seu neto, com uma expressão divertida.

– Avô, não precisas de desencantar essas velhas histórias – disse Jared rapidamente.

Cassandra riu-se.

– Nós adorávamos ouvi-las.

Silas começou a contar as aventuras de Jared quando era pequeno. Cassandra desfrutou de cada uma delas, intrigada com as imagens que lhe davam do passado de Jared. A vida dele tinha sido muito diferente da sua. Ele encontrara amor e a segurança com o seu avô. Tivera muita sorte. Ela tinha uma caixa repleta de recordações das várias casas por onde passara... e a sua querida boneca. Apenas isso. Não tinha ninguém

com quem se sentar a recordar o passado. Pela maneira como o avô contava as histórias, era evidente que amava muito o seu neto. Quando Brittany adormeceu ao colo de Jared, este levantou-se para a ir deitar.

– Volto já – anunciou ele.

Cassandra ia levantar-se, mas Silas indicou-lhe que não o fizesse. Quando Jared se retirou, virou-se para Cassandra.

– Ele trata dela. Queria ter a oportunidade de falar contigo a sós e, provavelmente, esta será a única que teremos. Nunca vi o meu rapaz tão atencioso com alguém. Nunca deixa que te afastes mais do que seis passos.

Cassandra corou.

– Não me parece que as coisas sejam assim. Só estou aqui para o ajudar com as meninas.

– É precisamente nelas que estou a pensar. Jared precisa de uma esposa. Alguém que o ajude a criá-las. Tu pareces saber o que fazes. Tens filhos?

– Tomei conta de muitas crianças na minha adolescência, à noite, aos fins de semana, depois das aulas...

– Nota-se. Tens muito jeito para lidar com as gémeas. Pelo que ouvi hoje, melhor do que a mãe delas – Silas abanou a cabeça. – Que ideia a deles de se casarem para pôr uma empresa a funcionar! Mas parece que resultou. Se o

que Jared diz é verdade, a empresa está a ir muito bem. Mas agora precisa de alguém que o ensine a criar uma família. A nossa não foi propriamente uma família normal. Não havia nenhuma mulher – riu suavemente. – Mas não é este o caso. O número de mulheres na sua família ultrapassa o dos homens. E uma esposa aumentaria esse número.

Cassandra sorriu amavelmente.

– Não acha que Jared devia casar-se por amor? – perguntou ela. – Não apenas para arranjar uma esposa?

– Não se sabe se isso chegará a acontecer. Às vezes, a única coisa que se pode esperar é conseguir uma boa companheira. Eu tive isso com Emma. O pai de Jared apaixonou-se pela sua

esposa e passavam o dia a discutir como o cão e o gato. Não sei se é o mais conveniente para o casamento. Há coisas mais importantes em jogo.

Cassandra reparou que Ashley tinha adormecido e embalou-a carinhosamente nos braços. Apesar do que Silas dissera, achava que Jared não estaria a fazer nenhum favor a si próprio nem à sua esposa se voltasse a casar-se sem amor. Saberia o que isso era? Saberia demonstrá-lo? Obviamente que sabia. Adorava as suas filhas e só as conhecia há duas semanas. Por um segundo, desejou que lhe demonstrasse a ela o mesmo afeto, que sentisse por ela tanto carinho como aquele que sentia pelas

suas filhas.

– Uma já está na cama. Agora vamos à segunda – disse Jared, aproximando-se de Cassandra para pegar em Ashley. Os seus olhos escuros detiveram-se um instante sobre os dela e Cassandra esteve prestes a erguer uma mão para lhe acariciar a face. Desviou o olhar e encontrou os sábios olhos de Silas Hunter. Este olhou rapidamente para o seu neto, depois para o vazio, mas a sua expressão não passou despercebida a Cassandra. O homem queria que existisse algo entre eles. Não se importava se se amavam ou não. Queria alguém que ajudasse o seu neto.

Ao regressar do quarto, Jared hesitou no umbral da porta da sala. As meninas estavam a dormir. Ainda era cedo e podia levar Cassandra ao hotel para comer uma sobremesa e dançar. Estava encantadora com o cabelo solto e parecia estar a desfrutar daquele fim de semana tão familiar.

E ele sentia-se mais à vontade com ela do que se sentira alguma vez com outra mulher. Observando-a da penumbra do vestíbulo, perguntou-se porquê. Estava a conversar com o seu avô. Podia ouvir o murmúrio das suas vozes, mas não as suas palavras. Pelos comentários que o seu avô fizera, Jared sabia que considerava Cassandra a

esposa perfeita para o seu neto viúvo com duas filhas. Ele próprio pensava nisso às vezes. Cassandra aceitaria casar-se com ele? Resolveria muitos problemas se aceitasse ser uma mãe disposta a ficar em casa com as meninas. Mas sabia que ela nunca aceitaria esse plano. A sua profissão era demasiado importante para ela.

– Estão a dormir? – perguntou Cassandra quando Jared entrou na sala.

– Nem sequer acordaram quando lhes vesti o pijama. Acho que dormirão até amanhã de manhã – Jared contemplou o seu avô. – Ainda é cedo. Importas-te de ficar com elas, enquanto eu saio com Cassandra?

– Não me importo nada, sei lidar com

elas quando estão a dormir.

Jared virou-se para Cassandra.

– Apetece-te ir comer a sobremesa ao hotel e dançar um pouco?

– Não sei, Jared. Também podemos ficar aqui a ouvir mais histórias de Silas. Pensa só em como te poderei chantagear com tudo o que estou a ouvir – brincou ela.

– Estou a ver que vou ter de te pedir um voto de silêncio antes de nos irmos embora – replicou Jared, sentando-se diante dela. – Ainda está uma temperatura agradável. Queres ir dar um passeio?

– Isso, sim – Cassandra levantou-se imediatamente. – Voltamos já, Silas. Vá-

se lembrando de velhas histórias.

Quando saíram, Cassandra deteve-se bruscamente no alpendre e Jared embateu nela.

– O que foi?

– Está tão escuro... Na cidade há candeeiros nas ruas e luzes nos edifícios. Aqui não se vê nada.

– Deixa que os teus olhos se habituem à escuridão. As estrelas iluminam-nos e quando a lua subir, veremos bastante bem. Conheço a zona, Cassie. Vamos – Jared agarrou-lhe na mão e desceram as escadas do alpendre.

– Que tranquilidade! – murmurou Cassandra, enquanto avançavam pelo caminho. Quando chegaram à estrada, Jared virou à esquerda. – Deve ter sido

divertido crescer aqui. Tiveste uma casinha numa árvore?

– Claro. E baloiços e tudo o mais.

– Não me admira que queiras arranjar uma casa com jardim para as tuas filhas.

– E uma mãe – Jared deteve-se e atraiu-a para si. Colocou-lhe as mãos nos ombros e inclinou a cabeça, tentando vê-la na penumbra reinante. – Queres casar-te comigo, Cassie?

Capítulo 7

Cassandra fitou Jared, horrorizada. Afastou-se dele e caminhou rapidamente pelo caminho que conduzia à casa.

– Espera um minuto, Cassie – Jared segurou-a por um braço, fazendo-a deter-se. – Pelo menos, falemos sobre isso.

– Sobre o quê? Não tenciono converter-me numa ama para o resto da vida. Dediquei muito tempo e esforço para obter um diploma em Gestão de Empresas para poder deixar o passado

para trás. Agora quero aproveitá-lo ao máximo.

– Não disse que não queria que continuasses a trabalhar. Mas sabes lidar tão bem com elas... Elas gostam de ti e tu gostas delas. Seria a solução perfeita.

– Talvez para ti. Mas eu não vejo nada de perfeito nessa solução.

– Imagino que te queiras casar um dia, não? A maioria das mulheres quer. Nós damo-nos bem. Hoje divertimo-nos muito juntos...

– Chega, Jared. O facto de nos termos divertido durante uma tarde não significa que sejamos feitos um para o outro. Ouve o que estás a dizer. Nem sequer finges que me amas pelo que sou.

A única coisa que queres é uma mãe para as tuas filhas. Uma mulher não quer casar-se a menos que seja amada e desejada. Ou, pelo menos, apreciada pelo que é. E nós nem sequer nos conhecemos bem.

– Estás há dois anos a trabalhar para mim. Sei como és no escritório e, durante estas semanas, vi como eras com as meninas. Temos uma base para um casamento sólido. E nunca te menti. Por acaso queres que me ponha de joelhos e te declare amor eterno? – o tom irónico de Jared revelou os seus sentimentos.

– Não, não seria sentido.

– Tens razão. Não acredito no amor, pelo menos, na versão dos contos de

fada. Mas podíamos construir uma boa vida em conjunto. Não digas nada esta noite. Pensa no assunto.

– Não preciso de pensar. Eu... – antes que Cassandra pudesse concluir a frase, Jared tapou-lhe a boca com a sua. Foi como se tivesse estado à espera que o fizesse. Os seus lábios entreabriram-se e ele aproveitou-se disso. Jared esqueceu a carga de se ter convertido num pai de repente e as exigências do seu trabalho. A única realidade era a mulher que tinha nos braços e o fogo que os seus beijos alimentavam nele.

Finalmente, afastou-se e observou a expressão desconcertada de Cassandra. Como negociador experiente, Jared sabia quando devia ficar em silêncio.

Queria aquela mulher e tencionava consegui-la. Mas, às vezes, pressionar em excesso podia ser prejudicial. Iludi-la-ia, suborná-la-ia, se fosse preciso, mas queria-a como mãe das suas filhas e conseguiu-lo-ia.

– Voltemos para casa. Duvido que queiras continuar com o passeio – disse ele, soltando-a. – Falaremos disto mais tarde.

Cassandra acelerou o passo quando divisou a luz da entrada.

– Não preciso de falar mais – respondeu, enquanto subia as escadas. Tinha permanecido em silêncio durante todo o trajeto, demasiado atordoada para organizar as ideias. Mas queria

deixar clara a sua opinião, antes de se retirar.

– E eu não tenciono aceitar um «não» como resposta esta noite. Entra, que eu ainda vou dar um passeio – e esperou que ela alcançasse a porta, para depois se dirigir novamente para a estrada.

Cassandra observou-o a afastar-se, com o coração a bater loucamente dentro do peito. O beijo tinha sido devastador. Instintivamente, levou os dedos aos lábios. Se fosse suficientemente louca para aceitar a proposta de Jared, receberia beijos daqueles a toda a hora. Deixando escapar um gemido, abriu a porta. Conversou com Silas, que lhe falou de Sonora e das mudanças que a povoação

sofrera desde que vivia ali. Não tardou a sentir os olhos a fecharem-se e Cassandra soube que o velho senhor começava a ficar cansado.

– Se não se importa, acho que vou deitar-me – anunciou ela, levantando-se.

Quando Silas anuiu, ela dirigiu-se para o quarto que lhe fora destinado. A cama não era muito grande, mas era suficientemente larga. E ficou satisfeita por ter levado uma camisa de noite de algodão. As noites eram bastante frias na montanha. Depois de apagar a luz, permaneceu deitada na escuridão, atenta ao regresso de Jared. Tentou ignorar a agitação dos seus sentidos, enquanto recordava a proposta. Não houvera a

mais pequena menção ao amor ou devoção. Simplesmente que as suas filhas precisavam de uma mãe e que ele a queria para o posto. Era assim que Jared via uma esposa? Como alguém para ocupar um posto, como qualquer outra empregada? Enroscou-se na cama como costumava fazer quando era pequena. Seria suficientemente tola para recusar a proposta? Admirava Jared desde o dia em que o conhecera. Após a morte da sua esposa, os seus sentimentos tinham-se tornado mais fortes, embora a admiração não pudesse servir de base para um casamento sólido. Desde que a sua mãe tinha morrido, ela procurara o amor. Deveria conformar-se com menos? O que aconteceria quando

rejeitasse a proposta de Jared? Certamente ele centraria a sua atenção noutra candidata. O seu interesse por ela estava relacionado com as gémeas. Não tinha olhado para ela mais do que duas vezes, antes de insistir para que o acompanhasse a Nova Iorque e só o fizera porque a sua experiência era crucial para trazer as meninas para São Francisco. Mas tinha de admitir que, antes disso, Jared era um homem casado. Era demasiado honrado para mostrar interesse por uma mulher que não fosse a sua esposa. Os passos que na entrada mal se ouviam, mas reconheceu-os de imediato. Jared já tinha regressado. Estranhamente

satisfeita, Cassandra adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou quando a porta se abriu. Dois pares de pezinhos atravessaram o quarto e dois corpinhos apoiaram-se na cama. Abrindo os olhos lentamente, viu um par de rostos radiantes e idênticos.

– Olá! – saudou, sorrindo. As gémeas eram adoráveis.

– Olá, Cassie! Posso subir? – perguntou Ashley, estendo os seus bracinhos para ela.

– Eu também? – pediu Brittany.

Cassandra subiu as duas meninas para a cama e colocou uma de cada lado.

– Conta-nos uma história – pediu Ashley.

Cassandra ocultou um sorriso. A

menina soava tão imperiosa como o seu pai. O seu coração encheu-se de amor pelas lindas gémeas. Eram tão parecidas, porém tão diferentes...

– O que acham da história de João e o Pé de Feijão? – perguntou ela. E, de imediato, iniciou o relato, prolongando as cenas, usando uma voz grave para imitar o gigante. As meninas olhavam-na, hipnotizadas, rindo nas partes divertidas, abrindo os olhos nas de medo quando o gigante perseguia o João.

– Não é um conto demasiado forte para meninas de dois anos? – perguntou Jared da porta.

Cassandra ergueu os olhos, surpresa.

Estava tão concentrada na história, que não o tinha ouvido a aproximar-se. Vestido com calças de ganga e t-shirt de algodão azul, apoiou-se no umbral da porta e cruzou os braços.

– É apenas um conto. No fundo, quase todos os contos são bastante fortes e violentos. Não tos contaram quando eras pequeno?

Jared anuiu.

– Mas eu era rapaz.

– Como se isso fizesse alguma diferença.

– Olá, papá! – saudou Ashley da cama. – Viemos para a cama de Cassie.

– Estou a ver. Há lugar para mim?

Cassandra corou imediatamente.

– Não, não há.

– Na verdade é uma cama bastante pequena. Mas na minha caberíamos todos à vontade.

Cassandra recordou a cama grande que dominava o quarto de Jared, os lençóis remexidos e a almofada enterrada no lado esquerdo. Ela poderia ocupar o lado direito e, de manhã, haveria lugar de sobra para as meninas. A imagem foi tão intensa... Um desejo intenso invadiu-lhe o coração. Bastar-lhe-ia dizer que sim para ter tudo aquilo.

– Está na hora de te levatares – disse Jared, olhando-a maliciosamente. – O avô está a fazer rabanadas.

Ashley e Brittany gritaram com entusiasmo.

– Queres que as vista primeiro? – perguntou Cassandra.

– Não. Estremeço só de pensar na quantidade de mel com que se vão sujar. Podemos dar-lhes um banho rápido depois do pequeno-almoço. Trouxeste roupão?

Cassandra anuiu, apesar de não ter intenção de ir tomar o pequeno-almoço de roupão e camisa de noite, enquanto Jared estava completamente vestido.

– Prefiro arranjar-me antes – declarou suavemente.

– Porque é que isso não me surpreende? – comentou ele ironicamente. – Mas despacha-te. O avô já tem a primeira rabanada na frigideira.

As meninas saltaram da cama e saíram disparadas do quarto.

– Manda-as calçarem-se. Tinham os pés gelados quando se enfiaram na cama

– Cassandra endireitou-se, segurando pudicamente a roupa da cama contra o peito. Sentia-se tão envergonhada como uma donzela vitoriana e não tencionava sair da cama enquanto Jared permanecesse ali.

– Precisas de ajuda?

Cassandra fitou Jared com cara de poucos amigos. Sabia como se sentia!

– Vai ajudar as tuas filhas.

Rindo com suavidade, Jared afastou-se da porta. Mas, em vez de sair, avançou para a cama. Hipnotizada,

Cassandra viu-o a aproximar-se. Parecia uma pantera prestes a saltar sobre a sua presa. Os batimentos do seu coração tornaram-se mais intensos. Mal conseguia respirar. Agarrou no cobertor com força. Não confiava nada nele!

– Bom dia! – disse Jared e inclinou-se para a beijar.

Cassandra não soube como ergueu o rosto para ele. Fechou os olhos e sentiu-se como se estivesse a flutuar. Quando os seus lábios se tocaram, Jared invadiu por completo os seus sentidos.

– Jared! – bramou Silas da cozinha. – O pequeno-almoço está na mesa.

– Oh, oh! – Jared afastou-se e sentou-se na ponta da cama. Enquanto lhe afastava uma madeixa de cabelo, disse:

– Esta é a voz de comando. Lembro-me muito bem.

– Não achas melhor ires andando? – Cassandra queria atirar-se para os seus braços para que a beijasse novamente. O sangue corria-lhe ardente pelas veias. Mal conseguia respirar e desejava que ficasse.

– Vais levantar-te?

– Assim que te fores embora – Cassandra voltou a tapar-se com o cobertor. – Não devias estar aqui! – murmurou com veemência, tentando recorrer ao seu bom senso.

– Gosto de estar aqui. Gosto de estar contigo – replicou Jared, sorrindo audazmente.

- A resposta continua a ser não!
- Não me lembro de te ter feito nenhuma pergunta.
- Fizeste ontem.
- Ah, isso! Ainda não quero falar disso. Talvez mais tarde. Simplesmente, mantém a tua mente aberta.
- Não, já te respondi.
- Tens pouca experiência a negociar, Cassandra. Ainda não ouviste tudo. Há sempre um preço. Só tenho de encontrar o teu – Jared pegou na mão de Cassandra e acariciou-a com o polegar.
- Agora fazes com que pareça um móvel ou algo parecido. Estás a planear comprar-me?
- Mais em subornar-te.

«Provavelmente, seis beijos por dia bastariam», pensou a mente traidora de Cassandra.

Reunindo toda a sua dignidade, retirou a mão.

– Se me concederes um mínimo de privacidade, poderei levantar-me e vestir-me.

– Não o faças por mim.

– Tu estás vestido.

– Isso pode resolver-se – Jared ergueu uma mão e desapertou o botão superior da sua camisa.

– Não! – Cassandra fechou os olhos.

– Vai tomar o pequeno-almoço!

A cama abanou quando Jared se levantou. Ouviu-o a rir-se ao sair do

quarto. Cassandra abriu os olhos, saltou da cama, pegou na sua roupa e entrou rapidamente na casa de banho. Quanto mais depressa arrancassem, mais cedo estaria em casa, sã e salva. E sozinha.

– Não tenciono casar-me para ser uma mãe substituta! – murmurou, enquanto escovava o cabelo.

– Dormiste bem? – perguntou-lhe Silas quando ela entrou na cozinha.

– Que nem uma pedra – ignorando Jared, Cassandra ocupou o lugar que o velho senhor lhe indicava e contemplou a pilha de rabanadas que tinha no prato. – Vou ser incapaz de comer isto tudo – pensaria Silas que era uma glutona? Devia haver pelo menos nove rabanadas no prato.

– Come o que quiseses. O resto fica para os pássaros – disse Jared.

– Eu comi uma – disse Brittany. Um rasto de mel deslizava-lhe pelo canto da boca, como prova.

– Estão boas – disse Ashley, com a boca cheia.

– Engole antes de falar – disse Cassie, com delicadeza, arrependendo-se de imediato por o ter feito.

Tinha reagido como uma mãe. Não lhe agradou a expressão satisfeita que captou no rosto de Jared. Estava a enlouquecê-la. Dissera-lhe que não meia dúzia de vezes. Por acaso seria surdo? Comeu depressa, esperando partir para São Francisco o quanto antes. Tinha

sido um erro aceitar o convite de Jared para passar o fim de semana com eles. Precisava da tranquilidade do seu apartamento para reunir defesas. E tinha de permanecer longe de Jared. Para além de não a ouvir, beijava-a quando lhe aprazia e ela não conseguia resistir. Mas Jared não parecia ter pressa. Quando as meninas estivessem lavadas e vestidas, iriam dar um passeio. Insistiu para que Cassandra os acompanhasse e depois incentivou-a a sugerir algumas brincadeiras.

– Tu é que sabes do que elas gostam – reiterou ele, reforçando a ideia de Cassandra de que só a via como especialista em crianças.

Estava um dia maravilhoso. O sol

brilhava no céu sem nuvens. Uma ligeira brisa trazia o aroma dos cedros e dos pinheiros. Com a intenção de cansar as meninas para que dormissem durante o trajeto de regresso, Cassandra sugeriu uns jogos muito ativos em que todos participassem. Acabaram deitados na relva, rindo e respirando agitadamente.

– Há vinte e cinco anos que não jogava a estes jogos – disse Jared, apoiando a cabeça nas mãos.

– São jogos que nunca se esquecem. Foste sempre desajeitado? – perguntou Cassandra, olhando-o maliciosamente.

Jared estava de olhos fechados e tinha o rosto virado para o sol. Desejou ter coragem para lhe acariciar o contorno

das faces morenas, dos lábios... Brittany sentou-se ao pé do pai.

– Sesta, não – disse a pequena, empurrando-o suavemente.

Jared sorriu e abriu um olho.

– Não estou a dormir, só estou a descansar.

– O papá é muito velho – disse Cassandra. – Precisa de descansar depois de brincar.

– Bruxa – murmurou ele, sem animosidade. – Vais fazê-las acreditar nisso.

– Papá velho – gritou Brittany para a irmã. Depois levantou-se e foi ver o que a sua irmã estava a fazer. Pelo que Cassandra podia ver, Ashley estava a apanhar dentes-de-leão. Vigiou-as para

se assegurar de que não as levavam à boca.

– Ter trinta e dois anos não é ser velho – afirmou Jared.

– Quando tens dois anos, sim.

– Quantos anos tens tu?

– Vinte e cinco.

– Seria um casamento a sério, Cassie. Quero ter mais filhos. Podias ter os teus próprios filhos, para além das gémeas – comentou Jared, sem abrir os olhos. – Talvez um pouco antes do que tinhas planeado, mas e depois? Isso significa que crescerão e partirão antes. Ainda terias muitos anos para continuar a evoluir na tua profissão.

Cassandra continuou a olhar para as

meninas, enquanto uma onda de calor a percorria ao ouvir aquelas palavras. Ter filhos de Jared? Talvez um rapaz? Respirando tremulamente, pôs-se de pé.

– Está a fazer-se tarde. Deveríamos arrumar as coisas e partir. Acho que as meninas já fizeram bastante exercício. Provavelmente dormirão durante todo o caminho.

– Para estarem cheias de energia quando chegarmos?

Vendo Jared a levantar-se, Cassandra não pôde deixar de reparar em como aquelas calças lhe assentavam bem, em como a camisa se moldava aos seus ombros, ao seu largo peito. Vestido de fato ficava muito sério. A roupa informal enfatizava a masculinidade do

seu corpo. Fechou os olhos e virou-se.

– Cassie? – Jared aproximou-se dela.

– Sim?

– Está na altura de falarmos. E estou disposto a oferecer-te algo mais, algo que acharás muito aliciante.

Cassandra encarou-o e susteve a respiração. Sentia-se tão atraída por Jared... De repente, soube porque é que queria que a beijasse, porque é que gostava tanto de estar com ele. Porque ansiava que a amasse... não como mãe das suas filhas, mas por ela mesma. Estava apaixonada por ele! Admirava-o desde que o conhecera e cada elogio que fizera do seu trabalho produzira-lhe sempre uma satisfação exagerada. Mas

aquelas últimas semanas tinham-lhe servido para comprovar o quanto Jared era especial. Apesar da descoberta inesperada da sua paternidade, aceitara as responsabilidades. Via-se que adorava as suas filhas. Desejava aquela mesma adoração por ela. O seu coração bateu com força. Não devia casar-se com ele, mas como é que ia permitir que outra o fizesse? Jared inclinou-se para ela, fitando-a. Lentamente, tirou-lhe os óculos e guardou-os no bolso da camisa.

– Casa-te comigo e dar-te-ei vinte por cento das ações da Hunter Associates. A tua carreira e o teu futuro ficarão assegurados para sempre.

Cassandra encarou-o, atordoada. Por um momento, pensou que ia desmaiar.

– O que é que disseste? – murmurou, incrédula.

– Ouviste bem. Vinte por cento. O que não é mau, tendo em conta que eu possuo cinquenta e um por cento. Os outros quarenta e nove pertencem agora a Ashley e Brittany. Continuará a ser uma empresa familiar. O que achas? É suficiente?

Cassandra sentiu o ardor das lágrimas a assomarem aos seus olhos. Acabava de descobrir que amava aquele homem e ele estava a suborná-la para que casasse com ele! O seu coração encolheu-se. Com delicadeza, Jared afastou-lhe uma madeixa de cabelo. Ao ver que ela não respondia, acrescentou:

– Diz que sim, Cassie. Não comeces a analisar e a procurar todas as possíveis implicações mercantis. Diz apenas que sim – insistiu ele.

Cassandra susteve a respiração, sentindo o turbilhão de pensamentos na sua mente. Às vezes, era preciso correr riscos. Respirou fundo e atirou os seus medos ao vento. Lentamente, anuiu. Jared sorriu e inclinou-se para a frente para a beijar. Ela ergueu o rosto. Provavelmente estaria a cometer o maior erro da sua vida, mas prometeu fazer o possível para que resultasse. A respiração de Jared acariciou-lhe a face. Fechou os olhos, aguardando pelo beijo.

– Ashley, não! – a voz de Jared ecoou

no seu ouvido. Soltou-a, correu em direção à pequena, enfiou-lhe um dedo na boca e extraiu algumas pétalas de dente-de-leão. Depois, repreendeu-a.

Cassandra contemplou a cena, ligeiramente desfocada para os seus olhos. Estava há oito minutos comprometida e Jared já a tinha ignorado para dar atenção a uma das suas filhas. Seria um indício de como seria a sua vida? Não, se ela o pudesse evitar. Mas devia certificar-se de que Jared não descobrisse que estava apaixonada por ele. Sem dúvida, aproveitar-se-ia disso se soubesse.

A viagem foi muito calma. As gémeas

adormeceram cinco minutos depois de entrarem no carro e quase não fizeram paragens. A mente de Cassandra ia em todas as direções. Tinha de trabalhar um pouco mais no projeto GlobalNet, antes de o pôr realmente em prática. Teria Melanie acabado a sua parte? Comprová-lo-ia na manhã seguinte. Depois do trabalho, iria às compras. Tentava manter os seus pensamentos afastados da grande mudança que aceitara fazer na sua vida, mas não conseguia fazê-lo durante muito tempo seguido. Se se casasse, já não precisaria do seu apartamento. Poderia arrendá-lo? Tinha aceitado casar-se com Jared! Estaria a cometer um erro? Olhando-o

pelo canto do olho, perguntou-se para quando seria o casamento. Seria realmente capaz de seguir em frente com aquilo? Se não o fizesse, Jared arranjaría outra mulher disposta a casar-se com ele. Este pensamento fê-la reafirmar a sua decisão. Jared virou-se para ela durante um momento.

— Estás a pensar duas vezes? — perguntou, com calma.

— Talvez.

Jared franziu o sobrolho.

— Pensei que podíamos casar-nos na sexta-feira. Pedirei a Helen para preparar os papéis. Iremos buscar a licença num dia desta semana, durante a hora de almoço.

Cassandra sentiu um pânico repentino.

– Tão depressa?

– Existe algum motivo para esperarmos? – perguntou Jared, moderadamente.

Cassandra negou com a cabeça. Habituar-se-ia à ideia. Ou assim o esperava. Jared foi diretamente para a sua casa. Cassandra ajudou-o a dar de comer às meninas e depois a dar-lhes banho. Aquela rotina começava a tornar-se familiar. Já de pijama, as gémeas foram a correr sentar-se no sofá da sala, prontas para a história da noite.

– Cassie pode ler-vos um conto – anunciou Jared, sentando Ashley ao seu colo.

Quando Cassandra se acomodou no

sofá, aproximou-se dela até as suas pernas ficarem em contacto. O seu olhar desafiou-a a objetar. Incapaz de respirar e muito menos de se concentrar na história, Cassandra apertou Brittany nos braços e estendeu uma mão para Ashley.

— A dos feijões — pediu a pequena, sorrindo.

Apesar da longa sesta, as gémeas já estavam sonolentas quando Cassandra ainda ia a meio da história. Ela e Jared levaram-nas para o quarto e deitaram-nas nas suas caminhas. Cassandra apercebeu-se pela primeira vez de que ia assumir um papel muito importante na vida daquelas crianças maravilhosas. Seria a mamã de que se lembrariam. Seria ela que as levaria à escola, que

assistiria às suas representações de Natal, que as ajudaria nos deveres e que lhes enxugaria as lágrimas. E sabia que as amaria com todo o seu coração para sempre. Como amava o pai delas. Virando-se para Jared, sorriu timidamente.

– Este é o melhor momento do dia.

– São uns anjinhos quando estão a dormir, não é?

Voltaram para a sala.

– Estás desejosa de te ir embora ou podes ficar uns minutos a conversar? – perguntou Jared.

– Se quiseres, posso ficar.

Jared permaneceu uns segundos pensativo, em silêncio, contemplando-a.

– Pareces a empregada perfeita. Agora és minha sócia, Cassie. E em menos de uma semana serás minha esposa.

– E o que esperas tu deste casamento, Jared? Docilidade da minha parte? Que me vergue à tua vontade?

– Acho que isso seria muito difícil. O que espero de ti é que faças o que achares correto e que depois mo comunique – o seu rosto adquiriu repentinamente uma expressão séria. Atraiu Cassandra para si e encostou a sua testa na dela. – Espero ter uma esposa disposta, uma mulher que me ajude com as crianças e com o trabalho. Não espero que fiques em casa,

totalmente dedicada às meninas. Mas estarás cá à noite e aos fins de semana. Como eu.

– E o que esperas para ti? – quis saber, desejando que Jared parasse de falar e a beijasse com tal convicção que as suas dúvidas desaparecessem para sempre.

– Alguém com quem partilhar tudo. Alguém que não fuja para Nova Iorque.

Já que não era capaz de se imaginar a si mesma a fazer tal coisa, Cassandra não teria de fazer nenhum esforço para cumprir tal promessa. Receberia um beijo como recompensa? Fechou os olhos e negou com a cabeça. Estava a começar a ficar obcecada com os beijos de Jared. Como se lhe tivesse lido a

mente, ele comprazeu-a. Mas aquele beijo não foi o doce selo do seu compromisso. Foi ardente, apaixonado e excitante. Apertou-a nos braços como se não houvesse mais ninguém no planeta. E, durante uns gloriosos momentos, Cassandra sentiu que assim era.

Capítulo 8

Helen não se mostrou surpreendida quando, na manhã seguinte, Jared lhe comunicou que iam casar-se. Ele esperava alguma demonstração de espanto em vez da expressão de satisfação que se refletiu no rosto da sua secretária. Olhando-a com estranheza, mandou-a entrar no escritório.

– Parabéns! Já não era sem tempo – declarou Helen, enquanto fechava a porta atrás de si.

– Já não era sem tempo? Recordo-te

que MaryEllen morreu há pouco mais de um mês e meio. Na verdade, estou a precipitar-me.

— Já estava na altura de encontrares alguém a quem amar e com quem casar. MaryEllen e tu eram demasiado parecidos. Eu sei que se casaram para pôr a empresa a funcionar, mas estava na altura de arranjares uma esposa a sério. Sê feliz e não te preocupes com isso.

Jared abriu a boca para esclarecer as coisas com Helen, mas decidiu não dizer nada. Se a sua matura secretária queria pensar que se tratava de um amor à primeira vista, quem era ele para lhe destruir as ilusões? Pelo menos, Cassie sabia a verdade. Ou era o que ele

pensava. Franziu o sobrolho, enquanto se sentava atrás da sua secretária. Cassandra mencionara o amor no dia anterior. Mas ele sabia que o amor era uma emoção nebulosa que, supostamente, unia as pessoas. Ansioso por se pôr a trabalhar, enumerou a lista de tarefas que tinha para Helen. Depois do casamento, poderia concentrar-se no seu negócio.

– E o que pensa Cassandra sobre o assunto? – perguntou Helen quando Jared fez uma pausa.

– Aceitou – respondeu ele.

– Não me refiro a isso, mas a todos os teus planos para o casamento. Normalmente é a noiva que decide todas

estas coisas.

Jared arqueou as sobrancelhas.

– Não sei.

– Um conselho, chefe, pelo menos, consulta-a primeiro.

– Pede-lhe para vir cá – ordenou Jared.

Cassandra dirigiu-se ao escritório de Jared, assim que Helen lho pediu por telefone. Olhou primeiro para Jared, depois para Helen. Seria uma espécie de reunião?

– Parabéns e os meus melhores votos de felicidades – desejou Helen, com um sorriso caloroso.

Cassandra retribuiu-lhe o sorriso, nervosa. Quanto mais pensava naquilo, mais nervosa se sentia. Mas, tendo em

conta os seus sentimentos por Jared, sabia que não poderia suportar que outra mulher se casasse com ele para partilhar a sua vida e a sua família. Ela queria ser essa mulher.

– Pedi a Helen para tratar dos preparativos para o casamento. Vai reservar uma sala no cartório na sexta-feira e vai averiguar que documentos precisamos para obter a licença.

– Acho que devemos falar mais sobre o assunto, Jared – respondeu Cassandra, enquanto ocupava uma das cadeiras junto da secretária.

– Sobre o quê? Aceitaste casar comigo e isso basta.

Cassandra negou com a cabeça.

– Não, isso é apenas o começo. Mas não me refiro a isso. Quando cheguei a casa ontem à noite, comecei a pensar. Vai ser o meu único casamento. Não quero uma cerimónia rápida no registo civil.

Jared recostou-se na cadeira, espantado.

– Não me vais dizer agora que queres um daqueles casamentos pomposos que demoram seis meses a organizar?

– Não. Não tenho uma família grande, nem nada parecido. Mas tenho alguns amigos que gostaria de convidar. E suponho que tu também terás alguns amigos que queiras convidar e há o teu avô, obviamente. Quero casar-me numa

igreja. Pensei que a cerimónia poderia ser celebrada numa pequena capela perto de Columbus. Se Helen não se importar de verificar se a podemos usar na sexta-feira, não precisamos de mudar a data. Mas não tenciono casar-me pelo registo.

– De quantas pessoas estamos a falar?
– quis saber, desconfiado.

– Quero que os membros da minha equipa de trabalho sejam convidados. E tenho alguns vizinhos que gostaria de convidar. E a minha amiga Susie pode ser a minha madrinha. Mais ou menos dez no total.

– Dez – repetiu Jared, olhando para Helen fixamente.

Não estava à espera daquilo. Tinha

pensado numa cerimónia rápida no registo, como com MaryEllen. Mas Cassandra estava a falar como uma autêntica noiva. Perguntou-se se teria feito bem em insistir para que se casasse com ele. Era muito jovem e tinha a vida toda pela frente. Seria justo prendê-la a um homem que já tinha duas filhas e um casamento de conveniência no passado? Com o decorrer dos anos, acabaria por lamentar o que fizera? A imagem das gémeas surgiu na sua mente. Já tinham uma nova ama, Jennifer McConnell. Helen tratara disso. Mas seria por quanto tempo? As meninas precisavam de estabilidade e de amor. Cassie podia dar-lhes ambas as coisas. E estava

disposto a fazer o que quer que fosse pelas suas filhas.

– Há várias pessoas que ficariam muito tristes se Jared não as convidasse para o casamento – interveio Helen.

– Não precisas de te intrometer – ripostou ele.

– Claro que sim – contradisse-o Cassandra, com firmeza. – Se Helen vai organizar o casamento, temos que a ouvir – virando-se para a secretária, perguntou: – Quantos convidados seriam por parte de Jared?

– Os membros da direção, o seu advogado e alguns amigos das várias organizações a que pertence. Com o seu avô e o padrinho, seriam mais ou menos uma dezena.

– Isso faz quase vinte e cinco pessoas
– protestou Jared.

– Que jeito que tens para os números!
– disse Cassandra, orgulhosa. – Vês
como não é assim tanta gente? E não te
esqueças das meninas, também têm de ir.

– São muito pequenas. Sentir-se-iam
deslocadas.

– De maneira nenhuma. Têm de ir –
insistiu Cassandra, sem se deixar
intimidar com o olhar de Jared.

Pensara em tudo aquilo na noite
anterior. Já que aceitara aquele
casamento de conveniência, da
conveniência de Jared, deixaria bem
claro desde o princípio que teria de
contar com ela para a tomada de

decisões. «Começa como tencionas continuar», costumava dizer-lhe frequentemente a sua mãe adotiva.

Jared olhou-a longamente e, finalmente, aquiesceu.

– Faz o que a noiva disser, Helen.

A semana decorreu velozmente. Angustiada, Cassandra não parava de se perguntar se tinha feito bem em aceitar a proposta. Distraída com os seus pensamentos, os membros da sua equipa não pararam de se meter com ela por não conseguir concentrar-se no trabalho. Após o espanto inicial dos seus colegas ao saberem do seu casamento com o chefe, todos retomaram a sua rotina

habitual quando viram que a sua atitude não tinha mudado. Quando Jared sugeriu que se mudasse para o escritório contíguo ao seu, recusou a oferta. Por enquanto, continuava a ser uma analista de mercado e, pelo menos no trabalho, não queria nenhum tratamento diferente por ser a esposa do chefe.

– Também és dona de parte da empresa, o que também faz de ti chefe – lembrou-lhe ele quando ela recusou a sugestão de se mudar.

– Não, enquanto não for casada. Comparada contigo e com os outros membros da direção, não sei nada. Faltam-me alguns anos para estar preparada para tomar decisões

importantes. Talvez devêssemos adiar a tua decisão de me dares parte das ações.

– Adiar? – perguntou Jared, confuso.
– Foram as ações que te fizeram mudar de ideias. O que queres dizer? Estás a tentar adiar o casamento?

Exasperada, Cassandra negou com a cabeça.

– Não, não estou a tentar adiar nada... exceto que ponhas as ações em meu nome. Pensava que ficarias contente por o saber – não podia deixar de sentir uma grande culpa perante a ideia de as aceitar.

– Pensava que tinha sido isso que te tinha feito dizer que sim – comentou ele, pensativo.

Cassandra engoliu com dificuldade e

baixou os olhos para o caderno de apontamentos que segurava. Não podia dizer-lhe que ia casar-se com ele para se assegurar de que não o fizesse com outra mulher.

– Só acho que devíamos esperar, apenas isso.

– Está bem, depois dizes-me quando as queres.

Na sexta-feira de manhã, Cassandra estava nervosa. Fizera as malas para cobrir qualquer necessidade durante o fim de semana. Teria de voltar para acabar de arrumar as suas coisas, já que tinha posto o apartamento a arrendar e

esperava que alguém o quisesse rapidamente.

Ao longo da semana tinha feito o possível por ignorar a mudança que se avizinhava na sua vida. Mas, nos momentos mais inesperados, lembrava-se do que Jared lhe dissera no fim de semana anterior quando tinham ido visitar Silas: «Será um casamento real». Claro que era isso que queria. Planeava permanecer casado o resto da sua vida e era demasiado viril para manter uma relação meramente platónica. E os pensamentos de Cassandra voaram rapidamente para a cama de Jared. Cada vez que se imaginava deitada nela, com Jared ao seu lado, uma onda de calor percorria-lhe o corpo. Então,

começavam a surgir as dúvidas e perguntava-se se seria capaz de seguir em frente com o casamento. Na sexta-feira de manhã, enquanto se vestia, ainda se perguntava se estaria a fazer o correto.

– Estás bem, Cassandra? – perguntou-lhe Susie. A sua amiga levava um vestido cor-de-rosa que condizia com o seu tom de pele.

– Sim, claro. Apenas um pouco nervosa.

A sua dama de honor ajeitou-lhe o cabelo, que caía ondulado sobre os ombros.

– Estás linda. E isto é tão romântico... Não me tinhas falado dele antes das

últimas duas semanas – disse Susie.

– Antes era casado – respondeu Cassandra, esperando distrair a atenção da sua amiga. Tinha comprado um vestido creme para a ocasião na Union Street. O dono da loja insistira para que levasse um chapéu com véu. Olhando-se ao espelho, teve de reconhecer que estava bonita. A cor das suas faces não se devia à maquilhagem, nem sequer ao brilho dos seus olhos. Só faltavam algumas horas para o casamento!

– Então, assim que ficou livre, foi a correr procurar-te – Susie deu um suspiro e, depois, riu-se. – É tão romântico. Oxalá me aconteça o mesmo!

Cassandra esteve prestes a esclarecer a situação, mas mudou de ideias. Se lhe

disse a verdade, apenas destruiria o seu sonho.

– Eu ajudo, papá – ofereceu-se Brittany, tentando apertar os atacadores dos sapatos de Jared.

– Obrigada, querida, mas posso fazê-lo sozinho – Jared tirou-lhe o sapato das mãos. Um instante depois, ouviu um riso proveniente da casa de banho. – O que estás a fazer, Ashley? – perguntou.

Deveria ter deixado as meninas com Helen. Ou insistir para que a ama fosse naquele dia. Mas, sentindo-se magnânimo, dera-lhe o dia de folga. Estava a tentar vestir-se com as meninas

à sua volta. E as duas queriam ajudar. Culpou Cassandra, já que fora ela que insistira que elas tinham de estar presentes.

– Nada.

Talvez fosse um pai novato, mas aprendia depressa. «Nada» significa sempre algo. Deixou o sapato em cima da cama para evitar que Brittany voltasse a fazer-lhe nós nos atacadores e correu para a casa de banho. Ashley estava de pé em cima da tampa da sanita, com o rosto coberto de espuma de barbear. Os seus brilhantes olhos azuis encararam-no apreensivamente por entre a espuma, que estava espalhada por todo o lado, paredes, espelho, camisa de noite... Felizmente, decidira

não as vestir logo.

– Ontem disse-te para não mexeres nas coisas do papá – repreendeu-a, olhando-a com um gesto severo.

– Quero fazer a barba!

– As meninas pequenas não precisam de fazer a barba, nem os meninos.

Brittany espreitou à porta e riu-se.

– Eu também quero – disse, animando-se ao ver a sua irmã.

– Não – Jared mandou-a sair da casa de banho e começou a limpar Ashley. Estava ansioso para que Cassandra estivesse ali. Tudo seria mais fácil.

Pelo menos, esperava que assim fosse. Não ia passar por tudo aquilo só para comprovar que as coisas não

tinham melhorado. Com cuidado para não sujar as calças, acabou de lavar e secar Ashley e depois mandou-a para o quarto. Naquela noite, Cassandra partilharia a sua cama. Tinha fantasiado com aquilo desde a sua viagem a Nova Iorque. Quando mencionara que o seu casamento seria normal em todos os aspetos, antecipara alguma objeção por parte de Cassandra, mas ela não dissera nada. Naquela noite seria sua. Poderia beijá-la até à exaustão, perdendo a noção do tempo e do espaço. Depois levá-la-ia para a sua cama, despi-la-ia e faria amor com ela toda a noite. A primeira coisa que fizera naquela manhã fora mudar os lençóis. Também arranajara espaço no armário e na casa

de banho para que Cassandra pudesse arrumar os seus pertences. Há muito tempo que não partilhava o seu espaço com uma mulher.

– Papá! Quero ver Cassie!

– Vou já – Jared esperava que as suas filhas dormissem profundamente naquela noite. O melhor seria levá-las ao parque à tarde para se certificar de que faziam muito exercício.

Jared mandou uma limusina a casa de Cassandra, que entrou na parte traseira como se o tivesse feito toda a vida.

– Isto é que é autêntica classe! – comentou Susie quando se sentou ao

lado dela, admirada. – Vais andar sempre de limusina?

– Claro que não. Jared tem um carro bonito e espaçoso. No fim de semana passado fomos nele a Sonora.

– Tivemos muito pouco tempo para falar desde que me deste a novidade bombástica. Quero saber tudo sobre esse homem. Não te podes casar sem a minha aprovação – brincou Susie.

– O que queres saber? – perguntou Cassandra, tentando ganhar tempo.

– Quando é que te apercebeste de que o amavas?

– Em Sonora, no fim de semana passado, mesmo antes de ele me propor casamento.

– Oh, conta-me mais!

Havia muito pouco para contar, mas Cassandra fez o possível para que o seu breve noivado com Jared parecesse romântico e feliz. A verdade era que nem sequer tinham tido um encontro formal. Ia casar-se sem ter tido a oportunidade de sair a sós com Jared. Ignorando uma pontada de decepção, embelezou cada um dos seus encontros, centrando-se no aspeto de Jared, no que dizia e como o seu coração se derretia só de olhar para ele. Quando a limusina se deteve diante da pequena capela, Susie estava maravilhada e abraçou a amiga.

– Desejo-te toda a felicidade do mundo – declarou, enquanto o motorista

lhes abria a porta.

Nervosa, Cassandra entrou com a sua amiga no vestíbulo. Eram onze horas. O padre recebeu-a e trocaram algumas palavras amáveis. Helen aproximou-se, sorridente.

– Não serias uma autêntica noiva sem flores – e entregou a Cassandra um lindo ramo de rosas brancas. Susie recebeu outro mais pequeno.

Comovida com a atenção de Helen, Cassandra abraçou-a.

– Obrigada – os seus olhos encheram-se de lágrimas. Pestanejou rapidamente para tentar recompor-se.

– Estás preparada? – perguntou Helen. Quando Cassandra anuiu, esta sorriu. – Mais uma coisa. Jared pediu-

me para ficar com os teus óculos.

– Os meus óculos? Mas preciso deles.

– Faz-lhe esse favor, querida. Não está a pedir muito.

Anuindo, Cassandra tirou os óculos e entregou-os à fiel secretária de Jared. Tudo se tornou nebuloso ao longe.

– Quando a organista começar a tocar a marcha nupcial, avança pela nave – disse o padre. – O noivo já lá está.

Cassandra acenou afirmativamente, demasiado emocionada para falar. Tudo começaria dentro de breves segundos e a sua vida e a de Jared ver-se-iam unidas para sempre. Susie sorriu e avançou para a porta. Quando a música começou a soar, abriu-a. Surpreendida

ao ver a quantidade de gente que ali estava reunida, Cassandra hesitou. Apesar de saber que não podia haver mais de vinte e tal pessoas, parecia uma multidão. Todos os olhares se centraram nela. Ficou petrificada.

— Vamos, é a marcha nupcial — sussurrou Susie.

Ao fundo do corredor, Cassandra divisou Jared. Parecia tão alto e distante... Apesar de não o poder ver com clareza, sabia exatamente o aspeto que tinha. O fato escuro enfatizava o seu cabelo preto e a sua tez morena. Pôde sentir a força do seu olhar. Jared tinha pedido ao avô para ser o padrinho e Silas devia estar contente. Respirando fundo, Cassandra avançou, mas esteve

prestes a tropeçar ao ver as duas meninas idênticas a espreitarem por entre as pernas do pai com um sorriso. Estavam adoráveis, vestidas de cor-de-rosa. O mero facto de ter a oportunidade de criar aquelas meninas fazia com que tudo merecesse a pena. Com o coração derretido e os olhos rasos de lágrimas, avançou pelo corredor de braço dado com Susie. Quando chegou junto de Jared, este anuiu e virou-se para o padre.

– Olá, Cassie – disse Ashley.

– Olá – sussurrou Cassandra, sorrindo para a pequena.

– Queridos irmãos... – começou o padre.

– Upa! – disse Brittany, erguendo os braços para Cassandra.

– Eu também – disse Ashley.

– Agora não! – sussurrou o pai.

– Conseguirão ver melhor se as tivermos ao colo – cochichou Cassandra.

Entregou o seu ramo a Susie e agachou-se para pegar em Brittany ao colo. Depois sorriu animadamente a Jared e virou-se para o padre. Um segundo depois, Jared fez o mesmo com Ashley, com uma expressão impassível, como se todos os noivos se casassem com uma criança ao colo. O padre sorriu e deu início à cerimónia. Cassandra fitou Jared nos olhos. Quando o padre

perguntou se a aceitava como esposa, Jared respondeu em voz alta e clara:

– Sim, aceito.

As meninas permaneceram em silêncio, impressionadas com a solenidade da cerimónia. Foi um pouco incómodo trocar as alianças com as meninas ao colo, mas conseguiram.

– Pode beijar a noiva.

Os olhos de Jared brilharam. Inclinou-se lentamente, até os seus lábios roçarem os de Cassandra.

– O papá beijou Cassie – anunciou Ashley.

– Eu também – Brittany deu um sonoro beijo na face de Cassandra. Ashley não quis ficar atrás e inclinou-se para fazer o mesmo.

– Agora sinto-me muito casada – comentou Cassandra com suavidade, sentindo o coração na garganta.

Já estava. Susie deu uma palmada amigável no braço da sua amiga.

– Felicidades! – exclamou. – Trouxe a máquina. Vai cumprimentar os convidados, depois volta para te tirar algumas fotografias.

Tudo decorreu como numa espécie de bruma. Helen tinha organizado uma pequena receção num clube privado de North Beach e, pouco depois de concluir a cerimónia, reuniram-se todos lá.

Cassandra deu um gole na sua taça de

champanhe e sorriu. Comeu um pouco e sorriu. Quando cumprimentou cada convidado em particular, sorriu. A meio da tarde, doíam-lhe as faces, os pés começavam a incomodá-la e sentia-se ligeiramente tonta. Mas não queria que o dia acabasse. Estava a divertir-se muito. E quando partisse, seria para viver no apartamento de Jared para iniciarem uma nova vida em conjunto. Cada vez que pensava em tornar aquele casamento real, como dissera Jared, o seu coração começava a bater mais depressa e os seus pensamentos tornavam-se completamente confusos. Era sexta-feira. Voltariam para casa depois do copo-de-água, deitariam as meninas e começariam uma nova vida. Na cama de

Jared. Nenhum deles tinha de trabalhar até segunda. O que significava que teriam dois dias inteiros para...

– Pareces acalorada. Está muito calor aqui? – perguntou Helen.

– Não, estou bem. Organizaste uma bela receção. Não percebo como é que conseguiste organizar tudo em tão pouco tempo, apesar de saber como és eficiente. Jared não se desenhencilharia sem ti. Mas isto ultrapassa... – Cassandra interrompeu-se bruscamente.

Estava a balbuciar como uma criança. Olhou dissimuladamente para Jared e ficou contente por o ver a conversar com um dos seus amigos, o que lhe deu a oportunidade de o observar sem que ele

se apercebesse. Parecia tão calmo e descontraído como nas reuniões de trabalho. No que lhe dizia respeito, aquilo era apenas mais um contrato comercial. Provavelmente, nem sequer tinha parado para pensar duas vezes naquela noite. Mas, ao contrário dele, Cassandra não conseguira pensar noutra coisa. Recordava muito bem o contacto das mãos de Jared na sua pele. Naquela noite, aquelas mãos deslizariam por todo o seu corpo. Jared beijá-la-ia até a fazer esquecer o seu nome. De repente, desejou do fundo do coração que fosse um casamento a sério, que Jared a amasse tanto como ela o amava a ele. Como é que ia suportar o passar dos anos, desejando a sua devoção e

obtendo apenas a sua cortesia? Jared virou-se e surpreendeu Cassandra a olhá-lo. Sorriu e fez-lhe um gesto para que se juntasse a ele. Quando Cassandra se aproximou, passou-lhe um braço pelos ombros e atraiu-a.

– Estás pronta para ir embora?

Cassandra sentiu um pânico repentino.

– Já?

– Já comemos, já falámos com toda a gente e já partimos o bolo. Há dois ou três convidados a olharem para o relógio e duvido que queiram ser os primeiros a ir-se embora. O meu avô não pode atrasar muito mais a sua ida para não chegar a casa de noite. Tens algum motivo especial para querer

ficar?

Cassandra negou com a cabeça.

– Suponho que não. Onde estão as meninas?

– O meu avô está com Brittany e Helen encarregou-se de Ashley desde há bocado.

– Temos que a deixar descansar, ela merece.

– Por tomar conta de uma das terríveis gémeas ou por hoje?

– Por ambas as coisas – Cassandra ergueu valentemente o queixo e olhou-o nos olhos. – Acho que a receção foi muito agradável e a cerimónia também.

– Mesmo com as pestes ao colo?

– Portaram-se muito bem.

– Não estás dececionada? – inquiriu

Jared.

– Porque é que havia de estar? O dia foi perfeito. Susie ficou maravilhada com a limusina.

– E tu?

Cassandra anuiu.

– Obrigada, Jared. Foi tudo perfeito.

– E ainda não acabou.

Cassandra sentiu um calor a invadir-lhe o corpo.

– Não, suponho que não – disse, debilmente.

Uns minutos mais tarde, depois de se terem despedido dos convidados e de pegarem nas meninas, entraram na limusina. Ocupando um dos bancos de couro, Cassandra tentou comportar-se

com naturalidade.

– Conta-nos uma história, Cassie – pediu Ashley do banco oposto, onde Jared a tinha instalado.

– Agora tens de a tratar por mamã – disse o seu pai.

– A mamã partiu – interveio Brittany.

– Agora Cassie é a tua mamã. Podes tratá-la como tal – explicou Jared.

– Mamã? – Ashley olhou à sua volta.

– Penso que estás a baralhá-la, Jared. Podem continuar a tratar-me por Cassie.

– Será ainda mais confuso quando tivermos filhos. Ashley, Brittany, Cassie é a vossa nova mamã. A mamã número dois.

– Mamã dois? – perguntou Ashley, tentando compreender.

Cassandra não foi capaz de dizer nada. Todo o seu corpo tremia devido ao comentário casual sobre terem filhos.

– Cassie é a mamã dois? – disse Brittany.

– Sim, Cassie é a mamã dois.

Capítulo 9

O motorista da limusina levou as malas de Cassandra. Jared ocupou-se de Brittany e Cassandra segurou a mão de Ashley, enquanto subiam, em silêncio, no elevador. As meninas correram para a porta quando chegaram. Jared deu uma gorjeta ao motorista e abriu a porta do apartamento.

– Vão para o vosso quarto – ordenou às meninas. – Irei ter convosco assim que mudar de roupa – levou as malas de Cassandra para o interior e virou-se

para ela. – Não entras?

Silenciosamente, Cassandra anuiu. Adeus à sua ilusão de passar o umbral ao colo do seu marido. Entrou e fechou a porta, tentando comportar-se racionalmente. Não se tratava de um relacionamento amoroso. Sabia que Jared nem sequer tinha pensado nisso. Enquanto ele levava a sua bagagem para o quarto, ela tirou o chapéu, deixou-o sobre uma mesa na entrada e dirigiu-se para o quarto das meninas. Os seus vestidos eram tão bonitos que não quis perder tempo e tirou-lhos, antes que os estragassem. Estava a ajudar Ashley a trocar de roupa quando Jared apareceu à porta.

– Se queres mudar de roupa, eu posso

tratar das meninas – vestira umas calças desportivas e uma camisa confortável. Por um momento, Cassandra sentiu falta do fato escuro. Ficava tão elegante...

– Está bem. O que queres fazer agora? O que devo vestir?

– Pensei que podíamos levar as meninas ao parque para correrem um pouco. Comeram açúcar suficiente na festa para se aguentarem a correr durante mais de uma hora.

– Não demoro.

– Se quiseres, podes desfazer as malas. Vem ter connosco quando acabares – sugeriu Jared.

Cassandra anuiu e encaminhou-se para o quarto. Não sabia o que esperar,

mas não era propriamente aquilo. Tinha pensado que Jared teria planos para prolongar aquele dia especial. Uma jantar à luz das velas, talvez, ou ir dançar ao sítio que mencionara uma vez... Teria sido agradável. Vestiu umas calças de ganga e uma t-shirt cor-de-rosa. Explorando o quarto, comprovou que Jared lhe tinha deixado duas gavetas da cómoda abertas para que visse que estavam vazias. Também tinha deixado espaço no armário. Começou a guardar a roupa, enquanto ouvia Jared e as meninas a saírem. Acariciou os fatos de trabalho que pendiam no armário, recordando Jared com cada um deles. O seu aroma impregnava de tal modo o ambiente, que quase podia sentir que

estava ali. Pendurou carinhosamente o seu vestido creme, comprado especialmente para a ocasião, perguntando-se se voltaria a vesti-lo alguma vez. Pendurou os seus fatos e fechou o armário. Em seguida, deixou as malas na entrada. Lembrou-se de Jared ter mencionado que tinha uma arrecadação na cave onde as poderia guardar. Caminhando pelo apartamento, tentou habituar-se à ideia de que aquele era o seu novo lar. Parecia-lhe estranho. Nenhuma das suas coisas estava ali ainda. Tentando afastar um leve sentimento de decepção, saiu de casa para ir ter com eles ao parque. Foi fácil localizar a sua família, graças aos risos

das gémeas. Havia uma zona de jogos infantis, com baloiços, escorregas e tudo o mais. Jared estava a empurrar as meninas nos baloiços. Elas riam e gritavam para as empurrar com mais força.

– Precisas de ajuda? – perguntou Cassandra, juntando-se a eles.

– Queres andar de baloiço? – perguntou Jared, sorrindo. A ligeira brisa da baía tinha alvoroçado o seu cabelo, dando-lhe um ar casual. Cassandra foi-se descontraindo pouco a pouco. Sorriu. Ia resultar.

– Não, obrigada. Prefiro ficar a ver.

– Vamos para o escorrega – disse Brittany.

Jared deteve o baloiço da menina e

ajudou-a a descer.

– Eu levo-a – disse Cassandra. – Tu podes continuar a empurrar Ashley.

Jared encarou-a, deslizando o olhar desde o seu cabelo até aos seus pés. Depois, inclinou-se e beijou-a delicadamente nos lábios.

– Estás linda, querida.

Cassandra sentiu as pernas a cederem. A última coisa que esperava era aquele elogio por parte de Jared.

– Obrigada – murmurou, mais corada do que devia. Não esperava um comentário semelhante. Encarou-o, sem deixar de vigiar Brittany. Parecia mais novo, rindo-se com a sua filha. Cassandra estava tão cansada como as

gêmeas quando regressaram a casa. Durante a tarde tinham corrido, brincado às escondidas e a todo o tipo de jogos de equipa.

– Um jantar rápido e estarão prontas para ir para a cama – murmurou ela, enquanto entravam no apartamento. Provavelmente também ela estaria pronta. Tinha sido um dia longo e não parara de pensar na noite que ia ter com Jared. E no facto de estarem casados.

– Deveria ter-te perguntado o que querias fazer quanto ao jantar – disse Jared, na cozinha. – Podemos ir a um restaurante, se não te apetecer cozinhar esta noite.

Por um instante, Cassandra sentiu-se como uma mulher que estava casada há

anos. A forma como tinham passado a tarde demonstrava que eram compatíveis. Mas os batimentos do seu coração deixavam-na de rastos. Perguntou-se se algum dia chegaria a habituar-se a estar com Jared.

– As meninas estão demasiado cansadas para sair, não achas? – perguntou, enquanto abria o frigorífico. – Certamente, poderemos preparar uma refeição rápida – ainda por cima era a sua noite de núpcias. Se não podia ir dançar com o seu marido, também não queria ter de se dedicar a tomar conta das meninas cansadas. – O que é que gostam de comer?

– De tudo e em grande quantidade.

Cassandra sorriu.

– Provavelmente estão a preparar-se para crescer outra vez. Lembro-me de a minha mãe adotiva dizer que quando as crianças comem como se não houvesse amanhã, isso significa que é preciso começar a pensar em ir comprar roupa e sapatos novos.

– Continuas em contacto com os teus pais adotivos? – perguntou Jared, apoiando-se despreocupadamente na parede, junto ao lava-loiça.

Cassandra negou com a cabeça e tirou um pacote de carne picada do congelador.

– Tens os ingredientes necessários para fazer massa à bolonhesa?

– Sim. Porquê?

Cassandra ergueu o olhar, surpresa com a sua pergunta.

– Nunca me senti ligada a eles. Os meus pais adotivos viam-me como a ama perfeita. Para eles só representava o que o estado lhes pagava pelo meu sustento. Na verdade, nunca os vi como pais, mas como umas pessoas que me vigiavam até ter idade suficiente para o fazer por mim mesma – encolheu os ombros, tentando não deixar transparecer a sua dor. De repente, teve um inesperado e desagradável pensamento. Virando-se para Jared, perguntou:

– Achas que Brittany e Ashley

pensarão o mesmo de mim?

Jared afastou-se da parede e avançou lentamente para ela, abanando a cabeça.

– Elas já gostam de ti. E tu delas. Nota-se, Cassie. És a única mãe que conhecerão e recordarão. Amar-te-ão sempre – tirou-lhe a carne das mãos e, depois de a pousar em cima da mesa, colocou-lhe um dedo no queixo para lhe erguer o rosto. – Obrigado por te teres tornado mãe delas – olhou-a intensamente. – O sol deu-te cor às faces e parece que o teu cabelo preto desprende uma luz interior. O brilho dos teus olhos faz-me lembrar duas estrelas. E a tua boca tentou-me o dia todo – em seguida, capturou aquela boca com a sua, movendo com mestria os lábios

sobre ela.

Cassandra rodeou-lhe a cintura com os braços e puxou-o. Sentia-se nas nuvens. Sem fôlego, maravilhada, desejou que o momento se prolongasse para sempre. Atreveu-se a corresponder, a retribuir-lhe o beijo, abrindo os lábios, deixando que as suas línguas se unissem. Esperava que ele se sentisse tão excitado quanto ela. Morreria se não lhe pudesse retribuir o prazer que ele estava a proporcionar-lhe.

Jared deslizou os lábios pelo queixo de Cassandra. Fazendo-a inclinar a cabeça para trás, regou-lhe a garganta de beijos ardentes. Ela só conseguia pensar nele e no prazer que encontrava nos seus

braços. O seu sangue ardia e mal conseguia respirar. Sensações turbulentas fervilhavam no seu interior.

Abriu os olhos e viu Jared a observá-la. O seu amor por ele era tão forte que se sentiu prestes a explodir.

– Será melhor prepararmos algo para aquelas duas, senão começarão a atormentar-nos daqui a nada – disse Jared.

Cassandra voltou à terra de repente. Enquanto preparava o jantar, sentiu-se como se existisse uma espécie de curvatura do tempo. Recordou a noite que passara em Nova Iorque quando Jared praticamente a obrigara a acompanhá-lo. Não a teria coagido também para se casar? Mas não estava a

ser justa ao pensar isso. Tinha comparecido ao casamento de livre vontade.

Quando as meninas acabaram de comer, Cassandra foi preparar-lhes o banho, enquanto Jared arrumava a cozinha. Quando estiveram prontas, reuniram-se todos a ler uma história. As gémeas demoraram apenas uns segundos a fechar os olhos. Cassandra permaneceu no quarto das meninas o máximo de tempo possível. O seu coração batia aceleradamente e tinha dificuldade em concentrar-se em algo. Os minutos passavam e cada um se aproximava mais e mais do momento de ir para a cama. Para a enorme cama de

Jared. Perguntando-se se se sentiria tão ansioso quanto ela, foi finalmente para a sala. Já não teve de o questionar. Jared estava sentado num dos cadeirões a ler os relatórios do trabalho! Era a sua noite de núpcias e estava a trabalhar! Mas, obviamente, para ele, tudo aquilo não tinha passado de uma maneira de conseguir uma conveniente mãe para as suas filhas. Tossiu. Jared ergueu os olhos, pousou o papel que sustinha na mão e apontou para o sofá.

– O que vamos fazer com as miúdas na segunda-feira? – inquiriu Cassandra, sentando-se.

– Acho que Jennifer tenciona continuar a trabalhar cá.

– Pensei que podíamos procurar uma

creche, onde pudessem relacionar-se com outras crianças da sua idade. Para além de lhes fazer bem, não dependeríamos tanto de uma só pessoa, que poderia adoecer ou escolher não vir por alguma outra razão.

– Jennifer parece ser uma pessoa de confiança. E, se não puder vir um dia, tu ou eu poderemos ficar com elas. Já tiveram bastantes alterações na sua vida. Preferia não ter de as deixar numa creche tão cedo.

Cassandra concordou e olhou pela janela. Jared tinha razão. A vida das meninas já tinha sofrido bastantes alterações durante as últimas semanas.

– Já me ia esquecendo – Jared enfiou

a mão na pasta que tinha no chão, junto à cadeira, e tirou um envelope grande. Estendeu-o a Cassandra.

– O que é? – perguntou ela, abrindo-o. Quando leu os documentos que continha, viu que se tratava das ações da Hunter Associates em seu nome. – Pensei que íamos esperar – disse, lentamente.

– Eu mantenho a minha palavra, Cassie. Fazia parte do trato. Para quê esperar?

Parte do trato. Cassandra perguntou-se como tinha podido acreditar que o beijo que lhe dera há momentos atrás estava repleto de carinho verdadeiro. Lentamente, sentindo-se completamente estafada, levantou-se do sofá. Guardou

as ações no envelope e dirigiu-se para o vestibulo.

– Estou muito cansada. Vou para a cama.

Mas não para a cama de Jared. Tudo tinha um limite e ela acabava de atingir o seu. Não podia continuar a enganar-se, pensando que aquilo teria um final feliz. Aceitara aquele casamento e manter-se-ia firme à sua palavra, agindo como uma boa mãe para Ashley e Brittany, mas continuaria a trabalhar arduamente e a construir uma vida para si, à margem de tudo o resto.

– Vou já – disse Jared.

Cassandra pegou na sua camisa de noite e usou a casa de banho das gémeas

para lavar os dentes. Depois, dirigiu-se para o quarto de hóspedes e não se incomodou em acender a luz. Deitou-se de barriga para cima e tentou dormir. Imagens do dia dançaram diante dos seus olhos: a excitação de Susie, as gémeas a olharem-na por entre as pernas do seu pai, a receção, a tarde no parque... Nunca tinha passado muito tempo a sonhar com o dia do seu casamento, por isso, não podia sentir-se dececionada. Tinha sido uma bela cerimónia, com todos os pormenores adequados, incluindo o beijo de Jared. Mas aquele que recordava mesmo era o anterior ao jantar. A luz do quarto acendeu-se de repente.

– Que diabos estás aqui a fazer? –

perguntou Jared, evidentemente irritado.
– Estou há um bom bocado à tua procura pela casa.

Cassandra ergueu-se e semicerrou os olhos enquanto o encarava.

– Eu disse-te que ia dormir. Estou muito cansada.

– Mas essa não é a minha cama – ripostou Jared.

– Não, mas é a minha – replicou ela, sentando-se. Se iam esclarecer a situação naquele momento, queria estar numa posição melhor.

– De que estás a falar? Sabes que esperava que este casamento fosse normal em todos os aspetos, incluindo o de dormir juntos. Falámos disso.

– Não, Jared, limitaste-te a ditar o que querias. Eu mal te conheço. E tu também não me conheces. Entendo o que queres e, depois de nos conhecermos melhor...

– Que melhor maneira de nos conhecermos do que dormindo juntos?

– Esta noite, não.

Jared hesitou por um instante.

– Então quando? – a sua voz soou calma, mas Cassandra detetou um toque de ira.

– Quando nos conhecermos melhor – disse, valentemente. – Casámo-nos. Sou a mãe das tuas filhas. Cumprirei a minha parte do trato.

– Mas esta noite, não.

Cassandra negou com a cabeça. Jared olhou-a longamente. Depois girou sobre os calcanhares e retirou-se, batendo com a porta. Quando entrou no seu quarto, quis fazer o mesmo para dissipar parte da sua irritação, mas conteve-se ao pensar nas suas filhas. Tinha entrado no quarto, convencido de que encontraria Cassandra. Cortesmente, deixara-a usar a casa de banho primeiro, para que se arranjasse. Mas quando entrara no quarto, encontrara a cama vazia, como acontecia todas as noites. O que pretendia ela? Deixara-lhe perfeitamente claro que queria um casamento normal. Casara-se com ele para conseguir as ações. Agora que as tinha, não se sentia

obrigada a mais nada. Não lhas deveria ter dado tão cedo. Mas não fora o que ela sugerira? Talvez não fossem as ações. Seria timidez? Não, se se guiasse pelo último beijo que tinham dado. Ainda podia sentir as mãos dela nas suas costas, deslizando pelos seus músculos, apertando-o com força contra o seu corpo doce. Imaginara-a na sua cama naquela noite, nua e sensual, gemendo de prazer com as suas carícias. Quanto mais pensava no que acabava de acontecer, mais irritado se sentia. Talvez devesse voltar ao quarto de hóspedes, exigir-lhe que partilhasse a sua cama, demonstrar-lhe desde o princípio como ia ser o seu casamento. A irritação dissipou-se lentamente. Não

faria isso. Se Cassandra não fosse ter com ele voluntariamente, não a queria.

Seria apenas por uma noite. No dia seguinte, insistiria para que dormisse com ele. Foi até à casa de banho, disposto a tomar um banho de água fria para acalmar os nervos.

De manhã quando Jared entrou na cozinha, Cassandra recebeu-o com um sorriso brilhante e uma atitude reservada e distante que nunca tinha visto nela. As meninas já estavam vestidas e concentradas nas suas torradas. Pelos bigodes alaranjados que adornavam as suas bocas, deduziu que tinham bebido

sumo. Olhou para Cassandra. Desejava-a. Nada tinha mudado desde a noite anterior. Era a sua esposa e nem sequer lhe tinha dado um beijo de bons-dias.

– Queres ovos ou alguma outra coisa?
– inquiriu ela.

– O que é que tu vais comer? – Jared afastou a cadeira da mesa e sentou-se, observando-a, fascinado.

As calças de ganga moldavam-lhe o traseiro quando se mexia. Soltara o cabelo e não pusera os óculos. Um ligeiro rubor tingia-lhe as faces. Jared sentiu que o seu desejo crescia como um turbilhão. Olhando rapidamente para as gémeas, percebeu que não havia maneira de ficar a sós com ela. Mas desejava-a. E, de uma maneira ou de outra, tê-la-ia

naquela noite.

– Eu já comi. Levantei-me cedo – anunciou Cassandra, evitando o seu olhar. – Mas posso preparar-te o que quiseres.

– Quero torradas, como as meninas. E café.

Ela anuiu e colocou-lhe uma chávena de café à sua frente.

– Já estava preparado.

Jared agarrou-a pelo pulso, antes que pudesse afastar-se, e fitou-a nos olhos. Quase sorriu ao vê-la a corar. Afinal de contas, não lhe era indiferente. A que se deveria a cena da véspera? Puxou-a com suavidade e beijou-a delicadamente nos lábios, mas só serviu para lhe aumentar

o desejo.

– Pensei que hoje podíamos ir ao jardim zoológico – disse, enquanto a observava a preparar-lhe torradas.

– Leva as meninas. Eu tenho de ir a casa.

Aquela resposta apanhou-o completamente de surpresa.

– O que queres dizer?

– Tenho de aproveitar o fim de semana para arrumar tudo. Na segunda-feira, um camião de mudanças irá recolher as minhas coisas para as levar para um armazém. Mas também quero trazer algumas coisas para aqui.

Jared só reparou que estava tenso quando os seus músculos relaxaram. Cassandra não se ia embora, iria buscar

as suas coisas. Depois do fim de semana, aquela seria a sua casa. Não teria mais nenhum sítio para onde ir. Sentiu uma profunda sensação de alívio.

– Se quiseres, podemos ajudar-te.

Cassandra sorriu para as meninas.

– Não me parece. Posso fazê-lo sozinha. Tu, trata delas.

«Está a enlouquecer-me», pensou Jared na quinta-feira de manhã, enquanto olhava pela janela do seu escritório. O sol brilhava no céu e o ar parecia limpo e fresco. Desejou que a sua vida fosse tão imaculada quanto a vista que se espalhava diante dele. Ainda dormia

sozinho. Todas as noites, Cassandra arranjava uma desculpa e reiterava que ainda não se conheciam o suficiente, mas para Jared era um mistério como esperava que se conhecessem assim. Era verdade que se mostrava sempre simpática com ele, mas o muro que existia entre eles ia-se tornando cada vez mais denso. O que acontecera com as suas expectativas de uma mulher dócil e grata pelas ações da empresa, que estaria mais do que disposta a agradar-lhe? Deu um sorvo no seu café e abanou a cabeça. Começava a ficar claro que Cassie não era uma pessoa disposta a agradar a ninguém. Tinha as ideias muito claras sobre a maneira como as coisas deviam ser. Seria isso

parte do problema? Não teria o casamento correspondido às expectativas que tinha? Mas como seria possível? O seu casamento fora, em primeiro e último lugar, um acordo comercial. Em que sentido podia não ter correspondido às suas expectativas? Ela tinha recebido as ações e ele, uma mãe para as suas filhas.

— E o que é que ganhei com isto? — perguntou, em voz alta. — Quero uma esposa.

Nos últimos dias adaptara-se aos caprichos de Cassandra, mas um trato era um trato e Cassie não estava a cumprir a sua parte. Tinha chegado o momento de acabar com aquilo. Naquela

noite deitaria as meninas cedo e assegurar-se-ia de que a sua esposa iria para a sua cama, onde deveria estar há já uma semana.

Um sentimento de antecipação invadiu-o, enquanto imaginava a noite que se avizinhava.

Cassandra chegou a casa uns minutos mais cedo do que Jared. Falou com Jennifer por um momento, abraçou as gémeas e convidou-as a irem para o seu quarto, enquanto trocava de roupa. As meninas falavam excitadamente sobre o que tinham feito durante o dia. Jennifer levara-as ao parque e tinham visto um cão. Insistiram tanto no assunto que

Cassandra perguntou-se se seria o primeiro que viam. Acabava de despir a blusa e a saia quando Jared apareceu à porta. As vozes das meninas tinham abafado qualquer som. Jared segurava o casaco ao ombro. Arqueando uma sobrancelha, deslizou o olhar ao longo do corpo de Cassandra, ao mesmo tempo que um sorriso sensual se desenhava nos seus lábios. Ela pegou rapidamente nas suas coisas e enfiou-se na casa de banho. Depois de fechar a porta, ouviu as meninas a cumprimentarem, radiantes, o pai. Sentindo o sangue a palpitar-lhe nas veias, apoiou-se na parede e tentou analisar os seus sentimentos. Tinha

sentido o olhar de Jared como uma carícia lenta por todo o seu corpo. Cada poro da sua pele ardia. Vestiu-se lentamente, tentando adiar ao máximo a sua saída da casa de banho. Mas quanto tempo poderia permanecer ali? Uma batida à porta respondeu à sua pergunta silenciosa. Abriu a porta e encarou Jared. Ele sorriu ironicamente e inclinou-se para a beijar.

– Esta noite, Cassandra. Não aceitarei desculpas nem recusas.

Involuntariamente, Cassandra olhou para a cama grande. As meninas saltavam em cima dela. Segundo parecia, naquela noite não ia ter outro remédio senão deitar-se ali. Abriu a boca, mas Jared cobriu-a com os seus

lábios, antes de ter a oportunidade de dizer o que quer que fosse. Voltou a beijá-la e, depois, fê-la sair da casa de banho com delicadeza. O jantar passou a correr. Cassandra tentou atrasá-lo, mas foi-lhe impossível, porque as gémeas estavam ansiosas para irem brincar um pouco antes do banho e da hora de dormir. O olhar implacável de Jared esteve prestes a enlouquecê-la. Não parou de a observar durante o jantar, como se temesse que fosse fugir a qualquer momento. Depois, deram banho às meninas e os quatro sentaram-se no sofá da sala a ler uma história. Mas, naquela noite, mal tinha voz. Insistiu para que fosse Jared a ler, mas

rapidamente descobriu que o som da voz dele a afetava quase tanto como as suas carícias. Quando, finalmente, levaram as meninas para a cama, Cassandra desejou poder deitar-se junto de Ashley e cobrir-se com a sua mantinha para se esconder da noite. Mas Jared aproximou-se dela, depois de ajeitar Brittany e agarrou-a pelo braço.

– Vem comigo.

O coração de Cassandra bateu desenfreado. Não conseguia ver para além de Jared, dos traços tensos do seu rosto. Não a aleijava com a mão, mas segurava-a com força para não a deixar fugir. Assim que entraram no quarto, apertou-a entre os braços. Antes que Cassandra pudesse protestar, a boca de

Jared encontrou a dela e iniciou uma sedutora e irresistível exploração. Os seus protestos morreram ao mesmo tempo que lhe retribuía os beijos, sentindo a sua paixão a crescer. Deslizou os dedos pelo queixo dele, sentiu o toque suave da sua barba e ele acariciou-a com os lábios, a língua, até a enlouquecer de desejo.

Capítulo 10

As batidas na porta soaram como um disparo.

– Papá, quero água!

– Maldição! – resmungou Jared. Abriu os olhos e olhou para Cassandra.

– Não te mexas – ordenou ele e abriu a porta.

– Ashley, querida, devias estar na cama.

– Tenho sede.

– Está bem, vou buscar-te um copo de água.

– Eu também – Brittany apareceu no corredor, arrastando a manta. – Eu também.

– Era de prever – comentou Jared, num tom irónico. Cassandra apareceu ao seu lado. – Vamos, meninas. Vou dar-vos água, mas depois vão para a cama.

– Quero uma história – disse Ashley quando o seu pai lhe pegou ao colo e a levou para a cozinha. Cassandra serviu dois copos de água e, sem olhar para Jared, observou as meninas a beberem o conteúdo. Este contemplou-a, perguntando-se se acharia que as coisas iriam mudar ignorando-o. Sentiu uma frustração enorme. Primeiro, a interrupção das meninas e, agora, a

frieza de Cassandra. Era suficiente para um homem enlouquecer.

– Desta vez vão ficar na cama – disse Jared, enquanto pegava nas duas meninas ao colo. Virando-se para Cassandra, acrescentou: – Vens?

Ela negou com a cabeça.

– Podes deitá-las sem mim.

Jared hesitou, perguntando-se se planearia escapar do apartamento, enquanto ele estava com as suas filhas. Decidindo não a pressionar, encolheu os ombros e encaminhou-se para o quarto das meninas. Depois de as deitar, voltou para a cozinha. Cassandra não estava lá. Teria voltado para o quarto? Virou-se e viu-a sentada na sala. Deteve-se à porta. Pela sua atitude, parecia ter intenção de

permanecer ali por um momento. Olhou-o nos olhos sem pestanejar e Jared soube que estava preparada para retomar a situação onde tinham ficado.

– Quero falar contigo – anunciou Cassandra, assinalando outra cadeira. – Por favor.

Jared entrou na sala e sentou-se diante dela. Mas, na verdade, o que queria fazer era pô-la às costas e levá-la para o quarto. E desta vez certificar-se-ia de que a porta estivesse bem fechada.

– Sobre o quê? – perguntou ele, ocultando com dificuldade a sua frustração.

– Sobre o trabalho, sobre nós e o nosso casamento – Cassandra engoliu

com esforço. Apesar das suas tentativas para o ocultar, Jared captou o seu nervosismo. Recostou-se na cadeira, sentindo curiosidade pelo que tinha para lhe dizer. Por um momento, o seu carácter de homem de negócios tornou-se predominante. Como seria Cassandra a negociar? Parecia demasiado suave, demasiado amável para ser boa.

– Está bem, fala.

Cassandra aclarou a garganta.

– Ia esperar até sábado. Pensava que seria melhor, mas acho que tenho de to dizer esta noite.

Uma insegurança repentina apoderou-se de Jared. Centrou-se completamente em Cassandra, esquecendo-se imediatamente do trabalho e do seu jeito

para negociar.

– Dizer-me o quê?

Cassandra voltou a aclarar a garganta.

– Vou devolver-te as ações da empresa. Pensei nisso durante toda a semana e a verdade é que não as quero.

– Porque não? Pensava que querias ter o teu próprio negócio. Tu mesma o disseste.

Cassandra anuiu.

– Mas não queria que mo oferecessem. Não sinto que ganhei estas ações. E é precisamente isso que quero, sentir que ganhei o que mereci. Aceitar as ações em troca do casamento é fazer batota. Não as quero.

Jared ouviu-a, atordoado. Pretenderia

dar por concluído o seu casamento também? De repente, soube que não o poderia permitir. Tinha de a fazer ver que não era possível. As meninas ficariam desoladas.

– Então, o que é que queres?

– Quero arranjar outro trabalho.

– O quê? – Jared levantou-se bruscamente e fitou-a, com desafio. – De que estás a falar? Não podes deixar a empresa! – as palavras de Cassandra tinham-no desconcertado. Dirigiu-se para a janela e olhou para o exterior, sem ver nada. Como é que podia sugerir tal coisa? Seria aquele o seu primeiro passo?

– Não posso ficar. Nunca saberei se o que conseguir se deverá ao meu talento

ou ao facto de ser tua esposa.

Jared virou-se lentamente para ela. Queria ir-se embora por ser a esposa do chefe? Sabia o quanto era importante para ela triunfar na carreira. Mas temia que isso fosse apenas o seu primeiro passo.

– Não tenciono permitir-te que acabes com o nosso casamento!

Cassandra olhou-o, surpresa.

– Não. Acho que combinámos que seria a mãe das tuas filhas.

– E minha esposa.

– Sim, isso também – Cassandra aclarou a garganta pela terceira vez. – Na verdade, também queria falar contigo sobre isso. Não é que queira o divórcio.

Afinal de contas, só nos casámos há uma semana.

– Algumas pessoas diriam que este casamento ainda não foi consumado – salientou ele, com ironia.

– Eu sei e esse era outro assunto que queria...

– Esta noite – declarou Jared, com firmeza.

– Queres deixar-me falar? Foi tudo muito repentino. Pareci-te muito conveniente, porque sabia lidar com crianças...

– Deixa-te de rodeios e diz logo o que tens para dizer para podermos voltar para a cama.

– Muito bem, Jared. Não tenciono ir para a cama contigo. Sei que os homens

costumam dormir com qualquer uma, mas eu não.

– Com qualquer uma? – Jared avançou ameaçadoramente para ela. – O que pensas que sou? Que estou disposto a atirar-me para cima de uma mulher quando estou para aí virado? Estive casado durante seis anos com a minha sócia. Raramente partilhámos a cama e isso não nos preocupava. Mas mantivemos os nossos votos e não procurámos entretenimento noutro lugar, mesmo quando se foi embora. E durante os últimos três anos estive sozinho.

– Precisamente por isso. Estiveste sozinho e agora não estás e desejas-me.

– Percebeste muito bem. Desejo-te.

– Sabes tão bem quanto eu que não existe amor entre nós. Acho que precisamos de mais tempo para nos conhecermos e desenvolvermos algum tipo de amizade para podermos dormir juntos – disse Cassandra, rapidamente.

As suas palavras faziam sentido, mas o momento de as dizer não era o mais adequado. Deveria ter-lhas dito há uma semana atrás. Jared não podia esperar que se tornassem em amigos. Desejava-a cada vez mais. O muro que Cassandra tinha erguido entre eles desde sexta-feira tinha crescido, não diminuído. Se a deixasse seguir em frente, seria capaz de o derrubar alguma vez? Estendeu uma mão para ela.

– Vem comigo por um momento. Só por um momento.

Após um instante de hesitação, Cassandra aceitou a mão de Jared. Estava tão perto que ele pôde sentir o aroma a rosas. Era pequena e mal lhe chegava ao ombro. A sua figura era delicada e feminina e atraía-o como um íman. Mas suspeitava que ela não fazia ideia de como o fazia sentir. Dirigiu-se para o quarto, com ela pela mão, e, ignorando a cama, colocou-se diante do espelho de corpo inteiro que havia junto ao armário.

– Olha para ti e diz-me que não percebes porque é que te desejo. Só a ti. O teu cabelo é maravilhoso, brilhante e

suave como o de um bebê – disse, encarando-a e afastando-lhe uma madeixa de cabelo da testa. – A tua pele parece seda. És tão nova que não tens uma única ruga e a sua textura é tão pura como a da mais fina porcelana – deslizou um dedo pela sua face. Ela enrubesceu, aumentando a atração que sentia por ela. – Adoro quando coras. Nos tempos que correm, a maioria das mulheres é incapaz de o fazer, mas a ti acontece-te à mais pequena provocação.

Cassandra fechou os olhos, deixando escapar um suave gemido. Jared inclinou-se para o seu ouvido e sussurrou:

– A timidez não é algo que abunde nesta sociedade e, por isso, é ainda mais

atraente.

Cassandra entreabriu os olhos e contemplou o espelho. O rosto de Jared estava muito próximo do dela, a boca junto ao seu ouvido. Viu que se afastava ligeiramente e deslizava o olhar, sem nenhum pudor, pelas suas curvas.

– És muito feminina e sensual, Cassie. Desejo-te desde a primeira noite, em Nova Iorque. A primeira vez que tiraste os óculos, perdi-me para sempre. Os teus olhos são escuros e misteriosos e enlouquecem-me. Às vezes, olhas para mim como se soubesses algo que ignoro. Outras vezes, olhas-me como se eu fosse especial e, outras ainda, como se fosse o maior idiota do mundo.

Os olhos de Cassandra encheram-se de lágrimas e Jared hesitou. Mas, assim que a viu sorrir, prosseguiu:

– Quando olho para ti, vejo o futuro, o nosso futuro. Talvez nunca sintamos um amor recíproco como aquele de que falavas, Cassie, mas podemos ter um laço de união muito forte. Quero passar a minha vida contigo e fazer amor fará parte disso. Mas não por seres uma mulher que passou por acaso por mim, apenas por seres quem és e como és, sensual, tentadora e excitante.

– Nunca me disseste semelhantes coisas, Jared. Estás a usar alguma técnica dos negócios? – murmurou Cassandra, apoiando-se nele.

Lentamente, Jared deslizou as mãos pelo corpo de Cassandra até as depositar na cintura. O estremecimento dela não lhe passou despercebido.

– Sou bom a vender coisas. Espero estar a vender-te bem, porque te quero na minha vida. Se quiseses que sejamos os melhores amigos, suponho que posso esperar. Mas quero que saibas que vai ser muito difícil esperar até acederes.

Cassandra sentiu-se maravilhada por Jared estar disposto a dar-lhe tanto poder. Olhando para os seus reflexos no espelho, soube que amaria Jared até ao fim. Nunca ninguém lhe tinha dito coisas tão bonitas. Sentia o corpo febril. Ansiava pelos seus beijos, pelas suas carícias. Deveria continuar a negar o

que ambos queriam? Até que ponto o amor era importante? O dela não chegava pelos dois? Casara-se com Jared, sabendo que não a amava. Nada tinha mudado. Mas podia explorar os limites da paixão com ele. Ele saberia tomar conta dela, como fazia com as suas filhas.

— Amo-te, Jared — disse, com suavidade.

Ele afastou-se um pouco e encarou-a, sem ocultar a sua surpresa. Sorriu lentamente.

— Se isso é o que obtenho por mencionar as tuas qualidades, deveria tê-lo feito antes.

— Amo-te muito antes desta noite —

confessou Cassie, olhando-o pelo espelho.

Ele virou-a nos seus braços e fitou-a nos olhos.

– Cassie, eu...

Ela cobriu-lhe a boca com os dedos.

– Não, não digas nada. Cada um de nós casou-se pelas suas próprias razões. Mudei de opinião quanto às ações, mas não sobre o resto. Pensava que precisava de mais tempo para chegar a ser realmente tua esposa, mas já não sou dessa opinião. Não, depois disto – deslizou-lhe a mão pela nuca e atraiu-o para si para o beijar com todo o ardor de que era capaz.

O quarto andou à roda quando ele a ergueu no ar, e converteu-se num arco-

íris quando a pousou sobre a cama. «Esta noite», dissera Jared. E seria naquela noite.

– Papá, papá, papá! – entoaram as gêmeas da porta, batendo com energia.

Aliviada, Cassandra deixou-se cair novamente sobre a cama. Ao virar a cabeça, encontrou o olhar brilhante do seu marido. Sentiu que corava, mas recusou-se a desviar o olhar. Depois das suas palavras da véspera, não se importava que visse a sua timidez ou a sua vergonha. Depois das suas carinhosas e apaixonadas carícias, pouco lhe importava, exceto voltar a

senti-las.

– Cassie, Cassie, Cassie – as batidas na porta tornaram-se mais intensas.

– Acho que as nossas filhas acordaram – comentou Jared lentamente, enquanto acariciava com doçura a face da sua esposa.

– Tens a certeza de que só há meninas ali fora? Parece mais uma manada.

Jared riu-se.

– Veste qualquer coisa, enquanto as deixo entrar – Jared levantou-se e vestiu as calças do pijama. Assim que viu que Cassandra tinha vestido a camisa de noite, abriu a porta. As gémeas entraram de rompante e pediram imediatamente a Cassandra que as subisse para a cama.

Jared contemplou a cena, incapaz de

acreditar que a sua vida tivesse mudado tão drasticamente nas últimas semanas. Antes de partir para Banguécoque, era, em todos os sentidos, um solteirão. Agora tinha uma esposa e duas filhas. O sentimento assaltou-o com força. E assimilar a situação foi uma verdadeira revelação. Amava-as. Às três. O seu olhar procurou o de Cassandra. Não era de estranhar que na noite anterior tivesse sentido pânico quando lhe dissera que já não queria as ações. Temera que pretendesse acabar com o casamento. E ele sabia que nunca a deixaria partir. Não por ser uma mãe maravilhosa para as suas filhas. Não a podia deixar partir, porque a sua vida não era nada sem

Cassandra Hunter!

– O que foi? – perguntou ela, sorrindo com algo que Brittany dissera. O seu sorriso começou a desvanecer lentamente. – Passa-se alguma coisa?

– Não – respondeu ele. Pela primeira vez em muitos anos, tudo parecia perfeito. Tinha duas filhas e uma esposa que o amava. E ele também a amava. Imaginou o seu futuro. A sua união basear-se-ia no amor, não em meros interesses comuns, como tinha pensado anteriormente, com arrogância.

– Amo-te, Cassie – declarou, com suavidade.

Os olhos de Cassandra encheram-se de lágrimas.

– A sério?

– Cassie estás triste? – perguntou Brittany, abraçando-a.

– Mamã dois – disse Ashley em voz alta, agarrando-lhe na mão. – Mamã dois estás triste?

– Não. Sinto-me tão feliz que era capaz de explodir – declarou ela, deixando as lágrimas deslizarem pelas suas faces.

Jared aproximou-se dela e apertou-a entre os braços, beijando-a com força.

– A mim também, papá, beijo – disse Brittany, colando-se a ele.

– Se Jennifer puder ficar esta noite, iremos jantar fora. Precisamos de estar a sós.

Cassandra anuiu, agarrando-se aos

ombros de Jared, como se nunca mais o fosse largar.

– Ao Marco, onde se pode dançar – salientou Jared.

– Parece-me perfeito.

– Depois voltamos para casa e, como elas já deverão estar a dormir, nós poderemos...

Cassandra tapou a boca ao marido com uma mão.

– Sei exatamente o que poderemos fazer. A sério que me amas?

– Do fundo do coração. Apercebi-me ao ver-te com as meninas. Amo-as tanto e, então, compreendi que também te amava, de outra maneira, mas com a mesma intensidade.

– Por isso é que me casei contigo –

declarou Cassandra, com suavidade. – Quando me pediste em casamento, soube que te amava. Fui lenta a responder e tu precipitaste-te oferecendo-me as ações. Não nos disseste sempre no trabalho que não nos podemos precipitar nos negócios?

Jared sorriu e mexeu-se ligeiramente para deixar que as meninas se encostassem a ela.

– Não podia correr o risco de recusares. E não quero que recuses a minha próxima sugestão.

– Da maneira como me sinto agora, duvido que consiga recusar o que quer que seja – declarou ela, com um sorriso.

– Fica com as ações. Vai aprendendo

na empresa. Não posso ter a minha esposa a trabalhar para a concorrência. Lembra-te que MaryEllen e eu tínhamos mais ou menos a tua idade quando começámos. Fomos aprendendo pouco a pouco. Fica, Cassie. Fica e constrói comigo e com as meninas a Hunter Associates.

– Achas que deveria fazê-lo?

– Com certeza – Jared inclinou-se e voltou a beijá-la.

– Não posso acreditar. Oxalá tivéssemos falado disto há uma semana! Já te deste conta de que faz hoje uma semana que nos casámos?

– Assim que organizarmos as coisas na empresa, iremos passar uma lua de mel a sério. Os dois sozinhos.

– Pensei que te tinhas casado comigo para ficar a tomar conta das tuas filhas – espicçou-o Cassandra.

– Isso foi o que eu disse. Mais cedo ou mais tarde, Helen teria encontrado uma ama. Talvez tenha acreditado nisso durante alguns dias, mas durante esta semana ficou claro que queria algo mais do que uma ama. Quero-te a ti, pelo que és, porque te amo. Para sempre.

Cassandra abraçou-o com força.

– Amo-te, Jared. Amar-te-ei para sempre.

– Abraça-me, mamã – pediu Ashley, que não queria ficar atrás.

– E a mim também – disse Brittany.

Se gostou deste livro, também gostará
desta apaixonante história que cativa
desde a primeira até à última página.

 HARLEQUIN



Sabrina

Sara Craven

Coração rebelde



www.harlequinportugal.com